

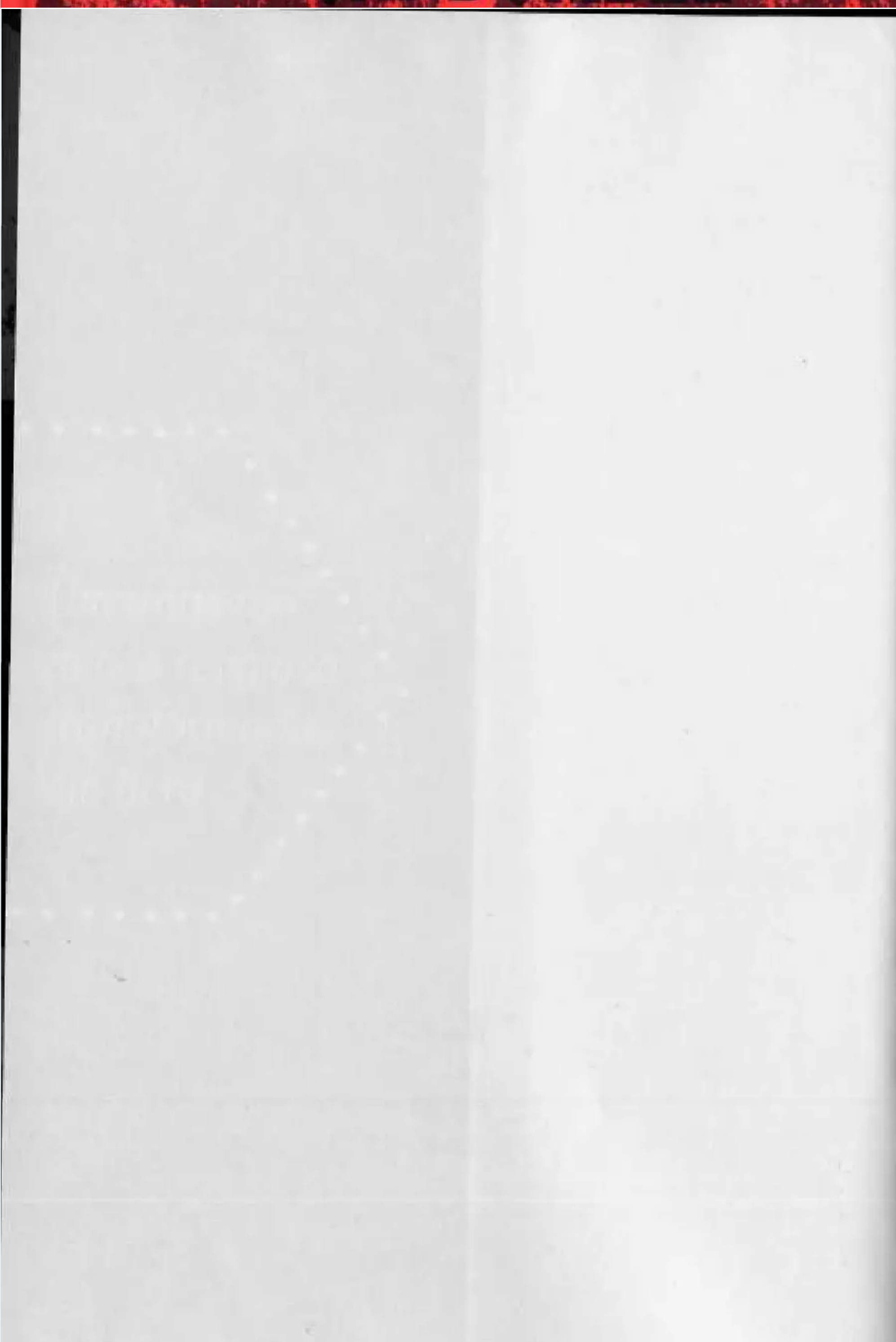
MARIA HELENA FARELLI

RITUAIS SECRETOS

6^a
EDIÇÃO

MAGIA NEGRA E
CANDOMBLE





Maria Helena Farelli

Introdução

Rituais Secretos

da Magia Negra e do Candomblé

6ª edição



PALLAS

Rio de Janeiro

1999

Copyright © 1977,
by Maria Helena Farelli

Composição:
Cid Barros

Capa:
Donato

Todos os direitos reservados à Pallas Editora e Distribuidora Ltda.
É vetada a reprodução por qualquer meio mecânico, eletrônico,
xerográfico, etc., sem a permissão por escrito da editora, de parte ou da
totalidade do material escrito.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

F23r
6. ed. Farelli, Maria Helena
 Os rituais secretos da magia negra e do candomblé
 / Maria Helena Farelli. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Pallas,
 1999.

ISBN 85-347-0135-0

1. Feitiçaria. 2. Candomblé. I. Título.

97-0705

CDD 133.43
CDU 133.4



Introdução

Os demônios se multiplicam terrivelmente. Em 1768 eram 72 príncipes e 7.405.926 diabos divididos em 111 legiões. Cada legião tinha 6.666 suportes, segundo o "recenseamento" feito pelo "inquisidor" Jean Wier.

Mas, para que eles se multiplicam e armam-se para a guerra?

Desde o princípio dos tempos, anjos e demos batalham sem tréguas e usando de todos os meios. É a luta da luz contra as trevas. Exus e anjos decaídos, arcanjos e serafins, empenhados em suas disputas cósmicas... Quais as suas armas? Quem sairá vencendo? O Bem ou o Mal?

Esta briga universal e etérea reflete-se nos terreiros. Umbanda, a Magia Branca eternamente em guerra com a Magia Negra. Pretos Velhos, Orixás e Caboclos com suas espadas de luz e seus cajados de rezas degladiam-se com os Quiumbas e Exus não batizados, ou demos, armados de maldições, pragas e mazelas. Quem vencerá, meus irmãos, a Umbanda ou a Quimbanda? As hostes demoníacas atuais estão mais fortes que nunca, pois os mortais estão aumentando seu poder, com rituais negros e presentes de sangue e luz... É o Candomblé, leitores que papel representa neste mundo de almas e

lores, que papel representam?
forças espirituais? As cerimônias fantásticas do Candomblé, as matanças, as danças sagradas, para quem são? Para o Bem ou para o Mal?

Todas estas respostas, leitor amigo, você encontrará neste livro. É uma obra perigosamente real. Resulta de pesquisas sérias. Mas, creia, irmão, um dia, no Final dos Tempos, o Bem vencerá, mas até lá, a Quimbanda e seus mágicos rituais continuarão a atrapalhar a caminhada de muita gente... Envolto em negra capa os Malvados, feios e com cheiro de enxofre continuarão até a derrocada final, a estimular as missas do Inferno, a pedir "marajo e fundanga". Você, leitor, pode escolher: a Quimbanda tem portas largas. Neste livro, você aprenderá rezas mágicas poderosas, saberá preparar filtros de amor invencível... Mas, a responsabilidade é sua leitor. Unicamente sua...

A autora

PRIMEIRA PARTE

**O TERRÍVEL PODER
DA MAGIA NEGRA**

I

As Várias Artimanhas do Demônio

Num terreiro de Quimbanda via-se na porta um sacrifício para as forças da Magia Negra. Pés e restos de um bode imolado estavam num alguidar. Cachaça, pólvora, charutos e farofa completavam o oferecimento. Até aí tudo comum. Mas, observando bem, nota-se algo diferente e assustador. *Uma serpente estrangulada com fitas vermelhas e negras.* O que é este símbolo? Só pode ser algo demoníaco, pois a serpente sempre serviu para as festas dos feiticeiros. Mas, para entendermos um pouco dos rituais da Quimbanda, devemos voltar

aos primeiros cerimoniais. Aos sacrifícios rudes nas montanhas e nos dourados templos da época pagã.

Vamos, atravessemos o véu do passado! Levantemos a cortina dos segredos dos *iniciados* e vejamos o porquê deste simbolismo fantástico...

OS PRIMEIROS DEMÔNIOS

Nas trevas da noite um barco navegava nos céus do Egito. Estamos no ano 4.000 antes do nascimento de Cristo. Impera a Magia. Na prôa deste barco navega

9

Anúbis, o demo com jeito de chacal. Ele é o *guardião dos mortos*. Ele tem a missão de vigiar as almas dos mortos. Vai levá-las para o Julgamento. Osíris pesará seus corações e verá se são leves ou pesados. Se forem pesados serão condenados. O culto dos mortos era a base da vida egípcia. E a primeira forma de religião que se tem notícia. Vemos, leitores, que o demo Anúbis, acompanha a humanidade desde o Princípio e exigia sacrifícios, templos e comidas. (*) A cerimônia que vimos na Quimbanda, em pleno século XX é bem antiga... Mas, terá algum valor? Continuemos e vamos chegar lá...

Estamos agora em Creta, num santuário negro e feio. É o santuário de PESTOFÁ. Sobre a *mesa da morte há um touro negro sacrificado*. O sangue escorre molhando a estátua da deusa das serpentes. É o culto dos mortos. Esse culto é igual ao egípcio, porém foi criado muitos séculos mais tarde. No Egito, sempre houve

...seculos mais tarde. No Egito foram deixados os templos de maior complexidade da raça humana: as pirâmides. A pirâmide de Quéops, grandiosa e suprema e esse primitivo templo de ossos da Idade da Pedra tem um traço comum: a marca do sobrenatural, do que vai além da matéria, no estranho caminho da morte, no nosso eterno pesadelo...

Anúbis foi o primeiro guardião dos mortos e Seth o pai de todos os demos que surgirão na História. Seu poder exigia sacrifícios e oferendas. Seth queria sangue para fortalecer sua luta contra Osíris, o símbolo da Vida;

(*) É preciso observar que falamos no ponto de vista histórico, assim como também ocorreu na introdução.

10

a luta entre Osíris e Seth será a mesma de Mazda e Arimã, do DEUS e do DIABO que há em cada um de nós.

Anúbis trabalhava como empregado de Osíris e de Aton, um empregado revoltado e astuto, pronto a rebelar-se e tomar o lugar do Senhor. Anúbis tinha que conduzir os mortos a Osíris e Rá, era um servo, um mensageiro dos pedidos dos homens. A mesma idéia apareceu na África, onde Exu, a negação e a revolta, servia como empregado dos deuses do Bem e da vida — os Orixás — ou os 7 Senhores Irradiantes.

Entre os demos védicos, o chefe era *TRIPURA*, o grande demo da escuridão. Os outros demos que aparecem no Rig Veda, no Samaveda e no Yajurveda são: *YAMA*, o rei do Inferno, e sua amante *YAMI*, a erótica deusa dos hindus. Fácil é observar a semelhança entre *EXU* DEU - BOMBA GIRA, o chefe dos infernos. Outros

EXU REI e POMBA-GIRA, rainha dos infernos. Outra deusa do mal do período sagrado dos vedas foi *RATI*, a Rainha da Volúpia. A concepção de Rati é quase a mesma da Pombagira da Rua, Rainha dos Cabarés da Umbanda brasileira. Os cânticos de Pombagira relembram tradições eróticas de teogonias milenares, assemelham-se os cultos de Milita e Madalena, deusas da volúpia.

“DISSERAM QUE ME MATAVAM NA PORTA DE UM
[CABARÉ
ELA É A POMBAGIRA MATEM ELA SE PUDER”

“Cântico de Quimbanda”
à dama das luzes da noite.

Os demos na tradição bramânica representam for-

ças hostis aos deuses e aos homens. Impedem os sacrifícios e a concentração.

Os pequenos demos hindus — *GANAS*, eram demos infantis, sem juízo, brincalhões, maus por sua imaturidade. São semelhantes aos *Exus Pequeninos* da Umbanda Carioca. Que resultam do sincretismo entre a lenda de Exu com a do *Saci Pererê* da Mitologia Brasileira Indígena.

Siva, o deus da fertilidade, o mestre dos iogues, a terceira pessoa da Trindade de Brahma, possuía um bando de demos, seus empregados, os *Bhktaganas*, que castigavam os homens que não seguiam os ensinamentos de Vichnu, o Filho de Brahma. . . A mesma concepção do Diabo católico. . . Siva, segundo as lendas, dirige

os gnomos das montanhas e usa uma coroa de caveiras e senta-se sobre um cadáver. É adorado no templo de MAHAKALA.

No século VII a.C. o profeta persa Zoroastro descreveu as lendas de ARIMÃ, no livro Avesta. Arimã em sua luta contra Mazda, feriu o Homem, iludindo-o com sua astúcia e fazendo nascer a morte. A lenda é bela e análoga à descrição da Gênese.

“No princípio, Mazda, o Criador, criou o céu e a terra. A terra porém era vazia, só a Essência da Vida morava lá. Porém Arimã, vibrando o mal criou de si mesmo os *devas* e tentou corromper os céus e os anjos. Sendo derrotado por Mazda foi atirado à terra e tomando a forma de uma serpente tentou ferir a Essência da Vida Física. Ao ferir a Essência da Vida criou a morte, por isso tudo que vive na terra está sujeito à morte. Mas, do ferimento da Essência da Vida nasceu o primeiro Homem, chamado Kaiamortz e depois nasce-

12

ram todas as plantas úteis, para sustento do homem; desse primeiro homem nasceu Meskhia e sua mulher Maekian. Estes foram os primeiros homens...”

“Este casal, Meskhia e Maekian ficaram vivendo na terra, regalados com frutos e com a beleza das flores. Porém Mazda havia pedido a esse casal que não comesse o fruto de certa árvore que ficava no centro da terra. Arimã, em sua veste de serpente, induziu o homem e a mulher a comerem o fruto proibido, por isso Mazda os expulsou das glórias e da mansidão da bendita terra, para com seu trabalho e sofrimento sobreviver”.

Então Arimã espelhou sua corte de devas pelo mun-

do dos homens, criando trevas e ranger de dentes". (*)

Entre os devas os mais famosos são Al e Achoma, que são demos da tentação e do furor.

Os diabos bíblicos são inúmeros e famosos por sua devastação. Na Gênese aparece o Tentador ludibriando o Homem:

1 — "Mas a serpente, o mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda arvore do jardim?

2 — Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer.

3 — Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis nem tocareis nele, para que não morrais.

(*) Segundo o AVESTA, de Zoroastro.

4 — Então a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis.

5 — Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.

6 — Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu. (Gênese, capítulo 3. versí-

culos 1, 2, 3, 4, 5 e 6).

A semelhança entre a Bíblia (Genesis) e a descrição do início do Avesta é enorme. E o demônio Achoma, dos persas, não é outro senão *ASMÓDEU*, do livro de Tobias. Arimã é descrito da mesma maneira ofídica que Satanás. Os outros demônios bíblicos famosos são: *BEBE-MOTH*, *ASCHTAROTH*, *LEVIATHAN*. Para muitos autores foi Asmodeu que tentou Eva no jardim de Éden. A descrição desta tentação por Asmodeu está no livro de Job.

Satanás, no entanto, é o mais descrito nos livros bíblicos. Jó, o profeta de Uz, foi por ele tentado...

Os demônios bíblicos são descritos com vigor, força e por isso arrastaram seu poder através dos séculos. Na Idade Média, quando a Igreja Romana impunha seus dogmas o povo vivia apavorado com lendas demoníacas, histórias fantásticas e tolas superstições.

A Igreja Medieval impôs seu domínio e seus demônios de rabo de dragão e chifres de boi. Nas catedrais da Europa Feudal aparecem anjos negros, demoninhos de barbicha, duendes tortos, entes horrorosos, anões fan-

tásticos, diabos de várias feições e encimando as muralhas medievais e góticas ficavam ogros e monstros de pedra. O medo a Satã criou o clima de pavor das cidades medievais, onde as classes oprimidas eram levadas ao sofrimento e à ignorância.

Porém, outro foi o pensamento na Grécia, em relação aos demoninhos da luxúria e do prazer carnal. Sátiros, faunos, sibilas enfeitavam os jardins e os oratórios

de Atenas e Esparta. O culto de BELIAL, o demo da raiva, era baseado em sacrifícios e orgias. *Baco*, o alegre deus do vinho, era carregado em cortejos barulhentos pelas regiões da Grécia Antiga. Nesta ocasião o povo entregava-se à farras e libidinagens. PLUTÃO (PROSERPINA, o casal que mandava nos infernos gregos, são semelhantes aos nossos Exu Elegbá e Pombagira. A História se repete... Nada se cria tudo se transforma... Aí estão eles de novo saravando, bebendo, amando, cantando suas cantigas de festa e delírio.

Exu é o ente fálico, continuador dos cultos libidinosos, alegres e eróticos da Antiguidade Clássica. Exu trouxe até a era atômica o milenar culto sexual e o antigo culto do fogo, ardente e fecundo, o culto do desejo e da alegria.

EXU QUANDO CHEGA NO REINO
TRAZ ALEGRIA E A NOITE É MAIOR
SUA BANDA É CHEIROSA DE ROSA
SUA CANTIGA NÃO FALA DE DOR

“Cântico da Quimbanda”

EROS e TANTALOS, demos gregos e romanos do prazer, eram os protetores dos casais e o casal que se

consagrasse a Eros teria que praticar farras em banquetes que duravam a noite inteira, iguais às cerimônias da Quimbanda.

Os senhores da noite da civilização fenícia eram aclamados em festas onde os tocadores de harpa enchiam o ambiente de alegria e sacerdotes queimavam incenso e faziam orações mágicas. Nos templos fenícios

os magos com suas mãos tatuadas de linhas mágicas e de símbolos ocultos invocavam os demos e faziam previsões do futuro.

“As trevas da noite vêm manchar a lua
E a música chama a ti, envolto em púrpura
Oh, grande demo de Tiro e Sidom.”

“Invocação fenícia de
caráter mágico”

Sacerdotes de Moloc, vestidos de púrpura, gritavam imprecações a esse deus mau e carniceiro e chamavam os entes da madrugada, com seus sombrios olhos de espanto.

Em Jerusalém, no templo de Javé, escribas, rabis e doutores, no meio das rezas do Schema, ou em meio ao Sabá, contavam histórias de demônios que arrepiavam os assistentes, fazendo-os pagar impostos aos membros do Sinédrio. O povo, apavorado, queimava resinas aromáticas e sacrificava animais aos pés do altar, ou ajoelhava-se sob os *Pórticos de Salomão* ou sob as pedras lisas dos santuários, a fim de afastar esses demos negros de cabelos de chamas.

Diferentes dos ocidentais foram os demos do budismo. Lá na mística índia não havia uma demonolatria e sim uma noção de que a desarmonia e o excesso eram os piores males humanos. Quem criou essa doutrina foi

Buda e os demos da desarmonia que o tentaram foram: *Arati, Trishma, Raga* e os demos inimigos da Sabedoria: *Attavaã e Kama*.

Maomé, o profeta do Islão, acreditava nos demos e julgava os ocidentais como demonólatras e idólatras.

O mais temido demônio da Arábia foi DJANN — o perverso.



Ajanta. Pintura mural. Las tentaciones de Buda
(AJANTA)

(As tentações de Buda) Buda foi tentado por todos os demônios e ilusões do reino de MARA e reagiu vencendo o excesso e a preocupação com as coisas materiais. Os demônios do budismo são os sentimentos negativos, os desejos e a dor. Os mais conhecidos são Arati, Raga, Attavada, Kama e Trishma, que aparecem no desenho. Estão sempre acompanhando o Homem no seu ciclo de Renascimentos, que constitui o SANSÂRA. O único meio de escapar aos terrores dos SANSÂRA é o NIRVANA.

Entre os chineses havia ARACHULA, o espírito dos ares, que fazia vir vendavais e negrume, e havia ARDAD,

o que desviava os navegantes e trazia a saudade de casa.

Nas lendas de Elivan, o impiedoso, aterrorizava com seu poder de advinhar o futuro e o dia da morte. Elivan aparecia nas sombras da noite, nas manchas da lua, nas madrugadas de neblina com seu cortejo de horrores e delírios.

É claro que todos esses endiabrados seres do sobrenatural tinham seu culto particular, seus objetos de agrado, suas rezas mágicas, os meios de serem invocados, as suas lendas e seus seguidores, ou demonistas. Os demonetes possuíam ainda seus animais preferidos, exatamente como o Exu do Candomblé baiano, da Quimbanda, do Xangô pernambucano e dos Catimbós do nordeste.

Dentre os animais o *bode* foi o símbolo de vários demos, assim como a *cobra* e o *morcego*. Nos cortejos orgiásticos de Baco, pelas suburras romanas o bode era carregado, enfeitado de flores e acima de todos os animais oferecidos ao bêbado demo do vinho. Exu com sua lúbrica bebedeira e seus gestos imorais lembra as estátuas impúdicas de Baco, o Dono da Alegria.

O bode é um animal de Aluvaiá e as partes de que ele mais gosta são as partes sexuais — e vemos esses sacrifícios em muitos candomblés, mesmo no Rio Moderno. Aliás, os demos sempre exigiram sangue, quer na África, na Ásia ou na América, onde os povos pré-colombianos faziam matanças aos espíritos dos incas e maias, que viajavam no espaço em seus barcos leves e negros.

O galo preto é outro animal que serviu através dos séculos aos demônicos e demos maiores, em todas as terras, porém o galo é também uma ave sagrada nas



**Satã em sua glória original
Pintura de Blake**

O culto de Satã, que é invariavelmente representado pela serpente, nasceu talvez, da ofilatria dos atlantes, daí passando para outras lendas e estórias. Entre os semitas era chamado de "o Inimigo", entre os muçulmanos era XAITÃ, entre os mexicanos XATÃ. Blake afirmava tê-lo visto da forma acima. Outros viram-no com chifres e tridentes.

Escrituras e nas "curimbas" da Quimbanda, como afirma Cavalcanti Bandeira. (*)

Sobre a cobra há milhares de referências; ela é a serpente sagrada de muitas seitas. Foi Dâ, dos gêges, Oxum-marê dos nagôs, Kukulcan dos maias, e foi descrita em milhares de textos sacros do paganismo. Aparece simbolicamente no APOCALÍPSE de S. João.

Cobras aladas, carros que voam, anforas mágicas, mezinhas poderosas, anjos tortos, diabos e assombrações, visões terríveis, fantasmagorias, eguns, coisas do sobrenatural, santos, mártires, sacrifícios, medo e sonho, poder e derrota, tudo isso envolve a figura de Demônio e de Exu, o pobre milionário da Quimbanda. Mas na verdade quem é Exu? De onde vem seu poder e sua gente? Qual é o seu pecado? Quem é um Exu batizado e um pagão? Tudo que é errado no Homem traz a sua marca? Ou fomos nós, os degenerados filhos do Ente Supremo, que criamos estas idéias?

Quem é a Mulher-Demônio, que aparece em milhares de seitas religiosas, do Oriente e do Ocidente? Quem é *Proserpina*, Vênus do prazer carnal, ou Madalena dos 7 Pecados? Quem é Pombagira, demo de saias, amante de 7 Exus, moradora da Encruzilhada, onde todos os caminhos se encontram e nas giras da Quimbanda?

Abra sua capa de negrume, Exu, Senhor das 7 Calungas negras, Exu das 7 Encruzas, Exu das madrugadas, e retire todo o fabulário, a lenda que ela arrasta!

Mostre seu tridente, reminiscência de outras eras esquecidas, seu mágico bastão de três caminhos, *do três sagrado!*

(*) Para maiores informações verificar o livro "O que é a Umbanda".

Bata com o pé no ritmo dos atabaques, Exu Tranca-Ruas, e mostre a sua verdade e o poder de sua gira mais alta. Fale-nos da sua morada, entre nuvens de fumo e aloé.

Relembre-nos o seu mistério, que é a queda do Homem, e foi a maldição da Terra.

Conte-nos da inveja de Caim, seu conhecido e seu seguidor, e diga-nos de sua descendência no Oriente do Eden. Fale-nos do nascer das formas, geradas por PÃ, do desabrochar dos frutos e das cores, no seio fértil de CIBELE, a Mãe Terra. E conte-nos que essa mesma vida que renasce dia a dia e que evolui dia a dia, traz uma parte que é sua, do eterno demo da luxúria e da fecundação...

Exu: Amigo ou Inimigo?

Já ouvi falar de Exu nas rodas de iaôs, nas ruas antigas da Bahia, nos botequins mais alegres, na voz dos mais sérios ogãs. Já escutei sua gargalhada ladina, irritante e irresistível nas noites de gira negra. Já olhei seus simbolismos, suas lúgubres corridas pelas 7 portas, pelas 7 encruzilhadas, pelas 7 calungas.

Mas, quem é Exu?

Conheço Oxalufã com seu cajado de prata; conheço bem Xangô com seus trovões e suas três montanhas sagradas; conheço Iansã dona das ventanias e Oxum cheia de dengue em suas cachoeiras douradas. Mas Exu, quem é? De onde vem seu primitivo mistério? De onde vem sua alegria ruidosa, seu sonho de festas e orgias e seu povo galhofeiro e enorme?

Conheço bem Ogum com sua espada de ouro e seu fado guerreiro; canto à minha mãe Iemanjá com seus peixes de espuma, seu mar de estrelas, sua lua eterna de amor; sei das fontes de Euá, das folhas de Ossãe envoltas no perfume das matas; do poder milenar de pai Omolu — atotô Mestre das Almas — atotô Abaluaê. Mas de Exu, quase nada se pode saber.

De onde vem o poder de Exu Rei? De onde vem sua gente que conduz nosso medo e nossa imaginação? Será o antigo povo de *Lúcifer*, ou de *Satã*, o revoltoso? Serão os seguidores de *Pã* e seus sátiros? Serão participantes das missas negras ou talvez bruxos medievais? De onde vem toda a corte de Exu das madrugadas? Quem é Exu dos 7 caminhos?

Exu — o belo — horrível — nos fascina e leva-nos aos castelos soturnos e às sombrias cavernas, aos feiticeiros e demos, aos encantados e ao bruxuleante fadário, à Pombagira e sua erótica jornada.

Exu — dono dos cruzeiros vermelhos e dos símbolos medievais. Exu — dor e prazer. Exu — nosso irmão mais próximo, pois, ele conhece nossa vontade mais escondida, nossa curiosidade e excita nosso pecado. Exu, quem é Exu?

Quando nas madrugadas ele chega com sua capa negra, seu marafo, seu passo incerto e bêbado, é ele quem comanda a gira primeira, é ele quem segura a gira mais alta, é ele quem leva nas costas toda a mironga. Leva para onde? Ele corre céu e mar, entre a serra grande e a terra, ele abre todas as porteiras, fecha todas as ruas e olha a sua banda com fé. Mas quem é Bombojira?

Vou abrir sua gira, jogar os búzios, chamar os mais velhos pais-de-santo, as tias da África, o bento Ojuará, os mestres do Engenho Velho, as feitas nas camarinhas do Gantois, os "cavalos" mais estranhos da Quimbanda, vou invocar os ventos de Oiá, as ialorixás de carapinha branca, trazer seu ebó regado à azeite de dendê e ressoar o adjá e quem sabe então saberemos quem é o Exu?

Talvez entre o bem e o mal, entre o real e o sonho,
no meio termo entre o ser e o não ser seja seu verda-
deiro lugar...





*Pomba-Gira, mulher de 7 exus, trabalha para o bem, mas é preciso cuidá-las e estudar-lhes bem as manifestações, como afirma o pesquisador Decelso em seu livro *Tranca Ruas das Almas*.*

Talvez na medida entre o medonho e o maravilhoso seja a sua morada.

Talvez Exu seja Oharma-Rája, o Senhor da Morte, ou Anúbis, o guardião dos mortos, ou Tripura, o grande demônio da escuridão? Seu místico caminho talvez seja o de Manusava, ou então o estreito caminho que leva ao Tártaro, onde vivem Plutão e Proserpina. Quem é afinal, Arati, Ardal ou Júpiter Amon, e seu tridente mágico?

Os tempos apocalípticos são chegados? O ciclo está prestes a ser fechado? Na era da Cibernetica, na era prevista na "Guerra Sagrada - TEOCALIS", quando um tempo de paz está sendo formado, contarei um pouco da história dos demônios entre os homens!

AS LENDAS AFRICANAS

As lendas africanas contam que Olorum, o deus supremo, foi o criador do mundo.

Olorum deu vida a tudo que existe, gerou os homens e os Orixás. Porém, Olorum é hoje quase desconhecido, esquecido que foi pelos iorubás.

O mesmo ocorreu com O Criador em todas as religiões.

Os deuses secundários, filhos do Pai, tomaram o lugar principal nas cultas de todas as partes do mundo.

lugar principal nos cultos de todas as partes do mundo. No catolicismo aceita-se que Cristo tome o lugar de DEUS, pois é o Verbo que se fez carne e habitou entre nós. A idéia é bela e esse é um dos mistérios da Santíssima Trindade Católica. Mas, deixando de lado os Mistérios Sacros, e apreciando o fato pelo lado do pensamento popular, vemos que o povo não pode entender Deus, a Força Criadora, a Causa Primária de tudo que

26

existe no universo infinito, e por isso, entende um pouco melhor a Jesus, e muito mais ainda, os santos católicos, que foram gente como nós...

Assim também ocorreu com os filhos de Olorum: Xangô, Ogum, Oxóssi, e com suas filhas, as divindades da água — iyabás.

As iyabás e os Orixás masculinos, descendentes de Olorum, recebem mais culto, são mais conhecidos e amados do que Zambi ou Olorum. Nas curimbas, saudam-se Oxalá, Xangô, Ogum, e esquecem-se de Obatalá e Odudua. Por que? Para os psicólogos, os "filhos" tomam o lugar do Pai, por uma *situação edipiana*. Para a ciência, Odudua e Olorum são abstrações e não falam direto ao sentimento do povo, sendo assim, os filhos revoltosos, heróicos, e mais "humanos" tomam o lugar do Pai e da Mãe.

A teoria de Édipo tenta explicar nosso comportamento em relação aos filhos dos Deuses Supremos. Freud, em "Religiões e Tabus" declara:

"No período primitivo da vida humana o homem-animal mais forte e combativo era o condutor da horda, sobre a qual exercia um poder ilimitado, tirânico, gozando do direito de possuir todas as mulheres que de-

sejasse. Lógico que esse direito enorme do pai, despótico e senhor de tudo, gerava ódio nos outros homens da tribo e um enorme desejo de vingança.

Os filhos, os jovens da tribo, reuniam-se, então, e assassinavam o chefe.

Com a consciência do crime, apavorados ante a falta do líder, temendo sua vingança (pois o homem primitivo não entendia a morte e temia que o morto saísse do sono e voltasse para se vingar) os filhos iniciavam um ritual, com tabus, oferendas, e adoração. Daí surgia

27

todo um cerimonial, onde o líder morto virava um deus protetor da tribo.

A *parapsicologia* pretende assim justificar nossa adoração ante o desconhecido e nossa identificação com os filhos, os revoltosos filhos destruidores. Dessa forma, se levarmos esse conceito para a África, Odudua ou Zambi eram adorados com medo e com falsidade e os Orixás, seriam identificados com os homens da tribo e cultuados com sinceridade e amor.

Realmente o Orixá Criador não encontra guarida no sentimento popular, e sim os Orixás filhos de Zambi ou Olorum e que, segundo a lenda, nasceram da Mãe e de um filho que a desejou e violentou. E o caráter fálico dos Orixás é inegável. Xangô, por exemplo, possui várias esposas e tem uma natureza revoltada e agressiva. Nas lendas, Xangô é amante de Iansã, Obá, Oxum e domina pela força, simbolizada pelo raio e o trovão que, sem dúvida, fazem lembrar no inconsciente do Homem velhos complexos esquecidos. Xangô é um herói, um deus agressivo e rebelde, edipiano e fálico.

Porém o mais agressivo e fálico dos entes do Panteão Africano é Legbá, a revolta e a luta, a negação con-

tra o Pai, o orixá fálico por excelência. Exu, na fusão do culto afro com o catolicismo, encontrou seu irmão Diabo e as semelhanças entre ambos eram tantas que o sincretismo ocorreu naturalmente.

A religião católica também apresenta seus santos mártires e guerreiros que tomam no inconsciente do povo maior importância do que o Pai. A explicação é a mesma: O Criador é uma incógnita para nossas mentes pequenas. Sua grandeza e bondade não podem ser compreendidas por nossas faculdades limitadas, por isso muitos seres humanos não crêem em Deus — são ignorantes demais e orgulhosos de mais para vislumbrar a

28

Causa que gerou todos os mundos deste Universo Infinito. Assim, vimos criando “deuses menores”, para nosso entendimento e cultuando santos em altares enfeitados de fitas e velas... O povo bajula os santos católicos que se aproximam mais de suas mentalidades. S. Sebastião e Oxossi sincretizaram-se e apresentam as mesmas características para a adoração popular. Da preferência que os negros tinham por certos Orixás e da predileção que os católicos possuíam por certos santos resultou um sincretismo natural e espontâneo. S. Jorge tornou-se Ogum, no Rio, e S. Lázaro, Omolu. *A mentalidade do povo é a mesma, quer seja de pele negra ou branca.*

Assim, a milenar adoração da chama, do fogo sagrado era a mesma na China, na África, entre os hebreus e entre os romanos. As vestais romanas viviam para cuidar do fogo sagrado. E Exu, em nossos dias, quer seu culto com fogo e pólvora em círculos de velas. E todas as lendas do Diabo Católico contam de fogo e enxofre; logo, há semelhanças... Passam os séculos e as mesmas idéias continuam gerando cerimônias e ri-

tuais.

As velhas tradições pagãs e fálicas residem na figura de Barabô e de sua mulher, tradições da antiguidade Clássica e das Mitologias anteriores ao Cristianismo. Por exemplo, na Quimbanda, no Catimbó, vemos bruxarias onde o fogo é fundamental, assim como as partes sexuais do bode, do galo, do carneiro, dos porcos, mortos para esse fim.

Os *catimbozeiros* e quimbandeiros são bruxos, iguais aos medievais, e estão quase sempre envolvidos com a polícia, por suas algazarras nas reuniões para fazer o ritual de Magia Negra. Esses bruxos usam palavras de baixo vocabulário, fazem gestos imorais em suas reuniões e todos os participantes ficam excitadíssimos, e

29

bebem a Jurema (álcool com ervas). Legbá, com suas sete mulheres, repete a tradição erótica gravada em nosso subconsciente, pois ele é o continuador degenerado dos cultos orgiásticos e libidinosos da África.

Sua mulher, Pombagira, tem o mesmo caráter forte e sensual:

Cuidado com ela
Ela é um perigo
Ela é a Pombagira
Mulher de 7 maridos

A projeção das tendências fálicas de nosso inconsciente gerou demônios e diabos, segundo a parapsicologia. Olhamos para esses entes com horror, assim como olhamos para o desconhecido. Mas, para a ciência, fomos nós que os criamos, e eles são apenas produtos de nossas mentes. Será verdade? Até onde vai nosso medo? Até onde antigas culturas...

onde antigos cultos, sonhos e pesadelos, realidade e ficção, surrealísticas visões, bajulações e adoração poderão conduzir? Exu pode levar-nos, trepidantes de medo, aos píncaros de nossa glória e aos terrores de nossa origem... Araruê Sete Encruzilhadas.

*"Ponto cantado
da Quimbanda"*

"Quando a lua sair a banda vai clarear
Salve a nossa grande estrela
Salve a nossa grande lua
Saravá seu Exu Rei
Seu Sete Encruzas
E Pombagira".

3

Satã e a Bíblia

A história de Satã é muito conhecida, pois foi contada pelos padres católicos e por rabinos judeus através de séculos.

Em resumo a notícia que temos de Satã foi sua revolta, por orgulho e inveja contra Deus. Vencido, foi precipitado no abismo, onde tornou-se senhor. E, por

vingança, seduziu o Homem, e dele tornou-se péssimo conselheiro.

No livro do profeta Isaías (XIV, 12, 15) pode-se ler esses versos:

“Oh, que queda foi a tua, lá de cima, do céu,
Ó astro matutino, filho da aurora!
Oh, como foste derrubado para a terra
Tu que calcavas os pés nas nações!
Disseste no teu coração:
Eu subirei ao céu,
Levantarei o meu trono
Sobre as estrelas de Deus;
Repousarei sobre o monte da Assembléia
Na parte extrema do Setentrião;
Subirei sobre o cume das nuvens,
Serei igual ao Altíssimo.
E contudo foste precipitado no Sceol,
Nas profundezas do abismo”.

31

O texto de Isaías é aceito como o mais antigo testemunho da queda do Arcanjo, das maravilhas das glórias do firmamento, para as trevas do abismo. Alguns autores, porém, acham que essa descrição é a de um rei antigo, caindo de seu poder, sendo dominado pelos hebreus. Outros autores afirmam que a narrativa é fantástica demais e que é uma divagação de Isaías. Será puramente fantasia, lenda, a queda do *Anjo Belo*, o enigma eterno da revolta, o Arcanjo invejoso?

Para buscar a verdade podemos recorrer a textos antigos, onde Satã é personagem constante; em hebraico o nome Satã quer dizer o *adversário*, ou o *inimigo* (*); em grego é o sinônimo de o *caluniador*, e o *acusador*. Logo se ele era chamado de inimigo e adversário, quer

Logo se ele era chamado de inimigo e adversário, quer dizer que os hebreus acreditavam que houve luta, houve uma tentativa de Satã em subir até o lugar do Criador, acima de tudo, até do próprio Criador. O texto de Isaías é exatamente igual à essa concepção. Além do mais, as palavras dos profetas não foram aceitas sempre como uma inspiração de Deus?

A teologia aceita a revolta do Anjo Belo e sua conseqüente queda para o abismo além do seu domínio sobre a terra, por vingança e revolta.

Porém, no APOCALÍPSE, último livro canônico aceito pela Igreja, lemos:

“E houve batalha no céu:

“Miguel e seus arcanjos combateram com o *Dragão*, e o *Dragão* e seus arcanjos combateram, mas não conseguiram levar a melhor e daí por diante não houve lugar no céu para eles. E o *GRANDE DRAGÃO* e a *Antiga Serpente*, o sedutor do mundo inteiro, foi precipi-

* Os teólogos hebreus dizem “HASCHATAN”, que é a raiz etimológica de Satã.

tado sobre a terra e com ele foram precipitados os seus anjos.”

No mesmo livro, no capítulo XX podemos ler:

“Mas a fera foi presa e com ela o falso profeta... Todos os dois foram lançados vivos no lago de fogo sulfuroso.”

A fera e o *Dragão* são nomes que designam o poder das trevas e dos demônios.

No livro de Job, Satã percorre o mundo para observar a conduta dos homens e dela fazer um relato a Deus.

Em outro livro, na opinião do profeta Job, Satã estaria

Logo neste livro, na opinião do profeta Job, Satã estaria à serviço de Deus, estaria como empregado de Deus, seria um enviado divino, para relatar as maldades dos homens e castigá-los. Essa idéia fica exatamente dentro do pensamento que os africanos e quimbandistas atuais tem sobre Exu. Só no livro de Job encontramos, entre os hebreus, concepção semelhante àquela de nossos primitivos africanos. Mais uma vez a religião negra, remanescente dos lemurianos, parece ter sua verdade confirmada.

Uma característica de Satã que aparece entre todos os livros dos hebreus é a de que Satã sempre quer imitar a Deus, em tudo, por isso, querendo igualar-se com o Criador, possui também uma TRINDADE. Essa Trindade Demoníaca tem exatamente a mesma construção das Trindades de todas as religiões orientais e ocidentais. Resumidamente poderia dizer que Trindade é Um Deus em Três Pessoas distintas. O Pai-Criador; o Filho-Continuador; e o Princípio da Fecundidade: as milhares de Vênus e Mães das milhares de seitas religiosas. No princípio do mundo o Demônio ainda Anjo Belo, não possuía esta Trindade, só com o passar dos séculos criou a sua

Trindade. E baseado na Trindade Divina, onde Deus é um PRINCÍPIO ÚNICO, com TRÊS EXPRESSÕES DISTINTAS, baseado na Trindade Eterna criou a sua, que é assim:

O REBELDE: A Criatura que quer substituir o Criador.

O TENTADOR: A Criatura que tenta imitar o Filho.

O COLABORADOR: A Criatura que Atormenta os Homens sobre a Terra.

A Trindade Demoníaca foi estudada por *Papinni*, escritor cristão italiano, que defendeu a teoria de que como tudo sobre evolução, o Demônio estava evoluindo e um dia, no final dos tempos, será perdoado por Deus.

S. Agostinho, o grande teólogo da Igreja em sua *Suma Teológica*, também andou estudando as reações do demo. Um dos seus discípulos escreveu que "O Diabo está em toda parte"; assim cada um de nós é campo de batalha dessas duas forças que movem o mundo — o Bem e o Mal — e tudo tem dentro de si o eterno amor e o eterno ódio. . . Essas duas forças receberam o nome de DEUS e de Diabo, e esse dualismo em nós vem criando através dos séculos deuses e demós, em centenas de religiões. O Bem e o Mal eternamente degladiando-se em tudo que vive faz a paz e a guerra, a luz e as temerosas trevas, a alegria e a tristeza, a vida e a morte. Somos negação e afirmação. Somos felicidade e desespero, sonho e pesadelo. Nas trevas da noite imaginamos ver demós e dragões, sussurros e gritos, olhos maiores do que casas, e gigantes-cos répteis, mas quando o dia nasce com sua mensagem de vida, quando olhamos o céu e o nascer sereno da rosa, todo o medo se desvanece como neve em dia de sol. E as trevas dão lugar à luz. E depois, outra vez as trevas se fazem em nós, em nossa volta, e a noite virá orlada de rosas negras e sombreados, e desenhará espectros dantescos em

tudo Eternamente será assim: confiança e medo, o bem e o mal, Deus e o Diabo a conduzir-nos e a perder-nos? . . .

O dualismo, enraizado em todos os povos, é descrito dessa maneira entre os árabes;

CORÃO (XIX) Alá é inimigo do demônio.

Já entre os hebreus, Abrão diz a seu pai Tare; "Meu

pai não adoreis a Satã. Em verdade Satã rebelou-se contra o MISERICORDIOSO". Parece que o pai de Abrão estava deixando-se levar pelo mal. E isto entre o povo eleito, na cidade de Ur... Até lá, no seio dos hebreus, o povo ficava entre um e outro, entre a luz e a treva, talvez na medida e no lugar em que seja a nossa verdadeira condição de ser humano...

Em verdade, na Palestina os hebreus tiveram uma enorme preocupação com o Diabo. Os livros sacros registram essa verdade. E a Magia, foi usada por todos os grandes profetas de Israel. Segundo Elifas Levi, magos foram Enoc, Abraão, e Moisés. Vemos que a Magia atrai o Homem desde seu aparecimento. Em *Atlântida* os iniciados do grande Templo de Poseidon eram conhecedores da Alta Magia. No Egito a Magia era a base da própria existência. E segundo os iniciados no ocultismo ariano, tudo tem magia, tudo emana força e vibração segundo sua natureza.

Sacerdotes, bruxos, mágicos, milagreiros, videntes, advinhos, satanistas e ocultistas — o Homem a provar o gosto estranho da Magia.

Moisés, por exemplo, é entre os profetas de Israel o mais ligado à arte mágica. A causa desse relacionamento de Moisés com a Magia foi o seu estudo na biblioteca de Tebas, e à sua vida no deserto, ao contato com a mágica dos nômades das areias e com os hierofantes de Mi-

diá. A mais bela estátua de Moisés, esculpida por Miguel Angelo, apresenta o libertador dos judeus com chifres à cabeça. E com um ar situado e demoníaco. Por que? A resposta vai chocar alguns leitores: porque entre Moisés e o Demo havia muita semelhança. Se não, vejamos: o primeiro ato de Moisés foi o de matar um

egípcio, enterrando-o nas areias do deserto. Mais tarde, discutindo com magos egípcios, Moisés, demonstra conhecer mais a magia do que eles e quando as serpentes atacam os hebreus, ele usa uma *serpente de ferro*, que domina as outras víboras e volta a ser imóvel... Sabemos que a cobra sempre foi um animal representativo do mal e Moisés a usou como instrumento... Talvez, por essa razão, o Demo exigiu na hora da morte de Moisés, o seu corpo, disputando-o com o Arcanjo.

Moisés e Satã tinham em comum a violência, a ira, a rebeldia. Porém, mais tarde Moisés arrependeu-se e foi perdoado. Mas sua vida foi sempre marcada por violência e Magia. Será que Satã ajudou a Moisés? Papinni, o demonólogo, acha que sim... Sacrilégio?...

O Dragão e a Serpente com Asas

Que estranho fascínio exerce sobre nós a figura mítica e arrastante da serpente?

Nas ruínas de templos antigos, cheios de estatuetas de ouro e pedras, a silhueta esguia e erótica de serpente é uma constante. E em todas as lendas de divindades da Idade Antiga, a cobra sonolenta e sutil aparece como pai, ou mãe dos homens-deuses, ou como o próprio deus da terra e dos homens.

No Egito, onde o mistério escorreu como um óleo perfumado pelo Nilo, a víbora era um deus de grande poder. Seu desenho está gravado para sempre nos túmulos dos faraós e dos escribas. Na cabeça dos faraós, o escaravelho e a cobra representavam o poder.

A serpente egípcia era um gênio, uma partícula menor da divindade, e em Tebas os sacerdotes de Amon adoravam a manhosa víbora dourada e seguiam-lhe a falsidade. No túmulo de Tutankamon foi encontrada uma cobra de ouro entre as deusas e deuses da câmara mortuária. E não apenas na câmara mortuária desse faraó-menino, mas em todos os túmulos nas areias do deserto estão as descrições e desenhos da serpente.

Em Creta, a principal divindade, a deusa das serpentes, dominava esse animal e em seu templo a decora-

rara beleza exigiam sacrifícios sangrentos no santuário negro. A cobra sagrada só se alimentava de animais belos e novos e até de jovens guerreiros vencidos. Na mitologia grega a terrível serpente de cem cabeças, PITÃO, foi a inimiga de Apolo, deus da luz. Desde o nascimento deste filho de Latona e Júpiter, Pitão o perseguiu, sendo dominada por Apolo, em Delfos.

Na Macedônia, o filho de Olímpia, Alexandre, segundo as lendas, era filho de uma serpente. Olímpia, jurou pelos deuses todos, que uma serpente penetrara em seu leito e deixara em seu ser um filho. A bela Olímpia odiava, o rei, e prestou culto à serpente que lhe deu um filho... Alexandre, que tornou-se um deus-herói, era, assim, filho de uma serpente...

Na Índia, Vishnu, a encarnação de Brama, dominava a serpente ANANDA.

No Genesis, capítulo 3, versículos 14 e 15 encontramos:

“Então o Senhor disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos, e o és entre todos os animais selváticos: rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias de tua vida”.

15 — “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te pisará, e tu lhe ferirás o calcanhar.”

Séculos mais tarde os artistas da Renascença desenhariam a *Mãe de Deus calcando os pés sobre a cabeça da serpente*, mostrando assim que Maria tem mais poder que o mal e só Ela pode realmente vencer o mal. Milhares de estátuas e pinturas da Mãe de Cristo a representam com os pés sobre a cabeça de uma feia cobra; Nossa Senhora das Graças é representada assim e a

“Medalha Milagrosa” é assim também. Em quase todas as igrejas católicas podemos ver a Virgem Maria dominando a serpente do mal.

Porém, outra era a concepção da serpente sagrada entre os maias.

KUKULKAN, a serpente voadora, foi o principal deus dos maias, povo pré colombiano que deixou nos jangais e terras da América do Sul suas construções colossais, em forma de pirâmide — semelhante às egípcias.

O deus ofídico exige sacrifícios, templos, oferendas. E o povo maia a adorava com presentes de milho, óleo, e pedras preciosas.

Kukulkan viajava nos céus, deixando um rastro de luzes coloridas e assustando seus adoradores. Kukulkan é uma concepção semelhante à idéia de Mercúrio e Votan-deuses voadores, senhores do raio mágico, donos do fogo destruidor.

Nos livros dos sacerdotes maias encontramos desenhos dessa cobra voadora e também em muitos monumentos em ruínas. No poço sagrado de Chichén Itzá os arqueólogos descobriram milhares de desenhos de serpentes e répteis e nesse poço escuro sacrificavam-se animais para a serpente voadora, *a sagrada víbora com asas*.

Por que os maias aceitavam como deus uma serpente?

E por que a serpente voava, visto que este animal jamais deixou de arrastar-se por terra? E por que a serpente do Apocalipse voa e tem um enorme poder de malfício?

Interessante é observar que na França, durante o período medieval, havia também a crença na serpente-alada, MELUSINE, que voava à noite nos céus e tentava entrar nos castelos

Por que?

A resposta está nos textos sacros de todas as seitas religiosas da Antiguidade. A serpente é a forma mais usada para representar o Demônio. Ela está na Bíblia, na tentação de Eva, está no Avesta, na lenda da criação do Homem. Está nos livros cuidadosamente escondidos aos não iniciados, está nos cânticos do Himaláia, está em nosso medo e nosso pesadelo... Kukulkan é a mesma concepção da serpente do Éden. Os atributos são outros, mas a essência é a mesma. Esse deus Kukulkan nada mais é que o demo bíblico, com função divina? Aliás muitos deuses foram ao mesmo tempo deus e demo, como é o caso de *BAAL*, que era para os fenícios o bem e o mal e mais tarde passou a ser apenas deus do bem. Assim a serpente alada seria o vestígio das crenças dos antepassados dos maias, que segundo Braghine emigraram da Ásia para a América e conservaram, como puderam, suas crenças primitivas. Assim como os indígenas brasileiros, em suas cerâmicas, conservaram ritos e crenças de seu lugar de origem. A fauna e a flora brasileira não aparece como decoração das cerâmicas de nossos índios. Mas a serpente, essa aparece em quase todas as botijas e jarras, assim como outros deuses assustadores e oriundos da Ásia...

Entre os maias, com o passar dos séculos, Kukulkan deu seu lugar a *Quetzalcoatl*, a outra víbora alada dos maias. *Quetzalcoatl* simboliza o voo. Para Cardinale representava um disco-voador.

Dã, o deus africano representado como uma cobra voadora é exatamente igual ao maia Kukulkan. Para melhor observar essa semelhança vamos observar a lenda de Dã.



Quetzalcoatl, serpente com asas. A serpente emplumada da religião mais era na verdade um demônio muito cuidadoso, diziam os indígenas da região. Ele só aparecia de noite e exigia cobras, gordura e sangue para satisfazer-se.

A Lenda dos africanos de Mahi conta que Dã-um vodum, tem a capacidade de fertilizar tudo que toca. Seu símbolo é um círculo. É a serpente mordendo a própria cauda, formando assim um círculo fechado.

Para alguns autores, Dã representa a força vital, a eternidade da vida. Para outros, ela é a continuação da própria vida, a transformação. Outra característica de Dã é que ela ora é macho ora é fêmea e suas cores são as 7 cores do arco-íris. No candomblé, Dã é muitas vezes conhecida como Oxum-marê. Oxum-marê representa ora a fortuna, ora a pobreza, e essas lendas fizeram nascer as crenças do ouro de Dã, que escorre de seu corpo quando Dã passeia pelos céus nas suas vestes de arco-íris. Essas lendas do arco-íris apareceram em muitos países. Em várias terras da Europa há a crença de que no fim do arco-íris há um pote de ouro. Outra lenda é a que se uma pessoa passar por baixo do arco-íris muda de sexo. Para o africano. Dã ora é macho, ora é fêmea, logo há semelhanças entre a crença européia e a africana.

Uma coisa bem interessante é que o símbolo de Dã, no candomblé, é um *pote com chifres*. Um pote para o macho e outro para a fêmea. E o assentamento de Dã é fora do barracão do candomblé, em alguma árvore sagrada (a gameleira, por exemplo) e essa árvore fica sendo chamada Dã Aidô. Nessa árvore vi símbolos que me lembraram a lenda da serpente do Éden e de sua tentação. Lembram também *símbolos sexuais*. Para cima, o macho é um círculo com um traço para o alto. O da fêmea é um círculo com um traço para baixo; e um velho ogã contou-me uma história de Oxum-marê, que é a versão afro da lenda bíblica da Cristã.

Em todos os povos as histórias religiosas são semelhantes, são simbolicamente as mesmas. Como poderia

haver arte e crenças análogas entre africanos, hebreus, povos da América pré-colombiana, indígenas brasileiros e até entre chineses e marroquinos? Há os mesmos símbolos e lendas. Observando atentamente a cerâmica marajoara vemos a *cruz argolada dos egípcios*, a cruz grega, a serpente, o machado de Tor, de Xangô, de Odim, de Júpiter, o escaravelho egípcio, o raio e o trovão... talvez o ponto comum seja ATLÂNTIDA, a misteriosa e mágica Atlântida... da qual emigraram grupos, para várias partes do globo.

Nos símbolos fálicos de Dã e Oxum-marê vemos remotas estórias do passado oculto da Humanidade. E nos símbolos de Nanã Buruque e Omulu vemos os cultos fálicos e orgiásticos de nossos ancestrais! Quando Dã chega no candomblé dança com os braços ora para o alto, ora para baixo, lembrando signos sensuais, ora macho ora fêmea. Na Umbanda, Oxum-marê dança desta mesma maneira, trazendo a continuação da vida, o bem e o mal, o sim e o não... Ao Boboi (saudação para Dã no candomblé Baiano).

Tem dó mamãe tem dó
 Na aruandê, mamãe tem dó
 Na aruandê Oxum-marê

"Ponto de Candomblé de Caboclo"

Uma lenda de Dã e do poder da serpente registrada na velha Bahia por Câmara Cascudo, prova a tradição da serpente emplumada entre nós. A lenda é a seguinte: "Em Bom Jesus da Lapa havia uma serpente alada, que morava numa cova perto de um riacho e que perturbava a população desta pacata cidade. Foi necessário que um

Bahia entoou cânticos de alegria quando esse demone-te sumiu... A cobrinha voou diretamente para o inferno, disse um velho pai de santo, com resto de África na voz. E como os candomblés situam-se no meio do mato o silvo da cobra confirma a tradição. Então os crentes acreditam ver Oxum-marê com suas milenares roupas de serpente.

Entre nossos ameríndios a cobra também foi um demo poderoso. *Anhangá* era, muitas vezes, a própria víbora. Outras vezes a cobra era *Boiúna*, e o pajé, usando de plantas alucinógeras, entrava em transe e incorporava esses demonicos das matas do Brasil.

Os demos brasileiros da tradição tupi eram a *Manusava*, o *Caapora*, e o *Jurupari*. Boiuna é a mesma idéia de Oxum-marê, do demo do Apocalipse, de Kukulcan emplumada. Muitos selvagens conheciam a Boiúna como cobra grande. Na Umbanda, Exu dos rios e Exu das matas resultam de sincretismo entre esses lendários e são figurados com a serpente a seu lado. Em muitos centros espíritas do Rio vi a serpente decorando as paredes onde "baixavam" os caboclos. No C. E. Caminheiros da Verdade, na sala dos caboclos, há um desenho de uma cobra colorida, boiando no céu.

O S símbolo da serpente, aparece em muitos desenhos na Umbanda. É uma herança de nossos indígenas, que rabiscavam esse símbolo nas suas cerâmicas, sulcava S na terra para proteger da peste, dos duendes, dos vampiros, é em suas máscaras horrendas apareciam os répteis, em bocas grandes de espanto e olhos esbugalhados.

Essas máscaras sugerem demos e dragões. serpen-

tes e diabinhos e ainda suaves anjos, e sem querer nos lembram as descrições do Apocalipse, onde o Dragão é dominado pelo Arcanjo. O Dragão, é a representação de Lúcifer, o Anjo Rebelde, e as previsões do Apocalipse di-

44

zem que no fim dos tempos, no Dia do Juízo Final, Lúcifer será derrotado pelo Arcanjo e só o bem reinará na terra. O *Armagedon*, tão esperado pelos crentes, será o dia da queda do Demo e não haverá mais guerras, fome, pestes, nem morte, pois o Homem será redimido aos olhos do Senhor... Essa matéria foi assunto de muitos livros protestantes, de muita conferência dos Testemunhas de Jeová e de muitas obras espiritualistas que esperam para breve o fim deste ciclo, o fim da era de peixes e início da era de Aquarius... não vou entrar nestes pormenores, por não ser a tônica desta obra, "simples relato histórico dos demos e rituais satânicos da Humanidade" Mas, a forma ofídica do demo é a mesma para protestantes, católicos, israelitas e testemunhas de Jeová.

Esta concepção de que Lúcifer, (*) e Satã, e eternamente lutarão pelo mal, pode parecer errada, se observarmos antigos textos sacros, pouco conhecidos, pois fazem parte das ciências ocultas. Na Cabala, por exemplo, no livro de SOHAR, o principal da Cabala, vemos que o primeiro homem, ou o primeiro ser masculino que foi criado, antes mesmo de Adão, teve filhos e esses filhos uniram-se à serpente. A raça humana, segundo o Sohar, seria então o resultado dos filhos do primeiro ser com a serpente, e sendo assim, o mal estaria infiltrado na espécie humana, pois a raça humana seria filha da essência do mal...

Como a Cabala se apoia em centenas de anos de tradição oral e só muito mais tarde foi registrada em livro, não podemos saber se esta ligação dos primeiros homens com a serpente refere-se a alguma ligação entre o "povo

* A palavra Lúçifer quer dizer: TRAZER LUZ. (lux + ferre).

eleito", com criaturas de outra raça. Ou talvez haja influência do Genesis, primeiro livro bíblico. Há também inúmeras lendas orientais que fazem referência a homens-serpentes, e *homens-dragões*, resultantes do cruzamento de homens com serpentes e outras espécies de animais...

No TALMUDE judaico, mais conhecido que a Cabala, encontramos a afirmação de que Eva copulou com a serpente... exatamente como a estória de Olímpia, mãe de Alexandre Magno.

Na Gênese do livro de DZYAN, encontramos: "*os primeiros sete hálitos do dragão da sabedoria geraram o turbilhão de fogo, pela força circulante da sagrada respiração.*"

Este livro de DZYAN foi vertido para o sânscrito e pouco se conhece a seu respeito, pois é guardado como um tesouro de ocultismo, mas vemos que nesta obra o Dragão não é um Demo e sim o Senhor da Sabedoria. O livro cabalístico de Dzyan (*) é cheio de símbolos sagrados e ninguém conhece a data verdadeira em que foi escrito. Dizem os entendidos em ocultismo que é o mais antigo livro da terra e seu hemetismo não deixa saber quem é realmente o Dragão da Sabedoria.

Porém, o APOCALIPSE, as descrições do dragão

tem sentido bem claro.. São representações do mal, do poder das trevas. Capítulo XX, 1.2. --" Vi descer do céu um anjo que tinha na mão a chave do abismo e uma grande algema. E ele apanhou o dragão, a serpente antiga, *que é o Diabo, Satanás, e o algemou por mil anos.*

* Sacerdote que preside os mistérios de Eleusis, na Grécia antiga.

O sentido das palavras dragão e serpente são diferentes, na Cabala e no Apocalipse.

Quem estará com a razão? Pã, mito atlanteano, com chifres, rabinho e dragão, e com cascos de bode era um deus, não um demo, e o dragão, para Dzyan, era um sábio... Será que em dois mil anos de nossa era acreditamos em restos de lendas e poemas mitológicos, ou há alguma verdade em nossas crenças e religiões?

Talvez todas as lendas relativas à serpente sejam restos do culto atlanteano das víboras ou ofiolatria, e assim o próprio SATANÁS, apresentado sob forma ofídica milhares de vezes, seria apenas um remanescente de nossa herança de ATLÂNTIDA.

É preciso lembrar que entre os gregos, *EROS*, o senhor da Luxúria, era o mais antigo e poderoso dos moradores do Olimpo, pois com a força de sua tentação dominava o próprio Zeus e toda a sua corte...

Para melhor observar o fenômeno vamos recorrer à moderna teoria de Daniken: "Nas placas de ouro dos incas há estrelas, sóis, luas... e serpentes, os símbolos quase inequívocos das viagens espaciais. Os incas bem conheciam o signo da serpente, que souberam relacionar, de maneira magistral, com o seu soberano, o "filho do sol".

Esta teoria é avançadíssima e destrói em parte a idéia mítica da criação... mas, como toda teoria deve ser analisada... Quando todos os mitos, lendas, superstições, e crendices da raça humana forem desfeitas, ou melhor compreendidas, ainda assim, algo ficará no Universo — a Causa Primária, DEUS.

Outro pesquisador a nos mostrar a existência, em toda parte, de serpentes cintilantes, voando pelos ares, foi Charroux: "os fenícios e egípcios veneravam serpentes e dragões como divindades, e a serpente pertence

47

elemento do fogo. "A primeira e suprema divindade é a serpente com cabeça de gavião; ao abrir os olhos ilumina toda a terra, recém-criada; ao fechá-los espalha a escuridão".

O historiador Sanchuniaton, que viveu em Beirute, por volta de 250 a.C., teria, supostamente, registrado passagens da crença fenícia. Daí concluiu: "A serpente tem uma velocidade insuperável, devida a seu fôlego. Com seu brilho ilumina tudo".

Torno a perguntar — Por que razão as serpentes, são encontradas em todas as estóras da Criação? Para a teoria nova e fantástica de Daniken a serpente e o dragão eram naves espaciais porque serpentes e dragões estão sempre relacionados com as estrelas e a serpente sabe voar... além disso, há outra "prova": o hálito de serpente é nauseante e quente como um disco voador ou foguete em propulsão.

5

Chifres e Tridentes Mágicos na Magia Negra

Adorado por seus atributos sexuais, o deus com chifres de carneiro e cascos de bode foi uma constante na antiguidade clássica. Júpiter Amon, Zeus, Priapo, Baal, Pã, faunos e sátiros representam a mesma concepção: a fertilidade, a fecundação, a comunicação da vida através de uma semente; e os sacrifícios de sangue de bode ou carneiro para a mãe terra, representam o ato sexual

dissimulado.

Nas mitologias do passado da Humanidade vemos o ato sexual dissimulado, a fecundidade e a natural germinação. Milhares de desenhos encontrados nos templos, centenas de cânticos sacros, estatuetas, provam essa teoria.

Pã, deus atlanteano soava sua flauta mágica nas campinas gregas e dançava com seus pés de bode, remexendo seus chifres de touro. *Os faunos possuíam chifrinhos enrolados, rabos e pés de bode*; Júpiter Amon fecundava suas esposas e vigiava de sua montanha sagrada, com seus chifres enormes de touro. (*) MITRA, o deus

(*) No reino setentrional de Israel o touro foi adorado, a mando do rei Jereboão.

sol era figurado por um dourado touro resplandecente. E resplandecente era seu carro alado, cheirando a enxofre e fogo. Essa foi a razão da teoria tão em moda, de que os deuses da antiguidade não eram outros além de astronautas... há muito de verdade, mas *ATLANTIDA* pode derrubar em parte essa teoria. Pois se há os mesmos mitos do sol, dos senhores brilhantes que viajam em seus carros resplandecentes, se Pã repete-se com outros nomes e Cibele, a deusa mãe, aparece em todas as mitologias, a razão parece ser "o continente submerso", que legou ao resto do mundo, Ásia, África e América, suas fábulas, mitos, seu universo mágico!

PRIAPO, o deus fálico por excelência, em plena idade Média era cultuado nas aldeias italianas. Priapo nada mais era do que o fauno de barbicha e cascos de bode — Pã, deus da Atlântida. A Igreja, nos primeiros séculos da era cristã, combateu esse deus cornudo, pois acreditava que ele fosse o próprio diabo. Satã em pessoa: o

tava que ele fosse o próprio diabo, satã em pessoa, e essa forma ou melhor essa concepção de demônio, com barbinha em bico, pés de bode e chifres de carneiro ou touro, além do odor de enxofre, acompanhou o Demo através dos séculos. Assim as aldeias repudiaram o culto de Pã e Priapo, porém, alguns núcleos desse culto sobreviveram e esse deus persistente continuou a ganhar *oferendas de rosas e sangue*. Mas, o resto da lenda do Diabo de chifres de bode anda por nosso mundo, e retorna nas confrarias negras da Inglaterra, nos cultos satânicos do Estados Unidos, em Exu da Umbanda do Brasil, nas seitas fálicas dos países subdesenvolvidos da América.

Muito importante, no entanto, é a observação de Alexandre Braghine, em "O Enigma de Atlântida" que nos demonstra a continuação do culto de PÃ, entre os indígenas brasileiros, sob a forma do deus TUPÃ. Tu, tem o sentido de piedoso sacrifício.

50

Braghine observa que o culto de Tupã tem importância entre os guaranis e tupis. Mas o que esse historiador não sabia é que TUPÃ é o atual Deus da Umbanda brasileira, pois a Trilogia da Umbanda é TUPÃ, OXALÁ e IEMANJÁ... E CIBELE ou TU-PANA é a mesma concepção de Iemanjá e às vezes a da alegre Pombagira. Assim como o diabo católico, nascido do ódio clerical a PÃ, é o mesmo Exu Legbá dos cultos da Quimbanda. No padê de Juá pode-se observar os mesmos sacrifícios cruentos das divindades várias e nos altares de pedra cheirando a perfume e sangue, reservados à Pombagira. Nos subúrbios cariocas há os restos dos tradicionais sacrifícios à deusa Cibele, (*) CARMONA. ASTARTE, ÍSIS AFRODITE e VÊNUS, a deusa do amor carnal.

Quanto ao TRIDENTE, o garfo de três dentes apresentado como o *bastão do demônio*, pelo clero medieval, e que aparece em todos os desenhos das milhares de obras sobre Satã, há também que se comentar sobre um culto de Atlântida: o de POSSEIDON, o deus maior das terras submersas!

Segundo PLATÃO, a quem devemos vários relatos sobre Atlântida, o deus maior de Poseidônias, a capital atlanteana era um deus chamado POSSEIDON. Esse deus era colossal, e possuía seis cavalos alados. Seu culto estava ligado ao mar. E o atributo mágico de Poseidon era seu Tridente, que dominava tudo que tocava, os homens, as nereidas, os delfins, o rei e a rainha de Atlântida. O santuário de Poseidon era tão sagrado, que se algum atlante penetrasse no templo sem ordem de um sacerdote era condenado a morte por sacrifício. A capi-

(*) O culto da GRANDE MAE CIBELE, transformou-se na ISIS, egípcia, e personificava a fertilidade.

tal foi edificada sobre as encostas de três altas montanhas, de conformidade com as "tradicionais efígies de Poseidon e seu tridente".

Os atlantes, certamente, transmitiram aos povos do Mediterrâneo e da América, seus herdeiros, algumas noções de Magia e alguns dos seus deuses. O Egito recebeu a dádiva de seu ocultismo, e algumas tribos da Europa e da Ásia teriam guardado fórmulas mágicas dos atlantes. Netuno e seu tridente resulta da assimilação do culto de Poseidon pelos gregos e depois romanos.

Mas, por que o tridente de Poseidon e Netuno transformou-se no tridente de Lúcifer, de Satã e de Maioral? A resposta deve ser a mesma ao que ocorreu com os cascos de bode e chifres de Bã. Eles passaram a ser atribuí-

cos de bode e chifres de PA. Eles passaram a ser atributos do Demônio, como consequência do clero medieval, que uniu os restos de tradições milenares e adicionou a concepções bíblicas, criando novos mitos e lendas.

Posseidon recebia sacrifícios de cavalos, a própria deusa Cibele, dominada por Posseidon, era às vezes representada sob os traços de um cavalo. Netuno exigia sacrifícios de animais de sangue quente, principalmente cavalos, bodes, carneiros e touros.. A adoração de Posseidon, (o deus do mar) e a do sol formavam a base da religião dos atlantes. O culto do sol foi comum a todas as civilizações antigas, como analisei em "*As 7 Forças da Umbanda*". E o culto de Posseidon degenerou-se em milhares de lendas demoníacas, que contam de demones espalhados pelo mundo, e residentes no Inferno, a morada do fogo.

Missas Negras e Ritos Medievais

É noite. A lua cheia cobre a relva e desenha fantas-

magorias na copa das árvores. As mulheres estão ajoelhadas ou deitadas lascivamente na relva. Um homem, com o rosto coberto por uma máscara terrível, máscara de longos chifres, e envolto em uma capa preta de veludo, acende com uma tocha o fogo sagrado. Sua voz rouca inicia um canto, invocante e mágico, chamando os demônios da noite, os demônios do fogo e da volúpia para ajudá-lo na cerimônia. E, crescendo de intensidade, o cântico invoca o Senhor das Trevas. As danças começam, loucamente, com os participantes girando, alguns em transe, outros rindo desesperadamente, outros completamente despídos entregam-se a libidinagens. O terror está estampado nas faces, e também o prazer, a alegria demente, o pesadelo e o delírio. A música cresce, tola, às vezes lembrando textos quase Apocalípticos, os risos e choros se encontram, os deboches, os gritos, as imprecações, tudo num ritual fanático e sem lógica.

O *sabá*, a dança demoníaca, a orgia dantesca irá prolongar-se até às 12 badaladas, quando, segundo a crença milenar das bruxas, aparecerá um enorme carneiro negro com uma vela entre os chifres. As feiticeiras chegarão em fila para acender suas velas e depois se ajoelharão e beijarão o mestre. O conciliatório fará

neste momento suas preces negras e suas danças mais estranhas. E depois tudo poderá acontecer, irracionalmente, lascivamente, num surrealístico ambiente além da imaginação.

A cena poderá ter 7 séculos, poderá ser do ano 1000, ou estar ocorrendo neste minuto, nos Estados Unidos e Inglaterra, ou num campo do Haiti. A missa negra está de volta, competindo com milhares de seitas religiosas e esotéricas, orientalistas e fálicas de nossos atribulados

tempos espaciais. As estatísticas provam que grande parte da população atual dos grandes centros do Ocidente, anda envolvida com satanismo, mezinhas, ocultismo, feitiçarias, magos negros, e que os estudos sobre o assunto voltam à tona. Psicólogos estudam o fenômeno, e chegam à conclusão, que um grupo, através da Magia Negra, ou de uma reunião invocatória, (de forças negativas ou da natureza) poderá atingir alguém ou melhor poderá fazer mal a alguém — Essa afirmação vem da crença que as percepções extra-sensoriais não são boas nem más e podem ser usadas tanto para o bem, como para o mal. Logo, o sabá, dirigindo sua força para o mal e capitalizando-a para determinada pessoa pode atingi-la.

A volta ao satanismo entre jovens rebeldes de todo o mundo ocidental e as reuniões satânicas e, a prática da Magia Negra são assuntos das manchetes das principais revistas atuais. (*) E, na ficção, os autores de nossa época, comentando o mundo futuro, do ano 2000, concluem que ao lado da tecnologia avançada, ao lado da ciência fazendo tudo que pode ser imaginado, o Homem buscará a Alta Magia Negra, sendo então, os feiticeiros, grandes conselheiros dos líderes planetários... Merlim, Évora, retornarão, saídos das eras passadas, para alu-

(*) Na América do Norte há mais de quatrocentas associações satânicas, praticando magia negra, as maiores são as sociedades de Satã e a dos Filhos do Inferno.

nagens e voos de discos voadores... Será a bruxaria importante no futuro, ou tudo não passa de uma loucura momentânea gerada pela guerra fria, pela divisão e desentendimento entre o Ocidente e o Oriente, ou seremos levados aos tortuosos caminhos do bruxedo e aos caldeirões ferventes?...

O satanismo imperou, entre fogueiras da Inquisição

e ignorância, na Era Medieval.

A igreja vigiava tudo e todos, procurando feiticeiros e advinhos, e enclausurando, torturando, queimando os suspeitos, ou doentes mentais, que julgavam-se magos e sacerdotes poderosos do reino da feitiçaria. Processos da Inquisição são tenebrosos, dão náuseas e horror. E no entanto, observando os anais dos conventos medievais vemos que o satanismo penetrava nos conventos e para evitar o mal as freiras faziam penitências e submetiam-se à flagelação. Hoje analisamos estes fatos à luz da parapsicologia e admitimos que a I. Média foi uma explosão sexual...

E escondido sob os muros medievais o satanismo ia esculpindo seus demoninhos com cara de macaco, com chifrinhos, monstros nos cimos das catedrais e nas muralhas das igrejas menores. Vitrais satanistas, onde viam-se plantas maléficas, anjos verdes, ainda são encontrados nas catedrais francesas e italianas, provando o poder das sociedades satânicas. Atrás dos altares dos santos queridos do catolicismo, o povo acendia suas velas para os bruxos santos (Santa Tecla, S. Martinho Verox, S. Cipriano, estranhas figuras de feiticeiros convertidos ao catolicismo). Através dos capuchos e hábitos dos irmãos de muitas confrarias ocultas, via-se a face adunca de um amante das doutrinas satânicas. As estátuas medievais são anjos horrendos, feios duendes, anões esqueléticos e fantasmas. O medo criava superstições e

tipos tétricos. O cerimonial popular de encomendação das almas é um desses achados do povo para esconder o satanismo, e ofender o clero, indiretamente. As orações ditas ao contrário, as invocações fantásticas, as rezas poderosas, como a da "cabra preta", (*) as bruxas desden-

tadas, tudo fazia o clima medieval tornar-se mais pavoroso, trevoso e medonho. Poções de sapo e aranhas, arruda, cinzas, roupas velhas, faziam o encontro dos crentes, levados pela fome e o analfabetismo, pelas lendas, pelo baixo clero, pela salada satânica medieval.

Os exorcismos, estudados pelos padres para servir de proteção contra males e demos, são às vezes tolices infantis. Muitos autores estudaram esses exorcismos profundamente, porém não chegaram a nenhuma conclusão satisfatória sobre o assunto. O exorcismo era sempre mantido em segredo pelo sacerdote, no seu conteúdo, porém, era apregoado como remédio certo para afastar demônios. Era comum um crente ir à igreja pedir a um padre para ir fazer um exorcismo ou para que o sacerdote fosse, banhar a sua casa com água benta.

As drogas mais comuns que os padres esfregavam na pele do endemoninhado eram a beladona, raiz do acônito, e o óleo santo. E mostravam ao possuído pelo demo uma cruz de madeira. As bulas papais condenando a feitiçaria de nada valiam, pois nem mesmo a Inquisição com seus horrores fazia com que o povo abandonasse o sabá, ou o culto das trevas. Os papas negros, ou melhor os chefes do satanismo, eram protegidos pelo populacho, porém, quando a Inquisição punha as mãos num bruxo ou numa feiticeira, as mais torpes torturas, o mais vil interrogatório, estava a sua espera.

(*) Esta oração raríssima, encontra-se no "O LIVRO DE S. CIPRIANO" capa preta.

O tribunal da "Santíssima Inquisição" deveria expurgar, corrigir, condenar os crimes sacrílegos. O santo ofício impunha-se pelo terror e obrigava a crer cega-

mente em tudo o que mandava a igreja romana. Quem falasse coisa do inferno ou lutasse contra as leis papais estava pronto para a fogueira por heresia. Para os bispos o diabo andava solto pelo mundo fazendo travessuras, dando fortunas, arranjando amores, criando confusão ; porém era terminantemente proibido falar com ele, unir-se a ele, adorá-lo ou fazer pactos com esse ente, pois, caso contrário, a fogueira dos príncipes estaria a espera deste mortal endemoninhado. Ao condenado pelo tribunal era dada a consolação de defender-se, porém nunca se levava a sério suas respostas, pois se o condenado dizia que jamais viu o diabo, um pouco de tortura com ferro em brasa fazia-o diversificar sua resposta e assinar uma confissão. No dia da morte de um condenado a praça pública ficava cheia; o povo colocava suas melhores roupas, o som das trombetas e tambores enchia o ar de festa. O povo não poderia sentir nem piedade pelo condenado, pois poderia receber igual sorte. E um dos nobres da cidade, escolhido pelo tribunal, acompanhava o pobre e assustado condenado até a fogueira, onde iria pagar pelo crime de ter visões, falar com espíritos, ou ter contato com forças acultas. O fúnebre e bárbaro espetáculo tinha todo aparato de festa...

Depois de queimado até reduzido a cinzas, o condenado iria receber o perdão dos céus, ou talvez fosse parar no inferno, queimar eternamente! As cinzas destes infelizes eram espalhadas ao vento para que o povo guardasse relíquias destes mártires, mas a imaginação popular através de cenas dantescas criava lendas e figuras mitológicas infernais. O gato preto virava então feiticeiro à meia-noite. As velhas solitárias e famintas eram ape-

crejadas se apresentavam. O lobisomem gritava às sextas feiras e a mula sem cabeça corria 7 encruzilhadas. Cada noite de tempestade, de raios e trovões fazia aparecer novas concepções pavorosas, novos tipos mitológicos e os próprios nobres, vassallos do rei, pouco mais que alfabetizados, acreditavam nesse falatório e deletiravam partido, apavorando os camponeses, assim como os inquisidores tomavam a fortuna dos condenados e enchiam seus cofres com o ouro do diabo. Sabóia, Alemanha, Espanha, Portugal foram palcos dessas lendas negras e desse estado de coisas. As mães gritavam em meio aos cilícios jurando que Satanás tinha ido perturbá-las. Os sacerdotes pregavam sobre o perigo de se expor à tentação do demo. O povo corria ao ver um gato preto, ou um bode negro com uma mancha branca na testa. Os textos teológicos decaíam nos trevosos caminhos da imaginação doentia e do medo.

A era medieval nos seus incunábulo deixou gravada toda sorte de superstições e intolerâncias. Sem dúvida o "demo" da ignorância morava lá! Se não vejamos.

No período medieval acreditava-se que havia 1.111 legiões de demônios. Jean Wier, e em seu *De praestigiis*, publicado em 1568 estabelece que o reino diabólico compreendia 72 príncipes e 7.405.926 diabos divididos em 1.111 legiões, cada uma com 6.666 subordinados.

Os demos eram divididos em 6 gêneros, segundo Trithème, a saber:

IGNEOS ou de fogo — vivem em torno da suprema região do ar e não fazem comércio na terra com feiticeiro algum, porque jamais descem a terra.



Rei Dagoberto sendo levado por demos sobre a Estige. E sendo reconhecido pelos anjos bons é ajudado. Lembranças da feitiçaria eutopéia.

AÉREOS ou do ar — rondam pelo ar e moram muito perto de nós. Esses podem descer à terra e aparecer aos homens. São causadores das tempestades, trovoadas e todas juntas cobrem de ruína o podre genero humano.

TERRESTRES ou da terra — foram precipitados do céu por causa de seus erros. Uns habitam os bosques, e pregam peças aos caçadores, outros moram no campo e fazem os viajantes se perderem, outros habitam obscuramente entre os homens...

AQUATICOS ou da água — moram em lagos e rios e excitam a tempestade sobre o mar fazendo muitos perecerem no mar. São demos do sexo feminino...

SUBTERRÂNEOS ou do fundo da terra — habitam as cavernas do fundo da terra, as grutas e as cavidades das montanhas. São de temperamento muito mau e gostam de dar tesouro aos maus.

LUCIFUGES são os do sexto grau. Estes fogem de luz, só vivem nas trevas e não podem tomar forma ou corpos a não ser durante a noite.

Os mais célebres demos são: *Malfas*, que aparecem sobre a forma de um corvo.

Leonardo — Grão-mestre do *sabbats*, aparece com 13 chifres.

Andras — Tem cabeça de gato, cavalga um lobo preto e é comandante de trinta legiões

GANGA — Demo feminino, que tem quatro braços. Os hindus o temem muito.

ALOCER — Grão duque, mostra-se sempre vestido de cavaleiro montado num enorme cavalo. Ensina a astronomia e as artes liberais. Comanda trinta e seis legiões.

ASMODEU — Superintendente das casas de jogo. Destronou Salomão, mas o rei hebreu o venceu e o obrigou a ajudar a construir o templo. Apresenta-se sobre a forma da serpente. Conhece tesouros escondidos e governa setenta e duas regiões.

Todas essas estórias corriam de boca em boca nas aldeias medievais. E milhares foram condenados como feiticeiros, adoradores destes demônios, até 1731, quando foi suprimida a pena de morte por crime de feitiçaria, por Luís XV.

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

Os Demônios de Saias

Nas dobras do seu vestido Pombagira, presente-se o fogo de outras eras, onde o incenso queimava e o aloé soltava as amarras do sonho. No seu sorriso Pombagira imagina-se o brilho das fogueiras das vestais e em seu culto erótico e galhofeiro estão os restos das cinzas das madeiras resinosas de Pompéia, Herculano, e da longínqua Poseidonis.

Nas festas satânicas dos hippies aparece a nova personificação da mulher demônio, com guisos nas mãos, flores nos cabelos, dançando ao som de guitarras elétricas, chocalhos e palmas. Nas festas da Umbanda a Rainha Pombagira recebe presentes, colares, bebidas e rendas para enfeitar suas saias. E, nos cultos negros do Haiti, nas portas dos cemitérios, uma figura recebe culto especial e os cânticos mais alegres: a mesma mulher-demônio, a eterna deusa da volúpia e do pecado.

Na Bahia, Pombagira não dança no terreiro, mas mesmo assim recebe seus agrados, fora do barracão, pois tratar mal uma "deusa tão poderosa e farrista", seria perigoso. E, longe da presença da mãe de santo, as mulheres baianas, deixam Pombagira entrar em suas ca-

sas de comodos, em seus velhos quartos nas ladeiras da cidade pobre, e para ela oferecem cachaça e fumo, fitas vermelhas e velas. No catimbó, a zoadá dos atabaques e

63

gritos é total quando chegam Padilha, Maria Molambo, acompanhadas de Seu Boiadeiro. Lá, no meio de festa e algazarra, a mulher de chifres e vestido vermelho e negro, abre a gira mais querida do povo do sertão.

E, o nosso passado erótico e galhofeiro, retorna em plena era espacial, na figura do demo de saias, a milenar senhora da luxúria e da alegria...

Tudo começou com Atlântida. Lá, da longínqua Poseidonis, vieram as lendas do casamento do céu com a terra. Da fecundação de CIBELE, a mãe-terra, foi gerado PÃ, que era o senhor de toda a natureza perecível.



Escondidos sob os muros medievais o satanismo imperou, esculpindo seus demos e realizando seus sabás. Hoje, rituais demoníacos são feitos nos cemitérios (chamado de Calunga Pequena), pelos quimbandeiros. Há também feitiços preparados com terra de cemitérios são chamados de ÊTUS.

64

A deusa CIBELE, para os atlantes era o símbolo da fecundidade e da transformação. Seu filho Pã era figurado como um fauno de cascos de bode, barbicha e pequenos chifres e seu instrumento mágico era a flauta. Mais tarde, o clero católico, na época inicial do catolicismo, para combater os cultos da Antiguidade, que concorriam com as doutrinas da Igreja, transformou as características divinas de Cibele e Pã, em caracteres demoníacos. Assim os cascos de bode, que eram remanescentes dos cultos da fertilidade e fálicos, tornaram-se elementos simbólicos do demônio católico Lúcifer.

Se observarmos com atenção as deusas da Idade Antiga, veremos que Cibele é a mesma concepção da Asterot ou Astarte fenícia e de Ceres ou Vênus em Roma, mas foi justamente das orgias romanas e helênicas para as deusas de fertilidade ou para Zemele, deusa dos vegetais, que os primeiros doutores da Igreja arranjaram o pretexto necessário para combater estas divindades populares.

Na África, Iemanjá representava a mesma concepção e sem dúvida a origem ainda é a mesma: Cibele, de Atrântida, o continente submerso, dono dos maiores segredos da raça humana.

Assim das deusas orgiásticas nasceram as lendas

das mulheres — demônios, todas descritas com rara beleza e muita fantasia popular.

As deusas da Antigüidade Oriental eram representadas, muitas vezes, com uma criança no colo, e com um manto enorme, cheio de flores e estrelas. Cibele, Carmona, Caerimona eram assim desenhadas. E para guardar

65

a morada terrena destas divindades nasceram as ordens *das vestais*, que deveriam manter vivo o fogo sagrado. O fogo foi mais um elemento que ajudou o clero a formar uma idéia errada sobre estes cerimoniais e a proibi-los.

As cerimônias que eram símbolos da fertilidade e que degeneraram-se através dos séculos, passaram a ser interpretadas como festas demoníacas contrárias a Deus. Mas, a que Deus? Ao Jeová bíblico, que é sem dúvida o Deus católico, mas, o quê tudo isto tem a ver com o Deus Verdadeiro? O dia em que todas as lendas forem aceitas apenas como Lendas, o dia em que forem respondidas todas as perguntas sobre nossa origem e sobre os mistérios do Cosmos, no dia em que o Homem encontrar a sua Verdade, este será o dia em que poderemos vislumbrar a face do Deus Uno, O Criador.

Entre os tupis brasileiros havia a crença em Tupana, mãe de Tupã, que não é outro além de Pã, deus da natureza cultuado em Posseidonis, capital de Atlântida. Dionísius e sua mãe Kore receberam oferendas de vinho, resinas e animais de sangue quente. A Igreja durante séculos teve que lutar para afastar da mente popular estas lendas. Na Itália, no início da Idade Moderna, ainda existia o culto de PRIAPO, deus fálico e lascivo.

vo, que era adorado nas aldeias e que rivalizava com as doutrinas ocidentais.

E as *Sibilas* romanas e *pitonisas* gregas nunca foram abandonadas pela religião popular. Até hoje nos grandes centros urbanos vivem as *videntes*, *mágicas*, *advinhos*, cartomantes, mulheres predestinadas (assim o povo crê) que podem ver o futuro

Sem que o povo se aperceba recria mitos e lendas, trazendo heranças milenares em seus conteúdos. De ge-



Sabasius, chefe do sabá das feiticeiras, segundo afirmam diversos autores de demonologia tinha o poder de invocar vários chefes infernais. Os mais poderosos eram: SABUAC, que aparece sob a figura de um soldado com cabeça de leão, montado num cavalo repugnante; ZAPAR, que aparece sob a forma de um guerreiro e comanda 28 legiões, ZAEBOS, que vem a terra como um guerreiro montado num crocodilo; PUCEL, que aparece sob a forma de um anjo de cor sombria e comanda 28 legiões; ORAY, que se apresenta como um arqueiro; ORIAS, demo da astrologia; e CAYM, demo que aparece entre as chamas armado com uma espada.

67

ração passam as lendas, e são acrescidas de fatos miraculosos da época, porém o fundamento destas estórias e mitos e sempre mais ou menos o mesmo isto é: o sol, fertilidade, os fenômenos da natureza e nosso eterno medo... E de nossas orgias íalicas nasceram demos, exus, mitos do fogo, das trevas, punição... fúnebres conclusões.

Nossa Pombagira, além de arrastar em seu vestido todas as concepções degeneradas do mito da fertilidade, ainda carrega mitos africanos de eguns, de to-tens e entes aborígenes, como a lenda da morte entre os tupis e as estórias católicas das mulas sem cabeça, e das almas penadas. Assim Pombagira é uma salada de crenças populares e restos da História das religiões antigas. Porém, à luz das teorias de Kardec, o que é? Apenas um espírito atrasado que se prende à vícios terrestres... Será esta a verdade? À luz da Umbanda Pombagira é mulher de sete maridos, senhora da noite, rainha da madrugada, vencedora de demandas, moradora dos cruzeiros, das encruzilhadas, dos cemitérios.

POMBAGIRA, é invocada nos candomblés depois que a filha de santo conhecida como dagã, presenteia Exu ou Legbá com o padê de azeite de dendê e farofa. As mulheres então cantam uma cantiga, que Edison Carneiro, o grande etnólogo e folclorista, registrou:

Bombogira
Vem tomar xoxô
Bombogira
Vem tomar xoxô

Na Quimbanda, Pombagira tem vários nomes. Essa divindade tem hostes de mulheres do espaço para

68

personificá-la. Maria Padilha, que é originária do catimbó, das Sete Encruzilhadas, Cigana, são das mais conhecidas. Seus trabalhos são com cachaça ou licores de aniz, seus cânticos levam o traço erótico constante.





A feiticeira de Malleghem. De Bruegel

Pombagira arrasta em seu lendário milhares de feiticeiras medievais e horrendas.

69

“Pombagira é mulher de sete maridos
Não mexa com ela Pombagira é um perigo

“Cantiga de Quimbanda”

O povo conhece essa entidade pelo apelido de vencedora de demandas, vencedora de guerras, mirongueira, mulher perigosa cheia de artimanhas e dengues.

Seu culto atinge as raias do pesadelo, quando as mais estranhas práticas são usadas e as mais complicadas fórmulas ritualísticas podem ser observadas. É comum o uso de pipocas, punhais, rosas (característica de todas as festividades orgiásticas da antiguidade), cigarrilhas, pólvora, velas, azeite, até ovos e galinhas. O bode também é constante nas ofertas a Exu. E o bode é uma das lembranças mais fortes de nosso mundo de

passado. O enxofre também é muito usado.

Nas festas das mulheres infernais as previsões são uma constante, assim como a alegria gritante e a adoração do fogo, da chama ardente e fecunda.

Afinal o satanismo sempre existiu, assim como o culto do prazer e da luxúria. Na realidade não há razão para o mundo atual ficar tão assustado com o crescimento do satanismo, da bruxaria, da magia negra, do retorno às práticas pagãs. Isso sempre foi do uso do Homem, de sua loucura, de sua arte, de seu mundo onírico, de seu libido, de sua espera, e agora que o fantástico nos é apresentado através das viagens espaciais, dos discos voadores, do telefone vermelho, da energia atômica, da teoria da relatividade, vamos nós, pobres mortais, esperançosos, buscar mais uma vez no baú das lendas, o consolo.

70

8

Bruxas e Calderões Ferventes

Em Magia existe uma hierarquia complexa de espíritos que dirige os elementos. A terra é governada pelos Gnomos, o fogo é dominado pelas Salamandras, as Sílfides mandam no ar, e a água é possuída pelas Ondinas.

Se aceitarmos que vivendo ao nosso lado, sem as características materiais, estão milhares e milhares de seres, esperando um segundo em que as condições lhes sejam propícias para materializar-se e comunicarem-se conosco, poderemos entender o poder da Magia.

Visões de criaturas do além foram registradas em todas as partes do mundo e muitos materialistas, grosseiramente ridicularizam essas visões, sem saber que sorriem do que a ciência moderna aceita e defende, desde que ficou provada a Teoria da Relatividade. Se observarmos como nascem micróbios quando a condição lhes é favorável, se compreendermos que a vida brota em todos os elementos, no ar, na água, na terra, no fogo, e o próprio universo é um constante transformador e renovador da vida, aceitaremos a voz da Magia, que afirma que existe vida, diversa da nossa, em tudo.

Livros antes aceitos como fruto de divagação de loucos ou desajustados são estudados à sério, à luz de um novo raciocínio que nasceu das viagens espaciais e das teorias de Einstein. E, em muitas mentes humanas,

a possibilidade de existência de criaturas de outros mundos, vai-se pouco a pouco, revelando. Seres de outras esferas podem chegar até nós, caso invocados. Nada morre, e os espíritos podem ser invocados e materializados ante nossos olhos assustados. Muitos sábios e filósofos da Antiguidade, seriamente revelam-nos a intervenção de deuses nos assuntos materiais. Homero nos descreve, com riquezas de detalhes, divindades como homens que do alto do Olimpo intervinham nas batalhas dos gregos, com armas poderosas e instauravam a paz através de suas armas mortíferas. Os sacerdotes maias deixaram registradas em suas pirâmides as passagens dos deuses por suas terras. E os egípcios contam de Sumé que apareceu e

suas terras. E os tapas contam de sume que apareceu e conviveu com os nossos ameríndios ensinando-lhes a agricultura. Como poderemos negar com nosso orgulho, essas afirmações de nossos ancestrais? Toda a nossa civilização, da mexicana à grega, da egípcia a hebraica, da chinesa à africana, nos fala de seres vindos do céu, que divinamente ajudaram os homens e depois partiram em seus módulos ou com suas asas de fogo e ar. Indubitavelmente seres do além, ou seres extraterrestres, ou espíritos, estão e sempre estiveram entre nós. E em nossa era começamos a estudá-los, catalogá-los e acreditarmos no que nos disseram...

As bruxas, que apareceram em todas as fases de nossa História, os magos que com suas orações e invocações chegaram à científicas e astronômicas verdades foram os iniciadores desta pesquisa, hoje tão em moda e levada à sério. Bruxas e sibilas, feiticeiros e mágicos despertaram para a era moderna e saídos de seus mundos trevosos estão convocados a contar ao homem da época, suas realizações no campo da metafísica e do extraterrestre!

As bruxas retornam com suas mezinhas e varinhas

mágicas. Mas há uma verdade em seus contos de fadas. A explosão de pólvora de seus caldeirões continha um fator real, e podemos, pela nova ciência mostrar que estavam no caminho certo, por meios errados!

Sim, através de um objeto a vara mágica ou o bastão do mago, o feiticeiro focalizava desesperadamente a sua vontade e conseguia a comunicação com um ente de outra esfera ou de outro plano. *O poder era o de sua mente*, mas ele acreditava no poder do objeto e nele punha toda a força de seu pensamento e obtinha o resultado. O círculo de defesa traçado pelo mago com os si-

do. O círculo de defesa traçado pelo mago, com os sinais cabalísticos era realmente sua defesa, e funcionava, pois criava o clima necessário para que a mente pudesse trabalhar no apelo ao ente de outro plano astral.

O estado propício cria a indução à materialização da entidade invocada. Incenso, cânticos, círculos de fogo, pontos riscados, tochas acesas, são os meios que a bruxa ou o mago usam para chegar aos seres de outra dimensão ou espíritos.

Cagliostro, pela força de seu pensamento fez curas e prodígios. Joana d'Arc, através de seu poder mágico guilou um exército e levou-o à vitória. Suas visões, que foram a causa de sua morte na fogueira, eram na verdade, o apelo de sua mente, de sua vontade, às forças superiores. A mente humana faz milagres e pode criar maravilhas, mas enquanto só aceitarmos o mundo material, grosseiro, jamais chegaremos a compreender o mecanismo de nosso universo. *Atração e repulsão funcionam magicamente no universo, transformação é a eterna palavra que cria novos mundos no universo infinito.*

As bruxas nunca foram levadas a sério pela ciência mas se observarmos atentamente o trabalho destas mulheres seguidoras de Satã veremos que conseguiram êxito com suas mágicas e seus caldeirões ferventes. No Mé-

xico, por exemplo, os padres espanhóis deixaram registrado em seus livros documentários o poder da magia dessas feiticeiras, que adoravam TLAZOLTEOTIL, a deusa da Terra, que era simbolizada nua, a cavalo, sobre uma vassoura. Além do fogo, essas bruxas soavam uma flauta, feita do osso do braço de uma mulher morta, e esses dois instrumentos realizavam a materialização de mulheres-demônios. A festa orgiástica era realizada em uma encruzilhada de quatro estradas. Vejam...

lhança entre esse ritual mexicano e o da Umbanda e Quimbanda brasileira, onde os trabalhos para Pombagira são realizados nas encruzilhadas e à meia-noite. Qual será a causa de rituais semelhantes em várias partes do globo? Quixé Cardinale, eminente pesquisador, afirma que seres providos de velozes veículos voadores, desciam nos vários continentes, levando rituais que logo eram submetidos a uma empírica interpretação por parte de nossos estupefatos antepassados. E Cardinale faz notar que os demônios que aparecem nesses rituais são sempre idênticos, com características semelhantes.

Não apenas em nossa era houve quem levasse seriamente o trabalho mágico das bruxas e as defendesse publicamente. Mas, devido ao destino que poderia ocorrer a quem se metesse a defendê-las publicamente, os livros a esse respeito foram ocultos e até queimados. Um desses escritores apiedado do destino terrível que aguardava a bruxa, escreveu uma bela obra, e enviou a todos os príncipes da Europa. Johann Wier era seu nome.

Wier fala do aparecimento do demo ASMODEU, no seu tratado "Pseudomonarquia dos demônios". Asmodeu aparece com 3 cabeças, uma de touro, uma de carneiro, uma de homem. Tem patas de ganso e cauda de serpente; cospe fogo e cavalga num dragão do inferno; leva uma lança e uma bandeira. A simbologia é sempre a

mesma. Serpente, dragão, touro, carneiro. A única novidade é a pata de ganso.

Outro aparecimento demoníaco, através da bruxaria foi o do demo que fez um pacto com FAUSTO. Fausto, numa noite de lua cheia, *foi até uma encruzilhada de quatro caminhos e fez um círculo de defesa, mágico, so-*

bre a terra. Pronunciou as palavras rituais da invocação. De repente ouviu-se uma explosão e fez-se uma grande luz. Uma música estranha de ruídos e sibilos, sons de dança, passos e rumores de espadas se ouviram na floresta. Apareceu no ar então, um demo com aparência de *dragão*. Esse demo deixou cair uma estrela de fogo impressionante. Vemos as semelhanças demoníacas constantes. Dragão, fogo, espadas, alegria ruidosa, dança e cânticos, como nas orgias greco-romanas. Muitos, os modernos pesquisadores, afirmam que os demônios eram seres vindos do espaço cósmico, astronautas, com seus discos voadores e carros celestes movidos pelos mais impossíveis métodos de locomoção... As bruxas, segundo esses historiadores seriam apenas criaturas que conseguiram por meios empíricos chegar aos extraterrestres, aos seres de outras galáxias, que desejam contato conosco e que sempre estiveram ao nosso lado, ajudando nossa civilização. A dedução é avançada, creia quem quiser! Somos espectadores de um constante drama na face da terra. Espectadores assustados, à espera de que alguém nos de uma resposta satisfatória sobre a vida e a morte, sobre Deus e o Demônio, sobre o amor e o ódio, sobre o verdadeiro significado da vida.

O ser humano possui poderes ainda desconhecidos. Por exemplo: como explicar as curas milagrosas feitas nos terreiros de Quimbanda e Candomblé? Tranca Ruas das Almas afirma que estas

curas, estes poderes milagrosos são possíveis. Entrevistado afirmou: quem cura são os Orixás, os Deuses Maiores, os Exus, como eu são os intermediários entre os pedidos dos homens e a grandeza dos Orixás. (215)

dos Orixas. "Não sou eu quem cura disse Tranca Ruas, é o meu PATRÃO MAIOR. Mas, pergunto: O que realmente cura? A resposta é a fé no Patrão Maior". Mas, de que modo a fé fez o milagre em nosso organismo? Como se processa em nosso corpo a regeneração da parte afetada? A fé cura, mas de que maneira, com que poder? Vem de nós mesmos a cura, desta máquina desconhecida que é a mente humana.

Somos donos de poderes grandiosos, mas não sabemos ainda usá-los. As bruxas podiam voar pelos ares, fazer a fogueira se acender sem outra coisa além do olhar, podiam quebrar uma garrafa de vidro sem por as mãos, só na força de sua reza. Mas, o que realmente ocorre neste momento? Ninguém ainda pode explicar esperemos portanto, com expectativa esta aventura fantástica que é a vida.

O Inferno

“Abandonai qualquer esperança, vós que entraís.”
Inscrição nos portões do Inferno, da “Comédia”, de Dante.

As narrativas de Virgílio e Homero nos falam de um lugar horrendo, cheio de gemidos e onde os condenados passam por diversos suplícios. A roda de Ixion, o tonel das Danaides, o rochedo de Sísifo, são tormentos onde o mortal paga sua pena por uma determinada falta cometida na terra. PLUTÃO e PROSERPINA, reis do Inferno pagão, lideram um séquito de demós menores, cada um com uma determinada missão para castigar os mortais que foram condenados ao suplício.

Nos poemas épicos o sombrio império é descrito com grandiosidade e assustadoras visões. Logo ao entrar no Inferno, o viajante ou o condenado escuta gemidos das sombras e queixas chorosas. Cada condenado conta sua desdita e implora compreensão. Cada castigo se relaciona com a culpa, como se Plutão fosse um juiz pesando as faltas e dando um merecido sofrer para determinada pena. Essa concepção é a mesma que encontramos entre os egípcios no Tribunal de Osíris, onde as divindades da morte pesavam o coração do morto numa balança e depois davam o castigo adequado. Anúbis, Plutão, Satã, Lúcifer, são exatamente iguais: juizes e donos dos infernos trevosos e das chamas eternas. O Império das Sombras é sempre o mesmo, através dos séculos e é colocado nos

lugares baixos. O céu, morada dos bem aventurados, fica sempre no alto e o Império Tenebroso nos lugares baixos, imundos, plenos de sombras. Os orientais acreditam que o Céu tem 7 pedestais, 7 patamares, onde, em cada andar, o bondoso mortal que já partiu nos caminhos da morte, recebe os prêmios por sua bondade. Para os povos guerreiros o prêmio é uma honraria militar para os povos eróticos, como árabes e persas, o céu é como um prazer carnal eterno, para os católicos uma paz niilista, e para os espíritas é algo mais profundo, claro e racional — o aperfeiçoamento espiritual, o trabalho para o bem de todo o universo. Os muçulmanos acreditam em 9 céus, em cada um dos quais se aumenta a felicidade dos crentes.

O Purgatório de DANTE possuía 7 patamares dispostos na montanha, em cujo topo ficava o Paraíso. Nos 7 patamares punia-se os pecados capitais. As almas teriam que permanecer nos patamares mais tempo ou menos tempo, dependendo da gravidade do pecado. A “Comédia de Dante”, com suas alegorias penetrou na cultura popular da Itália, de Portugal, e de outros países da Europa ajudando a crescer o pavor que o povo sentia pelo inferno.

No Egito, o astrônomo PTOLOMEU, que viveu no século da era cristã, pregou a existência de 11 céus, sendo que o último chamava-se *Empíreo*, “por causa da luz brilhante que nele reinava”.

A *Teologia Cristã* acredita em 3 céus. Todos localizados no alto, enquanto que o inferno fica nas regiões baixas. No terceiro céu há a morada do ALTÍSSIMO.

Assim como o céu foi sempre materializado, em todas as teogonias assim também admitimos que somos semelhantes aos deuses, quando na realidade nós é que criamos deuses à nossa semelhança, à nossa ima-

gem, cheios de faltas e erros humanos, morando num local alto e bellissimo. O inferno também é uma concepção material, com fogo de betume, juizes humanos, torturas humanas e, o que é mais tolo, eterno.

Nada na Natureza é eterno, estático, parado, sempre igual. Tudo se transforma, evolui, e está constantemente em movimento. A afirmativa de HAECKEL prova a mutação constante de tudo que vive: *Uma pedra torna-se uma planta, uma planta um animal, um animal um homem, um homem um deus.*

A própria água é submetida à Leis Cíclicas, assim como toda criatura do Universo Maravilhoso. A evolução leva a criatura à perfeição.

Crer num inferno eterno é uma tolice e fere a Lei Natural da Vida, a Lei da Evolução, a Lei Cíclica do Universo.

A Reencarnação, defendida inicialmente por ERMETE TRIMEGISTO, o autor de "Pimandro", aceita também por seitas orientais e pelos atuais místicos modernos, por muitas correntes espiritualistas, aceitas, por umbandistas brasileiros, por Kardecistas, é hoje em dia defendida pela ciência, é quase uma realidade para nós, homens da era da Informática, que nos tornamos outra vez místicos, levados pelo vazio que se abriu em todas as igrejas tradicionais e que deu incremento às sociedades secretas e à leitura de livros ocultos e rituais secretos, à procura de Deus em nós.

A Reencarnação é a tese de que cada criatura passa por várias formas, que são diversos condensamentos da matéria, e através dessas formas a criatura vai se aperfeiçoando e voltando a ser pura energia na *Mente Criadora*.

TRIMEGISTO diz que "a alma dos répteis, as primeiras que apareceram, passam aos animais aquáticos,

estas últimas aos terrestres, depois dos animais terrestres, passam aos animais que voam, e a dos pássaros, aos homens, os homens, enfim, passam a ser demônios, ou anjos, isto é passam a ser entidades do mal ou do bem, ou melhor, passam a ser as figuras mitológicas que aparecem nas teogonias de nosso mundo e depois tornam a sofrer mudanças. Assim, quando vemos espíritas "recebendo" de anjos ou demônios, isto seria possível, segundo a explicação de TRIMEGISTO, pois essas entidades seriam criaturas em evolução, que já foram homens e estão ainda em processo de aperfeiçoamento. A Lei de Umbanda, milenar, afirma isso, e, sem dúvida, os africanos, que trouxeram essa teoria para a atual Umbanda, nunca ouviram falar em Trimegisto, nem em teorias orientalistas, apenas sabiam disso pela observação da natureza e pelos ensinamentos dos sacerdotes atlantes que se refugiaram na África, após o cataclismo.

A doutrina espírita confirma a teoria da Evolução das Espécies e da Reencarnação.

O APOCALIPSE nos ensina que, no fim do ciclo, "os mortos ressurgirão dos túmulos".

Haverá uma total transformação, uma reencarnação, até o mar restituirá os seus mortos, e a terra também". Como poderia o inferno ser eterno? Para crer nisto teríamos que descrever do Apocalipse de S. João, de E. Trimegisto, de Kardec, de Buda, do próprio CRISTO — O SENHOR DO MUNDO.

O inferno católico é muito mais ilógico e horrendo do que o pagão. As caldeiras ferventes eternas são a condenação para os infelizes, que negaram o bem, ou a Igreja. No sermão pregado em Montepeller em 1860, o reverendo afirmou que os anjos levantam a tampa do caldeirão de torturas, para ver as contorsões dos suplicios. E, Deus, sem piedade, ouve-lhes os gemidos para

sempre... Jamais os gregos, ou romanos imaginaram coisa tão absurda!

Outra característica do inferno católico é que SATÃ não se limita a ficar no seu Reino de Trevas, como ficava Plutão nos caminhos sombrios do Tártaro. Satã sai para passear no nosso mundo, recrutando vítimas e fica feliz ao induzir o homem ao erro e para isso Satã traz consigo uma legião de demônios armados de forcados a ajudá-lo... Como afirma o codificador Kardec, "o inferno cristão nada cede, pois, ao inferno pagão".

Os teólogos católicos afirmam que o inferno fica numa região baixa, escura, sombria, onde as chamas não iluminam, só queimam... Os demônios do catolicismo são puros espíritos, que sempre se dedicaram ao mal, levados pelo Anjo Belo. Os condenados ao inferno tornam-se puros espíritos, uma vez que só a alma para ali desce, e o corpo, se transforma em erva, em planta, em mineral e líquido, sofrendo as metamorfoses constantes da matéria. (O céu e o Inferno, Kardec) Os condenados, como também ocorrerá com os santos, irão renascer no dia do JUÍZO FINAL, retomando os mesmos corpos, que usaram em vida. Os bons receberão então corpos perfeitos, purificados, e os condenados receberão seus corpos maculados e desfigurados pelo pecado. Allan Kardec, reuniu em seus livros as Comunicações de espíritos vivendo em bons lugares do Astral, como também padecendo em lugares de provas e sofrimento, porém nenhum desses espíritos afirmou que seu estado seria eterno, ou narrou algo parecido com o Inferno Cristão. O lago de enxofre apocalíptico jamais foi vislumbrado por algum irmão que falou a Kardec. E, o mesmo espírito, em várias comunicações com algum espaço de tempo, mostrasse bem mais conformado e esperançoso, provando desta forma a evolução de sua nova vida. Se, no entanto,

seus padecimentos fossem eternos, o espírito se mostraria de outra forma, atormentado, desesperado, sem a menor esperança de paz.

A crença dos cristãos verdadeiros não pode ser baseada no medo e sim na fé verdadeira. Porém, os teólogos da Igreja, afirmaram que a alma padeceria sofrimentos físicos no Inferno. S. Agostinho falava que a alma dos condenados sofria horrores físicos, num lago de enxofre fétido e via vermes "e serpentes saciando-se nos corpos, casando suas picadas às do fogo". S. Agostinho pretendia mais, baseado num versículo de S. Marcos," que esse fogo, sendo material e atuando sobre corpos materiais, conservava os corpos dos condenados, como o sal conserva os corpos nele jogados ao Inferno sentiriam a tortura deste fogo queimar sem destruir, penetrando-lhes a pele, causando-lhes sofrimentos atrozes e eternos... Pode-se imaginar o pavor que semelhantes descrições criavam na mente inculta dos homens medievais... Desse pavor, desse horror, nasceram milhares de alegorias, centenas de fúnebres descrições, lendas onde vagavam demos de asas de morcego, caras de macaco, caldeirões de metal derretido prontos a queimar os condenados, e com isso as Igrejas enriqueciam seu lendário trevoso. Os comerciantes que enriqueciam facilmente e que tornaram-se mais poderosos que os nobres feudais foram atacados pelos príncipes, que os culpavam de alianças com Satã ou Azazel. Dessas acusações clericais surgiram pinturas muito da moda, que hoje estão nos museus, e nessas pinturas os comerciantes cobertos de ouro eram ajudados pelo Demo, com seus olhos de coruja e patas tortas. A nobreza pagava aos pintores pobres, pretendendo desta forma aniquilar a burguesia, e que não conseguia a qualquer custo

a burguesia, o que não conseguiu, e a classe nobre
perdeu prestígio e dinheiro... Uma descrição muito

82



São Nicolau entrando no Inferno, numa visão medieval.

conhecida que aborda o tema acima referido é a seguinte: *Vi palácios de ouro e enxofre. Vi negociantes que estavam em seus balcões, sacerdotes reunidos a cortesões em salas de festins, chumbados às cadeiras ululantes, levando aos lábios taças chamejantes. Criados genuflexos em fervente cloacas, braços distendidos, e príncipes de cujas mãos escorria uma lava devoradora de ouro derretido.*

Outros, no inferno viram planícies sem fim, sangue escorrendo formando rios, cachoeiras de lágrimas, gritos, poços secos, barcas tripuladas por desesperados, desertos, leões descomunais, demos com cabeça de cornos, pele de fogo, serras nas unhas para serrar o corpo dos condenados, dragões voadores, volantes macacos.

Kardec defende a teoria de que essas visões nada mais eram do que resultado de mentes torturadas pelas narrativas dos padres excitados e absurdos que enchiam a mente dos fieis com essas narrações fantásticas. "Os extáticos de todos os cultos sempre viram coisas em relação com a fé de que se presumem penetrados, não sendo, pois, extraordinário que, saturados de idéias infernais, pelas descrições ou escritas, tenham tido visões, que são apenas reproduções em forma de pesadelos, destas mesmas descrições. "Um pagão teria visto o Tártaro e as fúrias, Júpiter no Olimpo empunhando o raio". (A. Kardec) Um católico via Satã, Berfegor, o demo da luxúria, Belzebu, dos desejos impuros, Belial e Astarot, em caldeirões ferventes...

Mas, sabendo que é o medo que cria essas visões e que conduz à loucura, podemos evitá-las e conduzir os nossos pensamentos para o caminho da paz e da fraternidade, porque Deus não nos deu o espírito do temor, mas da força, da caridade e da temperatura". II Timóteo 1;7.

84

SEGUNDA PARTE

CANDOMBLÉ, A DANÇA SAGRADA

Faint, illegible text at the top of the page, possibly bleed-through from the reverse side.

Faint, illegible text in the middle section of the page.

Faint, illegible text in the lower middle section of the page.

Faint, illegible text at the bottom of the page.

I

Segredos Revelados Pelas Filhas de Santo

O culto dos Orixás e os cuidados com a casa dos santos estão entregues a sacerdotisas conhecidas como *filhas de santo*, no culto nagô, *vodunsis*, no gêge, *muzenzas*, nos ritos de Angola e Congo e *cavalos*, nos candomblés de caboclo.

Estas filhas-de-santo revelaram segredos ainda totalmente desconhecidos. Vejamos:

Quem escolhe os mortais para a iniciação sagrada nos candomblés não é a mãe de santo, e sim o próprio

nos candombles não é a mãe do santo, e sim o próprio Orixá. Mas, como isto é feito? Em primeiro lugar, a mãe olha o santo do iniciado através do jogo dos búzios. Mesmo que o iniciado já tenha "bolado" para o santo, isto é já tenha tido uma manifestação de seu Orixá, a mãe olha os búzios para confirmar. Então, depois disto as iniciadas começam a juntar dinheiro para as despesas de seu santo. Geralmente as despesas são altas e elas são obrigadas a sair às ruas com um alguidar de pipocas e pedir ajuda para poder fazer seu "santo". Depois que a mãe de santo olha a quem o iniciado ou iniciada deve se dedicar eles passam a ser como escravos do Orixá. Devem homenageá-lo no seu dia da semana, devem abster-se de

87

relações sexuais no dia de seu Orixá, e não comer as comidas proibidas por seu santo. Depois devem preparar as roupas de seu Patrão e passar a morar no candomblé. Abandonam sua família, seu trabalho, tudo para viver cumprindo os místicos preceitos do candomblé.

O RITUAL SECRETO DA INICIAÇÃO NAGÔ

As folhas sagradas de Ossãe perfumam o ambiente. As filhas antigas da casa levam vestes brancas e cheirosas para que a iniciada deixe a roupa profana antes de entrar no santé. O banho de folhas é tomado ao ar livre para que as vibrações da natureza limpem a iniciada. Depois já com as vestes alvas ela passa pelos *atîn*, folhas para limpar o corpo, de acordo com seu Orixá. Em seguida irá aprender os cânticos sacros dos deuses e os toques dos atabaques, para reconhecer cada um destes toques. Na verdade esta iniciação lembra as cerimônias de Pompéia e os ritos primeiros do Egito e da Roma pagã. A jaô no candomblé revive a iniciação pura das reli-

ga. A iaô no candomblé revive a iniciação para as religiões antigas. É belo este ritual. É sublime e colorido. Um dia, depois de familiarizada com os mistérios do culto, a iaô ao ouvir o *alabê* tocar para seu Orixá, terá a grande alegria de vê-lo manifestar-se. E o Orixá chegará contente. Dançando sua dança sagrada. Ele chegará e tudo se modificará na vida da iaô. Sua vida de então será a vida de seu santo. Ela fará homenagens para o resto de sua existência. Pertencerá a seu Dono, ao dono de sua cabeça, pois, ele é seu pai, o seu senhor. Por ele será guiada, cuidada e sofrerá seus castigos quando errar com ele...

Mas, nem todas as iaôs recebem seu Orixá com as cantigas. Às vezes toca-se 7, 14, 21 cantigas e ele não chega. Então, se depois das 21 cantigas o Santo não che-

88

gar, faz-se o *bori* com água fria e recomeça-se a cerimônia. Mas, é raro que o Dono da Cabeça não chegue com as 21 cantigas, pois a iniciada está com o corpo preparado para isto, seus sentidos estão à espera deste Senhor Irradiante para que entre em seu corpo e gere *uma nova vida*.

Então as iniciadas vão para a camarinha e serão *raspadas para o santo*. Em alguns candomblés raspa-se todo o corpo, em outros não. Depois suas cabeças recebem a água dos axés, e a pintura ritual. Elas receberam o *adoxum*, que é o maior fundamento da iaô.

Ao sair da camarinha ostentam o *adoxum* bem no meio da cabeça. *Iaô sem adoxum não existe* no rito nagô mas candomblé de caboclo não usa adoxum. Eles não sabem raspar nem pintar. Sabem apenas lavar a cabeça de sua iniciada com folhas e com sacrifícios.

A pena que as iaôs usam é o *cudidé* e faz parte da

iniciação nagô, mas hoje a maioria usa uma pena de galinha d'angola, pois os mistérios do candomblé estão desaparecendo, diariamente criam-se coisas novas e abandonam-se os segredos nagôs... No interior da camarinha, por exemplo, a iniciada ficava 17 dias. Hoje faz-se esta iniciação em 2 dias ou até em uma noite...

O PODER MÁGICO DA CAMARINHA DE SANTO

Perguntei a uma iaô o que sentiu quando esteve deitada na camarinha do santo e ela respondeu: "Não senti fome nem sede. Uma intensa alegria me possuía. Senti como se não estivesse neste mundo. Senti também a presença de meu divino Orixá e isto me deixou como uma deusa. Não podia falar com ninguém, mas também não queria. Eu estava falando mentalmente com os deuses, meus verdadeiros amigos, meus anjos da guarda. Não

89

tive relações sexuais, mas não senti necessidade. A vida para o Orixá é pura, não pede as coisas da carne. Eu só tinha vontade de *bater palmas ou paó*. Falei só por mímica com a mãe de santo. As amigas, irmãs do candomblé ao se dirigirem a mim pediam *karakê* três vezes antes de me dirigir a palavra. Eu dormia em uma esteira e minha cabeça estava protegida com o maravilhoso torso sacro, pois assim eu não peguei vibrações que poderiam me fazer mal. Trazia a tornozeleira de guizos, ou *xaorô*, para mostrar minha humildade perante o Senhor da minha Cabeça. Quando saí do barco das iaôs não vi mais nada".

O ÔRUMKÓ

O dia marcado para a iniciada dar o nome de seu Orixá chama-se ôrunkó. É uma das festas mais belas do

candomblé. A iaô depois de levantar-se pela madrugada, rezar, comer as comidas rituais (ageum) estará apta a gritar bem alto o nome de seu Vodum ou Orixá. O Dono da Cabeça dirá bem alto para todos os presentes o seu nome, (que "reina no REINO DOS ORIXÁS ADOXOS (feitos). O santo de cada iaô tem caráter pessoal, características próprias, portanto deve ter um nome especial que o identifique. No dia do ôrunkó é realizada uma festa pública, na qual as iaôs dançam possuídas por seu Orixá e gritam alto seu nome, nome que daí em diante será parte de sua vida. No Rio usa-se o termo dijina, isto é o nome pelo qual a iaô será identificada. Na Bahia também usa-se a dijina de santo, mas não em todos os candomblés.

Depois deste dia conta-se 3 meses de quelé, porém há santos que exigem mais tempo e então está terminado o resguardo.

Perguntei a uma filha do Gantois o significado do termo iaô e ela me respondeu:

90

— "Maria Helena, a palavra iaô ou yawò, em nagô significa esposa, mas, entre os candomblés tem sentido de noviça, iniciada.

Fiz outra pergunta, para saber o que era ebomin, ou ebame, e ela me respondeu:

— "Irmã, em relação a palavra ebomim ela quer dizer filha-de-santo com sete anos de feita no santo, ebame é corruptela de ebomim. O decá é recebido após os





Iaôs pintadas na primeira saída da camarinha

sete anos de santo o decá é uma cuia, e uns apetrechos usados no ritual, não é um diploma como vi no Rio. Candomblé não tem diploma.

O BORI

Quando as filhas sentem necessidade de purificação fazem o bori, que é "dar de comer à cabeça". Vamos ver como é feita esta cerimônia:





Iemanjá, Omulu e Oxossi, na última fase da Iniciação nagô, quando mostram-se ao público, incorporados em suas iaôs, trazendo suas roupas e ferramentas.

Sentei-me ao lado do pai de santo e observei o seguinte:

A filha de santo chegou e com humildade ajoelhou-se perto do pai de santo. Trazia obi, orobô e ori e limo da Costa. O chefe fez uma mistura com estes materiais. Depois esfregou sobre a cabeça da filha de santo. Em seguida matou um pombo e fez correr o sangue sobre a cabeça da filha de santo, que ajoelhada e contrita acre-

ditava que o bori iria purificá-la de seus pecados. A esteira onde estava ficou molhada de sangue, mas seu corpo estava puro...

... de la ...
... de la ...
... de la ...



... de la ...
... de la ...
... de la ...

... de la ...
... de la ...
... de la ...

O Amor e as Guerras dos Orixás

— IEMANJÁ, A MÃE DOS ORIXÁS —

Iemanjá, a mãe-d'água, veio da África nos tumbeiros, junto com seus filhos escravos. Foi morar nas águas azuis do mar da Bahia e dançar nos candomblés, envolta em panos cor de anil e brancos. Com seus amigos da terra, fiéis, ela comia conquém, galinha, acaça, pato e cabra. E feliz cantava sua cantiga que lembra as ondas mansas do mar. Porém, os brancos proibiram sua festa, sua alegria e mística aparição. Então, seus filhos camuflaram sua aparência e a enfeitaram com as lendas da Virgem. Assim, Iemanjá sincretizada à Senhora da Conceição passou a ser A Rainha do Mar, a Dona dos Peixes, a Sereia, a Mãe dos Homens, e suas estórias foram sendo modificadas. Estas antigas lendas africanas que contam que Iemanjá era a mulher querida de Oxalá, amante potente e graciosa que seduzia os homens do mar, e que de tão formosa fez nascer o desejo em seu próprio filho, foram esquecidas. Hoje, Iemanjá é uma ninfa das águas, A Virgem Mãe. Mas, através dos estudos de grandes antropólogos, que sem dúvida amaram também como eu a figura maravilhosa de Iemanjá, contarei sua verdade, com gosto de mar e sal.

Roger Bastide em "O Cambomblé" analisa as duas incorporações da Sereia no candomblé. Ora ela é moça, feminina e belíssima, chamada Saba, ora é Iemanjá Velha ou Ogunte. Iemanjá, para Bastide, usa as cores rosa e o azul-claro. Seu metal é a prata e come ovelhas e pombos. Seu dia, o sábado, sendo também o dia de Oxum. Seus protegidos são os pescadores, que antes de embarcar em seus saveiros cantam pedindo proteção.

Dê-me licença, aí

Dê-me licença, aí

Alô de Iemanjá-i

Alô de Iemanjá-i

Hoje, poucos candomblés mantem a divisão entre Saba e Ogunte. Outros, erradamente, falam de uma Iemanjá das águas doces e outra das águas salgadas. Porém, aí classificam Oxum, como espécie de Iemanjá dos rios e cachoeiras e Iemanjá como das águas do mar. É erro. Oxum tem seu próprio culto, não é uma variação de Iemanjá e sim a Orixá das fontes, rios e lagos. Outra Oxum era apenas a divindade do Rio Oxum, na África, e Olokum o deus do mar.

A ORIGEM DO CULTO DE IEMANJÁ

Imaginemos que estamos na pré-história. Nada sabemos da vida, do cosmos, da morte. Mas, sabemos da fome, do medo e do frio. Estamos numa caverna há quarenta mil anos antes de Cristo. À luz e ao calor dos archotes, uma tribo se reúne, diante de nichos escavados na rocha viva. Lá uma estatueta de pedra, de formas arredondadas, grandes seios, ventre volumoso. Esta esta-

tueta representa a GRANDE-MÃE. Foi a primeira imagem que o homem adorou. Ela era usada também em amuletos pendurados ao pescoço. Tinha poderes mágicos. A finalidade deste culto à Grande-Mãe era a *fertilidade*. Da reprodução da renda, do bizão, de todos os animais e dos homens dependia a continuação da vida. Logo, a fertilidade tinha que ser adorada, produzida magicamente. Assim esta estatueta primitiva é o totem, que vai originar a Ísis egípcia, e Afrodite grega a Astartéa fenícia e todas as divindades mães, que atravessam a história dos homens. Iemanjá é a Grande-Mãe com culto organizado, preceitos religiosos, mas continua representando a mesma concepção primitiva, nascida no Paleolítico.

IEMANJÁ ESPOSA AMADA DE OXALÁ

Do culto da fertilidade nasceu a lenda do casamento do céu com a terra, gerando os deuses ou Orixás. As núpcias celestes aparecem também em todas as mitologias quer no Egito, na Grécia, na Fenícia, em Roma. O Pai, o deus solar possui sua esposa, terra e faz nascer tudo que é vivo. As águas, os vegetais, os rios e fontes, a chuva, o vento nasceram desse amor cósmico. E como nasceram de deuses são também deuses. Os Orixás são fruto do casamento do Pai Celestial, Gerador, Criador, com a Mãe Terra, fecunda e eterna.

Assim ODUDUA, que já foi esquecida pelos candomblés e Iemanjá representam esta concepção: elas são as continuadoras da vida, as egrégoras supremas da fertilidade.

Os mais velhos babalorixás conhecem a lenda do casamento de Oxalá com Iemanjá. Vamos analisá-la, pois confirma a teoria de que todos os cultos nasceram do

culto da fertilidade; aliás defendido por John Marco Allegro, professor da Universidade de Manchester e estudioso dos *Pergaminhos do Mar Morto*, manuscritos que montam as raízes do Cristianismo.

“Oxalá tem duas esposas. Uma velha sem atrativos, que é Nanã outra jovem e bela, que é Iemanjá.

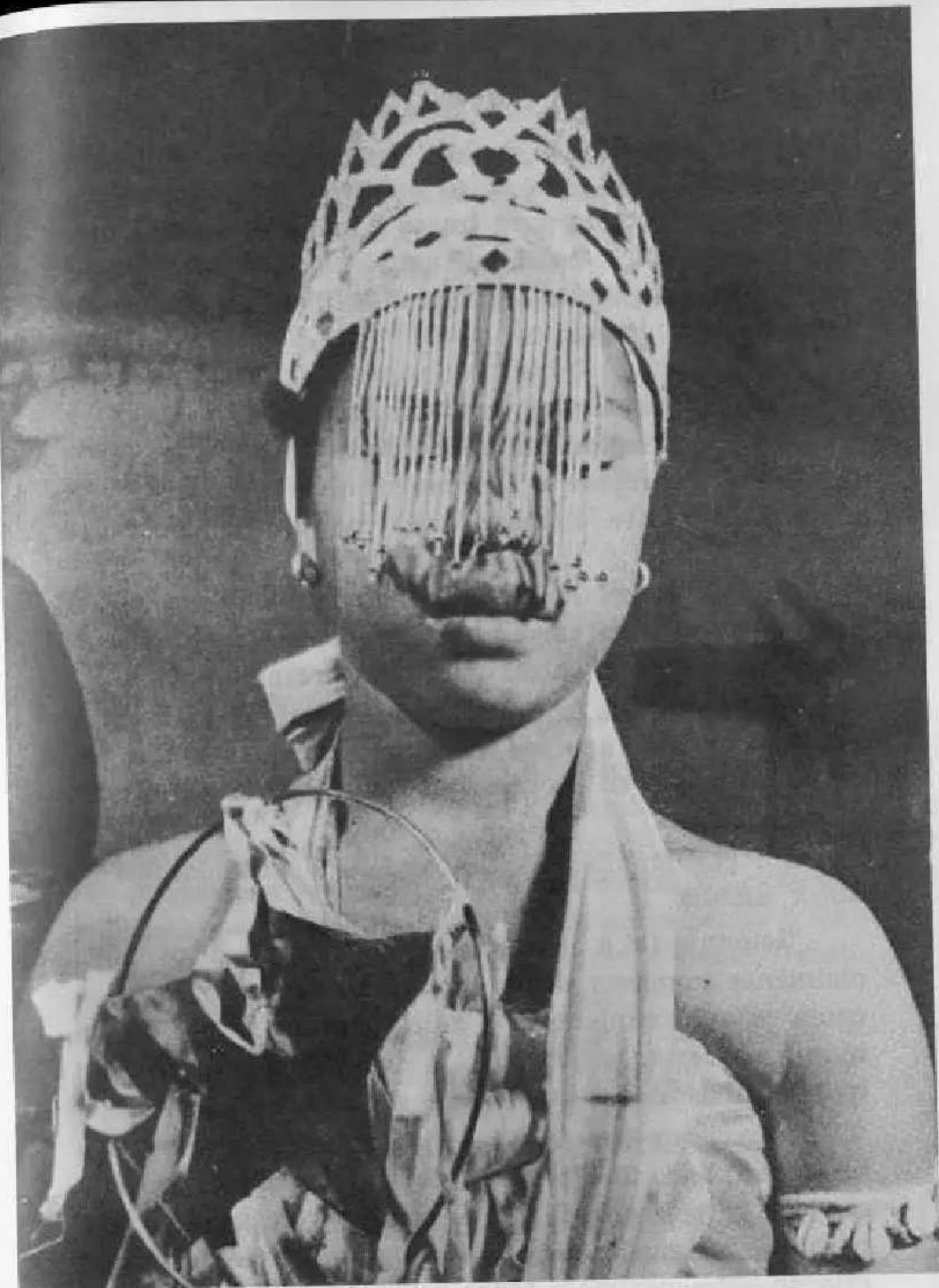
Com Nanã ele teve três filhos Omulu, Loko e Oxumarê. Nanã vive sozinha no fundo de um rio da África Ocidental, entre ervas das águas. E Iemanjá, a esposa mais amada de Oxalá vive sempre perto dele, e com ele teve muitos filhos, que são Xangô, Oxum, Oxossi, e outros Orixás. Sem o casamento de Oxalá e Iemanjá a terra não seria o que é, cheia de vida e não haveria os Orixás protetores da caça, das montanhas e das águas doces.

Mas, esta é apenas uma lenda, e há centenas delas, cada uma representando regiões diferentes do Brasil, outras com gosto ainda de Ilu Ayê.

OUTROS NOMES DE IEMANJÁ

A mãe d'água recebe os nomes mais variados entre as iaôs e ebomins. Os mais conhecidos são: Princesa do Aiuká ou Aruká, Inaê, Marabô, Janaína, Rainha do Mar, Dona Maria, Sereia, Sereia Mucunã, Dandalunda, Mãe d'água, Princesa das águas. Janaína tem muitas lendas, Souza Carneiro em “Os Mitos Africanos no Brasil” registrou a seguinte: “Janaína saiu passeando pelo mar a dentro, onde não há dia nem noite, vendo as belezas que a gente não vê, mas são os seus vassalos.

Todos os peixes saíram das areias, das lamas e das locas e foram acompanhando a moça mais formosa que já nasceu metade mulher com os cabelos de ouro, metade peixe com as escamas de prata.



Oxum, Orixá dos rios, fontes e cachoeiras era, na África, a divindade do Rio Oxum. Olokum era o deus do mar. No candomblé Oxum traz um abebe e uma espada pois, no dizer dos babalorixás, "embora seja uma moça formosa e delicada, ela sabe se defender, é também guerreira, por isso traz sua espada dourada. Oxum Apará é Orixá totalmente guerreira.

Mesmo no fundão do alto mar, Janaína fingiu que tinha parado para ver se os peixes eram seus amigos. Todos se ofereceram para trazer a mãe d'água no lombo até a casa dela. A baleia, o tubarão, o boto... E ela foi recusando, com muita tristeza deles. Por fim ela cantou quando viu o último.

Cavalinho, meu cavalinho,
Senhor das areias do mar,
Prepare o seu cangotinho
Para Janaína voltar.

O cavalo marinho enfeitou-se todo e ela montou nele que partiu num carreirão desimpedido, rompendo as ondas, sem que os peixes pudessem acompanhar.

Desde este dia, o Cavalo marinho, passou a ser encantado. Quando aparece ao homem é pequenininho, para se saber que os pequenos são, muitas vezes, grandes para os deuses."

Em "Cerimônias da Umbanda e do Candomblé" o autor afirma:

"Iemanjá foi a deusa do Rio Niger. Os bantos, especialmente angolezes, dizem Iemangá, em vez de Iemanjá, como os que freqüentam o culto gêgê-iorubano. De Iemanjá nasceram os Orixás. A dos gêges e nagôs teve quinze filhos. A dos angolezes é donzela."

A escritora Zora A. O. Seljan registrou a narrativa de um santeiro da Província de Matanzas (México) na qual ele se referia a Iemanjá, como a rainha universal, porque é a água, a doce e a salgada, a mãe de toda a criação, alimentando a todos pois a terra e tudo que vive na terra se alimentam de água. Há também uma estranha referência sobre o caracol e aos sons que parecem vir de seu interior quando o aproximamos do ouvido:

"De Iemanjá nasceu a vida, e do mar o santo, o caracol, o santo que fala e que ensinou as criaturas o que deviam fazer."

Já para E. Carneiro, Iemanjá é apenas deusa do Rio Ogum, que banha o Albeokutá. Mas, o mar tem outro dono: *Olokun*, semelhante ao Netuno dos gregos e romanos e ao Poseidon de Atlântida.

Para Jorge Amado, Iemanjá é "a Dona do Cais", dos saveiros, da vida dos pescadores, e tem cinco nomes — Dona Janaína, Inaê, Dona Maria, Iemanjá, Mãe d'água."

Cavalcanti Bandeira, pesquisador dos cultos afro-brasileiros, ainda registra mais nomes para a Princesa das Águas: Minha Madrinha, Oluxum, Madrinha, Oloxum, Kaiala, Dona Faceira.

AS SEREIAS DE ANGOLA

Segundo estudos da Câmara Cascudo, Angola possui três Sereias: "*QUIMBANDA* é a sereia marítima, vive nas águas salgadas, ao redor de Luanda e por toda a orla do Atlântico angolano. Sua morada é nos rochedos que circulam a fortaleza de S. Miguel. A outra sereia é *Quituta*, morando nos rios e lagoas, montes, e matas, Iemanjá terrestre.

A terceira é *Quiximbi*, podendo ser masculina ou feminina e tendo domínio nas lagoas e nos rios da região."

AS FESTAS NO MAR PARA A SEREIA

Todos os filhos do candomblé são obrigados, uma vez que seja, a levar presentes no mar para a Senhora das águas. O presente pode ser individual ou coletivo.

Chegando à praia os filhos do candomblé devem cantar para Iemanjá. Depois colocar a oferta em veleiro

outros barcos, levando em seu bojo, numa imensa cesta toda ornamentada de flores alvas, todo o material necessário para o embelezamento de uma mulher faceira: sabonete, vidros de perfume, flores, lenços de seda, pentes, fitas, espelhos, colares, braceletes, pós de arroz ou o ABEBE(*)" Juntamente com os presentes são colocados bilhetes pedindo curas, ajuda ou maleme. O som de atabaques faz com que o ambiente fique mais vibrante. Em determinado lugar o presente é arriado. Se for aceito, creêm os fiéis, ele logo afundará, caso contrário, se nadar é que a Sereia recusou.

No Rio, São Paulo, e em vários estados nordestinos, o presente vai para o mar, num pequeno barco de madeira e é colocado bem na beirada, (para que as ondas o levem) em vez de em alto mar. Nos candomblés de caboclo os caboclos chegam primeiro incorporam e são eles que cantam e dançam para agradar Iemanjá, enquanto os filhos que vão oferecer o presente colocam seus pentes, perfumes e flores no barquinho. Muitas garrafas de champanha são colocadas na praia, pois, nos candomblés de caboclo ela bebe champanha e vinho' branco. Na ocasião em que vão levar os presentes os filhos cantam:

Iemanjá-o
Sua cidade tem areia
Iemanjá
Iemanjá-ô

(*) *O abebê e A REPRESENTAÇÃO DOS DEUSES*

O verdadeiro candomblé não aceita o uso de imagens. Os Orixás são representados por objetos inanimados, como pedras, conchas, pedaços de ferro, árvores e frutos. Especialmente pelas pedras ou Itás. Itás são residência favorita dos Orixás.

Porém, sob influência católica, os Orixás estão sendo representados por suas insígnias — Xangô pelo machado em forma de T, ou o machado com asas (símbolo fálico). Omulu pelo xaxará. E Oxum pelo abebé, assim como Iemanjá, ou Iamangá (Angola), ou Janáina (Quimbundo).

102

Iemanjá mora no mar
Sua cidade tem areia
E a falange que a acompanha
Toda ela é de sereia
Iemanjá
Iemanjá-ô.

AS FÚRIAS DE IEMANJÁ E OS SACRIFÍCIOS HUMANOS

Iemanjá nem sempre é carinhosa. As vezes, quando zangada, ela é difícil de agradar. Então, as ondas ficam imensas, as canoas e saveiros voltam sem seus mestres para a praia. As velas dos saveiros chegam rotas, e o uivo do mar, como um animal ferido, é ensurdecedor. Não há cantiga, nem presente, nem comida que a acalme. Ela, raivosa, com os cabelos de ouro espalhados ao vento, exige choro e sacrifício. Houve um tempo ruim assim. Os temporais enchiam a barra, levantaram o rio e ele chorou espalhando água por todos os lados. Os corpos dos mestres e pescadores sumiam. Sereia os levava para as águas de prata do seu reino. Então, em desespero, os babalorixás, ofereceram a Mãe dos Peixes um sacrifício humano, puro, belo, para acalma-lá. Jorge Amado conta a estória em "Mar Morto".

"Nesse tempo até as crianças, até as moças foram levadas de presente para Iemanjá. Ela as conduzia para o fundo das águas e nunca os corpos apareciam. Iemanjá estava nos seus anos terríveis, não queria cânti-

ja estava nos seus braços, querendo abraçá-la, querendo beijá-la, querendo tocá-la, querendo sentir o calor do seu corpo, toadas, música, sabonetes e pentes. Queria gente, corpo vivo. Era temida a cólera de Iemanjá. Levaram-lhes crianças, levaram moças, uma que era cega até se ofereceu, e foi sorrindo (iria, sem dúvida, ver coisas belas), uma criança chorava na noite em que a levaram e

gritava para a mãe, para o pai, que não queria morrer. Fora também numa noite de festa de Iemanjá”.

Oscar Ribas, em seu “Quilanduquilo” nos fala também da fúria da Sereia:

“Em 1927 a chuva caía abundantemente. Muita água, uma vinda diretamente do céu, outra escorrendo dos montes e vales...) E palhaços e tufos e árvores, tudo seguia de roldão...

Bem, Oscar Ribas conta o desespero da gente, os rios transbordando e os brancos tentando salvar as casas, através de métodos civilizados. Até que resolveram chamar um *quilamba* para cuidar da fúria da *Quianda*. E para aplacar a zanga da Sereia lhe ofertaram um presente:” Fechou-se o dia, abriu-se a noite. Noite escura, sem lua, sem estrelas. Os serviçais, fardos nas costas ou na cabeça, cantigas alentosas nas bocas, se movimentaram para oferecer o presente à *Quianda*. No fundo do precipício, a água, colérica, bufava, rangia. Os homens lançam os sacos. Mas logo em violentos empurrões corpos baqueiam no sorvedoro e desaparecem. Quantas vítimas?

Mais de seis. “Aí, conta o escritor, as águas pararam sua fúria e tudo foi serenando. “Ninguém viu nada, ninguém ouviu nada. No seio do rio, na mansão da Sereia, outra vida levavam os sacrificados. Ai, *Quianda*, *Quianda*!! Para que, em tributo de tua vassalagem, exiges tu o holocausto de vidas humanas?”

IEMANJÁ, MÃE E ESPOSA

Por que Iemanjá fica assim zangada? Por que em vez de meiga mãezinha, em cujo seio redondo e farto dormem seus filhos deuses e homens, a Sereia torna-se devoradora e exigente? A resposta está nas lendas de seus amores. Ela, de tão bela, foi amada não só por seu mari-

104

do e irmão *Aganju* (*) mas também por seu próprio filho o Orixa *Orugã*. Na ausência de *Aganju*, *Orugã* rapta e viola Iemanjá. Ela, na fuga, temendo o contato com *Orugã* cai morta. E de seus seios nasceram as águas. Assim, ela é mãe e esposa. E como toda mulher, ciumenta e às vezes má. Ela ama os homens do mar, os filhos do terreiro, e os embala em seu corpo. Mas, às vezes, devorará-os e assusta-os como um dia Ela mesma correu assustada, em louca descida, fugindo de seu filho ardente de desejo, *Orugã*.

(*) **AGANJU** — O culto do candomblé tem na nação queto a sua força. E a hierarquia religiosa desta nação é a seguinte: **OLORUM**, Deus Supremo; **OBATALÁ** (a terra) e **ODUDUA** (rei da pureza). Do casamento destes dois nasceram **AGANJU** e **IEMANJÁ**. E da união desses dois, Orugã. De Iemanjá com Orugã nasceram os Orixás, ou forças da natureza divinizadas: Olosa — lagoa; Obá, do Rio Obá; Orum, o sol; Dadá, dos vegetais; Oxum, rio Oxum; Okê, das montanhas; Iansã, Rio Niger e dos ventos; Xapanã, doenças; Xangô, raios e trovões; Oxossi, da caça; Oxum, a lua. Os maiores são os seguintes: Obatalá, Xangô e Ifá (segundo S. Carneiro). Aganju, portanto não é uma modalidade de Xangô e sim o filho de Obatalá e Odudua. (Lenda de Ellis).

Ifá, o Grande Oráculo

Ifá é a divindade da adivinhação. Não é um Orixá. É um ser intermediário entre os Orixás e os homens. Ifá, entretanto, por trazer aos homens o conselho dos deuses, situa-se numa posição importante. Assim, antes de qualquer empreendimento, de ordem bélica, religiosa ou profana, Ifá ou Fá era consultado.

Souza Carneiro respeitadofolclorista definiu Ifá como "o revelador de tudo que é oculto ou perdido, do que se deseja saber do passado, do presente e do futuro, o patrono dos namoros, do amor carnal e do parto".

Ifá, o oráculo negro, que era consultado para todas as atividades religiosas, encontra semelhança entre todas as mitologias antigas.

No Egito, por exemplo, foi encontrado um papiro, que hoje está no Museu Britânico, que data de 1843 anos antes de Cristo. Neste papiro está profetizado o nascimento de Cristo e o advento do Cristianismo.

Na Grécia, na Ásia Menor e na Itália, durante o período clássico, havia muitos adivinhos. Os locais onde atendiam a seus clientes eram chamados oráculos. Lá os deuses respondiam às perguntas. *Contavam-se mais de duzentos oráculos nas ilhas gregas.* O mais famoso era o de DELFOS, na Grécia, na qual uma sacerdotisa, chamada de *pítia*, atendia em nome do deus Apo-

lo. Os espartanos só entravam em guerra após a consulta aos deuses.

Em Roma, os *aúgures*, eram sacerdotes que tiravam presságios do voo, do canto e das entranhas das aves, como também do apetite dos frangos sagrados. O princípio religioso era o mesmo do atual: os deuses conhecem o futuro e, mediante sinais, permitem ao homem conhecê-lo também.

A *sibila*, entre os romanos, assemelhava-se à *pítia*. A mais poderosa foi a sibila de CUMES. Ela possuía, segundo lendas romanas, livros sacros e miraculosos que ensinavam a prever o futuro. A sibila de Cumes vendeu estes livros a Tarquínio, "o antigo", um dos reis de Roma. São os chamados livros sibilinos. Os livros foram guardados no Capitólio e neles há profecias até sobre a vinda de Cristo.

São Malaquias, Nostradamus, Ezequiel foram grandes adivinhos. Em todas as idades apareceram oráculos

famosos e grandes. Logo, o culto à Ifá nada tem de diferente e estranho à humanidade. Recentemente S. Antão Marmo fez grandes previsões sobre o Brasil, mas as mais famosas são as de S. João Bosco, que anteviu a fundação de Brasília e um grande futuro para nossa pátria.

Logicamente, como o africano criava lendas belíssimas para explicar o mundo que o cercava, Ifá recebeu também uma estória divina. Ela nos fala da astúcia de Oxum, a mais dengosa das Orixás, mulher querida de Xangô.

"Ifá era muito pobre e vivia da pesca. Então fez um trato com Legbá - o mensageiro celeste. Ele pediu que Exu lhe arranjasse riqueza e em troca ele serviria a Exu como escravo por 16 anos.

Exu, muito ladino, conhecedor das artes adivinatórias, ficou feliz em ter a companhia de Ifá. E aos pou-

108

cos foi ensinando-lhe os segredos do futuro. Usava para ensinar a Ifá uns coquinhos de dendê. Mas, Ifá aprendeu tanto, que já não tinha vontade, nem tempo para limpar a casa de Exu.

Um dia apareceu uma bela mulher na casa de Exu. Era *Apetebi*, e pediu para ajudar a arrumar a casa do Compadre. E aos poucos foi aprendendo a arte da adivinhação. *Apetebi* só se vestia de dourado e quando passava deixava um rastro de perfume. Ela não era outra se não Oxum. *Oxum foi ensinada por Ifá através do jogo com 16 coquinhos de dendê.* E tanto aprendeu que Exu passou a responder a todas as perguntas da *Yabá Menina.*"

É por esta razão que a gente do Candomblé crê que as Filhas de Oxum têm tendência natural para adivinhar o futuro através do Jogo de Búzios.

O *sacerdote de Ifá* é o Babalaô. A palavra é uma corruptela do termo babalawo, de origem iorubá. Significa pai-do-mistério, isto é, o sacerdote que conhece o futuro através de Ifá.

Como sacerdote de Ifá o Babalaô pode olhar o futuro e prevenir os filhos do terreiro de perigos ou orientá-los a conduta. Assim o Babalaô constitui o grau mais elevado na hierarquia nagô. Mas, como os maiores babalaôs da África não vieram para o Brasil, esta hierarquia tomou outro rumo. Confunde-se Babalaô com Babalorixá, que é o sacerdote dos Orixás e não o ledor do mistério.

Na hierarquia africana, além do Babalaô e do Babalorixá havia o Babalosaim, que era o sacerdote de Ossãe, encarregado de colher as ervas para o ritual. E ainda o Babalójé, que era o responsável pelos Eguns.

Na África o Babalaô consultava Ifá através do *Opele-Ifá*. Mas, como a consulta deste modo era muito com-

plicada, os babalaôs e os pretos-velhos (nos candomblês de caboclo) passaram a usar o *jogo de búzios*.

Os búzios são de duas espécies: machos e fêmeas. Pode-se jogar com 4, 16, 21 ou 28 búzios. Para os eguns usa-se 9 búzios.

Joga-se de várias maneiras, dependendo do ritual. No rito de Angola joga-se sobre uma toalha, em queto sobre uma táboa chamada *taramessu*, e também sobre o chão puro. As caídas dos búzios (abertas ou fechadas) analisadas em conjunto são os *Odus*. O jogo também é chamado Delogum ou Edilogum.

O jogo dos búzios não pode ser feito às segundas e sextas feiras, nem durante o carnaval e a quaresma. Pode ser feito por mulheres embora na África isto era

de ser feita por mulheres, embora na África isto era proibido. Mas, a Mãe-de-santo joga com caramujos africanos em vez dos búzios comuns.

Os Babalaôs usam também o obi, o orobô e a pimenta da Costa (ataré).

IFÁ E OXALÁ VELHO, SEGUNDO A TRADIÇÃO BAIANA

Dentre as estórias negras ligadas a Ifá uma das mais interessantes é esta, que foi recolhida na Bahia e tem origem na Nigéria.

“Antigamente Oxalufam, pai de Oxaguian, rei de Egfibó, pensou em deixar o reino de seu filho para fazer uma visita a seu amigo Xangô, rei de Oyó. Antes da partida foi procurar um babalaô para saber o que o aguardava durante o trajeto. Então o babalaô jogou os búzios e consultou a Entidade da Adivinhação e respondeu a Oxalá Velho:

— “Não vá, venerável, não faça esta viagem.”

Então Oxalá velho insistiu. E disse se não havia um

modo, um sacrifício, ou um ato mágico que o ajudasse a fazer a viagem em paz.

— “Bem, já que desejas tanto, faça o seguinte: atenda a todos os pedidos que lhe fizerem na viagem e leve consigo três vestimentos de reserva, manteiga de karité e sabão.

Oxalufan pegando seu cajado de prata, suas vestes bordadas partiu.

Como era muito velho ia caminhando devagar, apoiando no cajado, o paxorô. Num caminho deserto o Velho Oxalá encontrou Exu, sentado numa beirada e com

uma grande barrica de óleo de palma pousada a seu lado. Então Exu pediu:

— “Oxalá, Velho e Bom, ajuda-me a carregar este fardo?”

Oxalufan colocou a barrica na cabeça e lá se foi segurando seu cajado.

Nisto Exu deu um pulo e derrubou o óleo de palma no corpo de Oxalufan e saiu todo alegre, gargalhando e zombando do velho.

Oxalufan foi ao riacho, lavou-se e passando a manteiga no corpo vestiu uma outra roupa bem limpinha e não ralhou com Mojubá; saiu sem nada dizer

Além disso deixou para Exu sua vestimenta antiga.

Na outra curva da estrada Oxalufã encontrou novamente Exu. Desta vez ele estava carregado com uma carga de carvão e um jarro de óleo de amêndoas de palmeira.

Ele pede ajuda a Oxalufam e consegue e outra vez espesinha do Grande Orixá.

Chegando no reino de Oyó, Oxalufam vê o cavalo de Xangô em disparada. Atrai o animal com espigas frescas e pega-o querendo ajudar ao rei desta nação, porém

os servos de Xangô pensando que ele era o ladrão levam-no preso. Batem no Grande Orixá e deixam-no sofrer.

Como castigo, sete anos de desgraças e pestes caem sobre o Reino de Oyó. Os sacerdotes tudo fazem para aplacar a fúria da Natureza. Mas, nada!

Um dia Xangô reúne seus babalaôs e pede que joguem o opelê. E o Pai do Mistério, Ifá, responde:

— “A culpa de todo este sofrimento, desta miséria, das pestes e da fome é porque um velhinho, puro e bom,

sagrado e mestre, está preso. Enquanto a injustiça não for aplacada, nada será como antes. As palmeiras não darão óleo. Os milharais serão queimados, e as mulheres serão estéreis. Soltem o todo poderoso que está preso”.

Oxalufam é trazido diante de Xangô. Ele reconhece seu mestre e dá ordem aos seus escravos que, vestidos de branco, silenciosos e humildes lavem Oxalá e o adoram.

E as notícias sobre seu Velho Pai chegam a Oxalá Novo, que fica feliz e em paz.

Assim, sobre a lenda de Ifá, Oxalá e Xangô há muitas histórias, pois a gente do candomblé conserva seu fabuloso lendário e o transmite sempre. Mas, como diz a voz do povo, *quem conta um conto aumenta um ponto*. A lenda de Ifá e Oxala Velho é tão respeitada que deu origem a várias cerimônias. A mais importante é a *das águas de Oxalá*. A festividade é a seguinte:

Os axés de Oxalá são retirados do peji e ficam sete dias em uma outra cabana. Representam os sete anos de prisão que Oxalufan passou. Os filhos do Abaça vão às fontes próximas ao terreiro e enchem as quartinhas. Vão vestidos de branco, silenciosos e contritos. Esta água serve para lavar os axés de Oxalá. Depois fazem uma espécie de procissão. Ela simboliza o retorno de Oxalufam ao seu reino, reino de paz e de glória.

Antigamente todos os pais e mães de candomblé contavam estórias, ensinavam a mitologia africana, e os iniciandos só recebiam o deká após sete anos de estudos e trabalhos no abaça. Mas, atualmente, há muitos “zeladores” de santo que nada conhecem, isto porque há muita pressa, muita vaidade, muita cobiça. Os grandes candomblés, verdadeiros centros da tradição africana,

não ensinam a qualquer um seus mistérios, sua iniciação, as comidas, os *erós* de santo. Assim, cada vez mais aparecem inovações e bobagens deturpando o primitivo ritual. O africano, primitivamente possuiá Orixás, Voduns, Inquices, para os fenômenos da natureza. Cada fenômeno natural era divinizado, recebia um culto, um tratamento diferente. Mas, com a vinda forçada para o Brasil a coisa mudou. O culto foi aos poucos se miscigenando, perdendo as características da nação, misturando-se, inovando-se. Hoje, quem joga o rosário de Ifá? O jogo de búzios, mais fácil o substituiu.

Os búzios são jogados indisciplinadamente, quando só o babalaô pela Lei Africana poderia jogar. Agora vamos observar o misterioso jogo de búzios. O "rosário de Ifá ou *O Opelê-Ifá* é um colar composto de quatro metades de nozes de cola presas a uma cadeiazinha de ferro, que o Babalaô joga sobre a mesa de modo a cair um U. Está em total desuso. Ninguém sabe mais jogar com ele, como era jogado pelo babalaô na nação africana.

OS BÚZIOS REVELAM SEGREDOS DA VIDA E DA MORTE

Na mesa do jogo de búzios há vários apetrechos: copo com água, vela, toalha branca, peneira de palha, chamada *urupema* (usada no ritual de Angola) e às vezes um prato com a lubaça ou lubosa (cebola), cortada em quatro. Muitos jogam com a esteira de Ifá, que lançada

ao chão responde às perguntas do pai do mistério, movendo-as para um lado e para o outro. Outros babalaôs jogam com atarê, obi e orobô. Mas, o jogo mais comum é sem dúvida o de búzios ou delogum.

Lançados os búzios, são estudadas as *caídas*, isto é, as posições em que se dispõem no conjunto as peças do

as posições em que se dispõem no conjunto, as peças representativas. Verifica-se se estão com o lado aberto ou o lado fechado à vista. Cada conjunto formado é chamado de *odu*. O *odu* é uma figuração que, de alguma forma, se relaciona com os Orixás, com suas estórias, suas *quixilas*, seus entrelaçamentos, dificultando muito a interpretação.

Em geral são lançados 16 BÚZIOS (*). Estes oferecem 256 interpretações diversas, com relação aos *odus*.

Partindo de uma figuração inicial das caídas dos búzios, em proporção com os 16 lançados, se estabelece em relação: *para um aberto, há quinze fechados, e se aumenta a proporção de um lado, diminui a do outro. Passando a ser, dois abertos para quatorze fechados. Assim sucessivamente. Formaremos então 15 combinações básicas, que possuem um nome africano, segundo a modalidade do candomblé. No caso de caírem igualmente 16 búzios de cada tipo, a jogada tem de ser repetida, porque é considerada nula.*

OS NOMES AFRICANOS DAS COMBINAÇÕES DOS BÚZIOS

Roger Bastide enumerou as combinações desta forma:

- 1 — Okaran — quando Exu fala.
- 2 — Efioko — os ibejis falam
- 3 — Etaogundá — Ogum é quem fala.

(*) Sobre este assunto, vide o livro "O JOGO DOS BÚZIOS", escrito pelo dr. Byron Torres de Freitas, que interpreta todas as caídas dos búzios.

4 — Orosun — Xangô fala.

5 — Oxé — Iemanjá e Ogum falam.

6 — Obará — quem fala é Iansã.

7 — Odi — Exu fala.

- 8 — Ejionilé — quem fala nesta combinação é Oxalá.
- 9 — Osá — Iemanjá fala.
- 10 — Ofú — Oxalá fala.
- 11 — Quanrin — quem fala é Exu.
- 12 — Ejila Cebala — fala Xangô
- 13 — Eji Ologbon — quem fala é Obetegundá.
- 14 — quem fala é Oxumarê.
- 15 — é Obatalá quem fala.

Esta nomenclatura é da Bahia, colhida por Bastide, mas, em Pernambuco há uma variação dos nomes, embora sejam também de origem africana.

No culto do amolocô, segundo Trancredo Silva Pinto, *jogam-se os búzios sobre uma toalha branca, na qual são bordados os odus correspondentes a todos os Orixás.*

Quanto ao jogo com cebola ou lubosa, é característico dos candomblés de caboclo, que é uma mistura de tradição americana com nagô.

Há outras variações no jogo de búzios, como por exemplo, quatorze búzios, e uma moeda com uma estrela.

EXU, O MENSAGEIRO DOS ORIXÁS

Observadores apressados classificam Exu como uma espécie de demônio. Filhos-de-santo que desconhecem a mitologia nagô também o fazem. Mas, Exu não é semelhante ao Satanás criado pelos hebreus e aceito pela Igreja, o Anjo Rebelde. Ele apenas é uma entidade intermediária entre os homens e os Orixás, exatamente

na Índia, nos ritos do mundo inteiro, como vimos na primeira parte deste livro.

As cerimônias do candomblé iniciam sempre com o padê de Pavenã, pois sem ele os Orixás não saberiam dos desejos humanos. Daí a cantiga que diz "Salve Exu, salve o Rei da Encruzilhada, trabalho sem Exu, não vale nada".

No mito de Exu ou Barabô ou ainda Legbá há reminiscências fálicas de outras divindades e vários entes mitológicos demoníacos. Quem desejar maiores explicações leia sobre Pã, Priapo, Eros, Baco e o livro "Pseudo monarquia dos demônios". Meu livro "As 7 Giras de Exu" traz um estudo deste sincretismo. Mas, vejamos Exu nos candomblés de origem nagô: o *ebo* de Exu é feito com bode, galinha preta, farofa de dendê, garrafas de cachaça, charutos, moedas, velas acesas, fitas pretas e vermelhas. O despacho de Exu é colocado numa encruzilhada, pois Exu é o Dono dos Caminhos, ele conhece todas as estradas, ruelas e destinos. Ele abre porteiras e cazuás. Mas, se mal tratado, também pode fechar. Por isso, a gente do candomblé, da Umbanda, da Quimbanda, trata Exu bem e amigavelmente. Ele é o Compadre, o esperto e galhofeiro enviado dos Homens aos deuses nagôs. Ele tem nomes variados — Caveira, Sete Encruzilhadas, Marabô, Tiriri, e pode estar associado a Ogum, Oxosse, Xangô ou Omulu.

O *assentamento* de Lonã é uma casinha de pedra ou madeira, pintada de branco, de porta fechada e cadeado. Seu dia é a segunda-feira e a ele dedicam-se os momentos iniciais de qualquer festividade. Nos candomblés de caboclo canta-se desta maneira para Juá, na abertura da festividade ou da gira.

*Soltei meu pombo lá nas matas
Foi na pedreira não posou
Foi posar na Encruzilhada
Que todo o Exu saravou*

Cantiga do Terreiro de Sultão das Matas.

Exu não é Orixa. É um criado das divindades. É grande conhecedor das artes mágicas, tem capacidade de adivinhar o futuro e proteger os homens. Nos assentamentos do Compadre os ogãs, as iabás e as mães mandam colocar presentes, como água, cachaça e fumo. As velas também são de grande agrado deste mensageiro.

Nos candomblés gêges e nagôs Juá é invocado no idioma africano. Mas, cada vez mais usa-se a invocação em nossa língua. Também, modernas, são as estatuetas de Exu, que são agora usadas nos candomblés. Lembra o Diabo, com chifres e com sapatos bicudos. Exu africano não era assim. A T.U.L.E.F. refere-se com segurança, sobre o problema: "a representação que os africanos davam a Exu nada tem em comum com as figuras diabólicas que a ignorância idealizou para representar esta entidade."

Outra coisa interessante é que Exu era somente masculino. Não tinha o lado feminino. Mas, do termo *Bombojira*, sinônimo de Exu, criou-se Pombagira, o Exu-Mulher. A cantiga colhida por E. Carneiro explica este fato:

*"Bombojira,
vem tomar xoxô (*)"*

Estudando os deuses egípcios vamos encontrar uma divindade exatamente igual a Exu: *CHU*, que é considerado por muitos pesquisadores a origem do termo Exu,

(*) Sangue misturado com cachaça.

que é, da língua ioruba, falada na Nigéria, e que significa *entidade do mal ou buliçosa*.

Os negros de origem gêge o chamam de *LEGBA*.

Os fetiches de Exu são fálicos, de barro, pedra, ferro ou madeira. Estes fetiches são molhados com menga (sangue) para firmarem o axé.

O correspondente a Lonã nos cultos de Angola e Congo é *Aluvaiá*, que ainda é invocado em alguns cânticos, mas que está desaparecendo. A cantiga baiana ainda fala em aluvaiá:

*Sai-te daqui, Aluvaiá,
que aqui não é teu lugar...*

(Observe-se que não é uma invocação amável como nos cultos de origem nagô.)

Antigamente ele não dançava nos candomblés. Nem incorporava. Um caso ou outro era registrado, mas só aceito como provação. Hoje, em qualquer candomblé vê-se Exu incorporado. Mario Barcelos, Babalorixá, tem Exu Pedra Negra. Os "pais" do dito Omolocô aceitam também a incorporação de Exu, sem medo de ofender a entidade alguma.

Mas, a tradição africana não aceita a incorporação de Exu. A ele é, no entanto, dedicada a matança inicial de vários animais. O cão era muito usado, mas hoje não se sacrificam mais cães a Exu; outros animais usados são o galo o bode. O sangue dos bichos sacrificados cai sobre Exu e ele satisfeito e farto pode então sair pelos caminhos, rindo com sua risada galhofeira e irresistível. A "filha" que despacha Exu é a *dagã* ou *sidagã*. Elas depositam a comida de Legbá e uma quartinha d'água.

SEMELHANÇAS ENTRE O CULTO DE EXU E OS ANJOS NEGROS DE OUTRAS ERAS.

Exu nada tem a ver com o demo dos hebreus, Sata-nás ou Lúcifer. Este demônio(*) só tornou-se popular durante a Idade Média, com a inquisição e o poderio da Igreja. Esse diabo não encontra semelhanças com os mitos demoniacos da Idade Antiga. É hebreu, e foi aclimatado às concepções católicas — tornando-se uma espécie de Anti-Cristo.

Mas, o Tiriri da África, o mensageiro trapalhão e esperto, que dá e tira, que ajuda e atrapalha, devendo, portanto ser agradado, tem muitos irmãos... vejamos: Certas tribos indígenas do Pacífico o apresentavam sob a forma de um gigante, com a mente apodrecida, e capaz de matar os que dele se aproximavam, razão pela qual, para acalmá-lo, jogavam comida nos lugares que ele costumava freqüentar. Assim, cremos que ele podia ser agradado com oferendas. Já o demo dos judeus é intratável, sempre pronto a fazer o mal e a destruir o Homem. Na Costa do Ouro apaziguavam os demos com migalhas de pão, jogadas no chão, antes de iniciarem qualquer refeição. Assim, como no Candomblé serve-se Exu, antes de qualquer cerimônia.

Ainda no Pacífico, o jeito melhor de contar com a proteção do ente trevoso, era, nos primeiros meses do ano, abandonar as casas, deixando-as à disposição dos exusinhos e demoninhos. As casas ficavam repletas de comidas, presentes para que eles passassem bem...

Em algumas regiões da velha Índia davam-lhe as honras de médico, pois quando alguém adoecia, se armava no quarto do enfermo um cadafalso e nele se reu-

(*) É preciso notar que a origem da palavra demônio é grega e na Grécia simbolizava GÊNIO.

niam, como num festim, os mais deliciosos manjares, para que ele os comesse e depois fizesse suas curas milagrosas.

Assim, verificamos que, em todos os povos orientais e antigos, os demos não eram ligados ao Inferno, nem à idéia da revolta contra Deus. Esta concepção que querem empurrar ao nosso Compadre é errada. Exu não é demônio, não é Satã. Ele é segundo os crentes um espírito brincalhão, às vezes mal, outras bom... irresponsável, venal, satírico e muito sexual, mas, não tem o ódio ao homem que caracteriza o demo hebraico... mas, o povo do candomblé e da Umbanda sabe disso e adula-o com festa e marafo. Uma prova disto é esta oração pedindo a Exu para abrir os caminhos, usada por Marina de Oxum:

ORAÇÃO A EXU

Exu é espírito, ele é espírito e eu peço que Exu caminhe, que abra meus caminhos para que eu ganhe dinheiro, para que nunca falte a comida nem água e saúde. Eu te darei aquilo que me deres, te darei luz, para que me de trabalho, e afaste de mim os maus espíritos. (*Oração usada nos Candomblés de Caboclo, no Rio de Janeiro*).

 4

Voduns e Inkices

VODUNS, DIVINDADES POUCO CONHECIDAS

Os voduns gêges são pouco conhecidos, pois os deuses nagôs dominaram os candomblés, os batuques, os xangôs e as macumbas. Bastide já afirmou há muito, que o modelo nagô foi aceito por quase todos os candomblés e Nina Rodrigues também. Assim, como os *voduns* são exatamente iguais aos Orixás, variando apenas no nome, é lógico que o tempo se encarregou de apagá-los na mente das novas gerações de filhos de fé. Quem atualmente sabe quem é *Gu*, *Obecem*, ou *Hohô*? Quem soube resguardar a pureza do culto gêge, além de Emiliana, a do Bôgun e os pais do *Poço Betá*? Nos candomblés do Rio de Janeiro não encontrei ninguém que conhecesse realmente o ritual gêgê. Os Orixás nagôs reinam em todas as casas de santo do Estado do Rio de Janeiro. Mas, para que se entenda um pouquinho do culto gêge, vamos ver a terminologia do Panteão dos voduns.

Xangô é chamado *Sobô*; *Irocô*, a árvore sagrada é chamada *Lôco*; *Ogum* é conhecido por *Gu*; *Oxunmaré* é *Obecém*; *Exu* é *Lêba*, *Nanã* é *Nana Burucu*, mas, o mais interessante deste culto é a serpente *Dã* — o mais persistente dos voduns já analisada na primeira parte

Os gêges temiam as almas dos mortos, ou eguns, tanto quanto os que cultuavam seus Orixás e jamais aceitaram a incorporação de egum. Pois, afirmavam, que um egum poderia ao incorporar, até matar a pessoa, só de ruindade. Quem poderia dizer se aquela alma que alí iria incorporar não era a de um inimigo da tribo? Assim, a primeira preocupação dos iniciandos era usar no braço uma pulseira de búzios, que os protegesse dos eguns. Há porém, um ritual africano, para os eguns. É em Itaparica. Os crentes deixaram panos coloridos e enfeitados com espelhos, búzios e estrelas do mar, num canto da sala (barracão). Antes mataram pombos brancos e bodes negros para os eguns. Depois, os *babás* (como eles chamavam os eguns) começam a chegar. A noite era de lua grande e o mar estava muito agitado. As crianças foram retiradas do barracão e as mulheres cobriram o rosto. Os *babás* chegaram, e as roupas começaram a se mover, como num passe de mágica. Os espelhos dos panos vermelhos reluziam. Os búzios chocavam-se uns com os outros, quando os panos começaram a tomar forma alongada, apavorante. Este ritual é raro. Só há na Nigéria e em Cuba. Os candomblés fazem a festa dos eguns, mas, a finalidade é outra: reverenciar os antigos pais e mães do candomblé. Em Itaparica é conseguir o auxílio dos eguns.

DÃ, A SERPENTE SAGRADA

Dentre os *voduns* gêges, isto é, os deuses gêges, semelhantes aos Orixás nagôs, talvez o mais interessante e estranho seja a serpente *Dã*. Ela representa o movi-

...o encanto seja a serpente Dã. Ela representa o movimento, a continuidade de todas as coisas no Universo Infinito. Também sugere a Reencarnação, a mutação da vida. Para Falefá, antigo pai do candomblé gêge do Po-

122

ço Betá, na Bahia, Dã é "o encanto dos bichos de arrasto."

Se analisarmos a contraditória figura da serpente em todas as crenças religiosas, quer do Oriente ou do Ocidente, veremos que as concepções são inúmeras e belas. A serpente sempre atraíu os místicos do mundo inteiro. Ora envolta em lendas demoníacas, ora revestida com as vestes angelicais, ela é um animal sagrado em mitologias diversas.

A serpente emplumada é um mito tenaz na História da Humanidade. Sua presença está entre os maias, astecas, incas, orientais, e nas lendas negras.

Para aqueles que imaginam que o culto à serpente está desaparecendo e foi resultado de ignorância de povos antigos, mostrarei o atual rito da serpente, nos Estados Unidos. Em 1909, George Hensley, no Tennessee, um homem religioso de 30 anos, lia sua Bíblia e sentiu-se divinamente inspirado no seguinte texto: "*pegarão as serpentes e se beberem alguma coisa mortífera não lhes fará mal. Se puserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.*" "S. Marcos, capítulo 16.

A mente de Hensley vislumbrou então o poder divino dado ao homem, de dominar o mal, representado numa serpente. Então, profeticamente, saiu pregando pelas igrejas protestantes. Gritava e suave, rezava e apelava à Deus, E em suas mãos levava uma enorme cascavel, feia e assustadora. Aos poucos este culto foi adquirindo adeptos. O milenar atrativo da cobra che-

gara aos pacatos e crentes moradores do "mundo civilizado". E, milhares de irmãos desta confraria ofídica, saíram pelas igrejas e hospitais com serpentes enroladas ao pescoço, ou nas mãos mostrando o domínio do homem sobre a artimanha dêmônica da serpente. Irmã Minnie Parker, de 80 anos, tornou-se famosa pela audácia.

123

cia. Colocava o rosto em um caixão com dezenas de cobras venenosas e gritava que Deus lhe ensinara a sobrepujar o Demo... Na Carolina do Norte, Massey inaugurou o culto da serpente ajudado por Bunn. E o sucesso foi total, até que a polícia aparecesse...

Mas, vamos deixar de lado nossos contemporâneos e voltar ao primitivo culto da víbora, em épocas de mitos poéticos.

Mãe Emiliana, querida Ialorixá, possuía em seu candomblé a pintura colorida de uma serpente. Ela contou aos seus filhos a história singela que vou narrar.

"Em Bom Jesus da Lapa, numa noite negra, apareceu uma serpente, cheia de asas, que foi morar numa caverna perto do riacho. Então, os moradores assustados não podiam mais passar por aquele lugar. Um dia, um padre foi lá rezar e exorcisou a danada para que fosse embora, morar em outro lugar."

A lenda, com seu sabor ingênuo mostra reminiscências de outras eras. Por exemplo: os índios brasileiros temem a cobra Boiuna e os maias a serpente Quetzalcoatl, como analisamos na primeira parte deste livro.

Dã, o princípio da mobilidade, segundo Herskovits, estudioso dos cultos gêges, é semelhante a Oxumarê-o arco-íris. Ambos são divindades andróginas, ora macho, ora fêmea. E ambas têm a capacidade de fertilizar tudo que tocam. Os africanos de Mahi, contam que sem

Dã a vida se tornaria estéril. A fertilidade é a base de todos os cultos, como estudamos no capítulo dedicado à Iemanjá.

O símbolo de Dã é um círculo. Representa a serpente mordendo a própria cauda.

As cores de Dã são as sete do arco-íris. Ela dá a seus filhos, ora a fortuna, ora a pobreza. É a dona da fortuna e as obrigações para Dã e para Oxumarê levam moe-

124

das. O pote com chifres é dedicado a Dã. Coloca-se um pote para o macho e outro para a fêmea. E o assentamento é feito fora do barracão do candomblé, na gameleira sagrada. A gameleira fica sendo chamada de *Dã Aidô*.

Quando Dã chega no candomblé dança com os braços erguidos e depois com os braços voltados para baixo. Lembra símbolos sexuais masculino e feminino. A saudação de Dã e de Oxumarê estão se tornando às mesmas, pois o Orixá e o Vodum estão fundindo-se cada vez mais. Assim saúda-se desta maneira: Ao Boboi, ao Boboi.

Na Bahia o arco-íris é chamado de sobo ou Sobô ou Soboadã, mas no Dahomey este nome representa "a Dã de Sobô". Porque no Dahomey todos os voduns tem sua Dã protetora. Embora este estudo seja difícilimo pois o culto da serpente nos levaria a milhares de práticas, devemos lembrar que Xangô traz uma ferramenta que é uma serpente de ferro, os caboclos do candomblé de caboclo trazem sempre "na cinta" uma cobra. E as cantigas falam de serpentes e cobras. Além disso vemos a serpente em todas as práticas voduns, em cerimônias da Quimbanda (Magia Negra), nas lendas bíblicas e persas e envolvendo os deuses. A Deusa da Morte do Oriente possui cabelos que são serpentes. São Domingos é re-

presentado em estatuetas cobertas de cobras e as Virgens pisam sobre a serpente. O dragão também é uma serpente e aparece em milhares de textos antiquíssimos de obras alquímicas, religiosas ou proféticas. Logo, a verdade de Dã é muito difícil de revelar. Mas, apenas direi que em todos os candomblés gêges existentes na Bahia, nos Catimbós, nos Xangôs, na Umbanda, na Quimbanda, lá está a rastejante e lasciva silhueta de Dã, a companheira dos deuses e dos homens.

125

OS DEUSES DE ANGOLA E DO CONGO

Os escravos que vieram do Congo e da Angola pertenciam as tribos *bantas*. A religião dos bantos era espiritualista e como definiu muito bem J. Facalto em seu livro "Raízes de Angola, editado em Lisboa, este espiritualismo pode ser sintetizado assim; "a religião banta é espiritualista porque os mistérios em relação embora com a vida física, atuam inicialmente sobre o espírito e traduzem-se por meio dele. E os seus deuses nada mais são que espíritos, que por esta qualidade têm poder invulgar."

O. Ribas, conhecedor profundo dos cultos de Angola, folclorista afamado, assim definiu os deuses bantos: "há duas categorias — os soberanos e os deuses intermediários. Os soberanos são *Zambi* e *CALUNGANGOMBE*. São espíritos tutelares, justiceiros, protetores. Encarnam nos seus seguidores, aparecem em materializações. São benéficos." Depois vêm os inkices, semelhantes aos Orixás nagôs.

Abaixo destas divindades há as almas. *Muenho* é a

alma de pessoa que ainda vive. Zumbi é a alma do morto. *Quilulo* é a alma penada. *Muculo* é a alma de uma pessoa recém-falecida. Além disso há o culto das pedras. Este culto ainda existe no Brasil. No nordeste há, mesclado de catolicismo popular, a adoração a certas pedreiras. Lá cantam-se ladainhas, acendem-se velas. A raiz deste culto nordestino está nos cultos de Angola.

Na "linha dos pretos-velhos nos candomblés de caboclo, fala-se muito em Angola. Há centenas de cantigas que contam da vida dos negros de Angola no Brasil, de seus costumes e esta linha é também chamada linha de

126

Angola. Mas, os verdadeiros candomblés de Angola são poucos e já mesclados de concepções e rituais de origem queto.

Os poucos candomblés de Angola e Congo têm ainda seus deuses próprios, chamados *inkices*. Zambi é pois um deus semelhante ao Orixá Olorum. E abaixo, como afirmou E. Carneiro, as divindades menores são *Sumbo*, *Bamburucema*, *Tauamin*, *Congoriga Burungonco*, *Zare*, *Catende*, *Quibuco*, *Lembá* (Oxalá) e *Bombojira* (Exu). Todos estes *inkices* estão se extinguindo, as únicas exceções são *Lembá* e *Tauamin*. Sem dúvida os Orixás dominaram os outros deuses negros.

O pai-de-santo nos rituais de Angola e Congo chama-se TATA ou Tata ti Inkice.

Matanças e Obrigações

Os filhos do candomblé têm que cumprir certas obrigações e ritos de purificação. Em todos os candomblés, uma das obrigações características, é a festa das águas de Oxalá. Deve ser feita em uma sexta-feira. No ÔPÔ AFONJÁ realiza-se na última sexta-feira de setembro.

A festividade reúne-se na renovação da água das quartinhas e cântaros do barracão. É uma festa muito bela, pois as filhas em procissão, com potes de barro à cabeça, cantando, ainda pela madrugada, fazem o caminho entre o barraco e a fonte.

Os candomblés de caboclo, muito comuns no Rio, tem um ritual estranho. Salva do galo. Em meu segundo livro desta editora (*) analiso o poder do galo nos ritos umbandistas, onde podemos observar o significado desta obrigação conhecida como salva do galo. Quando os galos, à meia-noite, começam a cantar, os chefes do candomblé de caboclo, salvando-os dizem assim:

*O GALO CANTOU
LÁ EM BELÉM...*

"efeitos e conseqüências do sincretismo!"

Outras vezes a obrigação é um banquete, que deve ser oferecido ao Orixá. Um dos mais conhecidos é o PI-

(*) As Sete Giras de Exu.

LÃO DE OXALÁ. Os filhos de Oxaguiam fazem uma panelada de milho branco, ou ebô, e repartem entre os filhos da casa. Já os de Omulu são obrigados a fazer o **OLUBAJÉ**. A cerimônia consiste em servir pipocas e outras comidas do Orixá. Todos os filhos do barracão comem e bebem. Já tornou-se famosa uma outra obrigação: *a feijoada de Ogum*. Na ocasião, entre meladinhas e vinhos os babalaôs recebem convidados e saboreiam uma feijoada em comum.

Outra obrigação que tornou-se folclore é a festa de Iemanjá, nas praias. Esta era feita no África, depois, no Brasil foi esquecida, até que ressurgiu grandiosa e colorida nas águas de Amaralina, no Rio Vermelho, nas praias azuis de Santos e nas ondas morenas de Cona-

pratos abençoados, e nas encas miterias de Copa cabana.

As comidas de santo são obrigações de todos os filhos e filhas. Servir o seu Vodum, ou Orixá é indispensável. Oxalá recebe seu ebô, siguidi, cabra, galinha branca, e o *igbin* (o boi de Oxalá), que é catassol.

Xangô come 1 carneiro, amalá e cágado.

Iansã recebe cabra, acarajé, galinha d'angola.

Oxum é ofertada com cabra, pata e iapeté.

Nanã Burucu ou Buroque recebe galinha carijó, anderê e cabra.

Omulu, saudado com atotô, gosta de doburu ou melhor pipoca.

Oxossi come cabrito, porco e boi.

Iemanjá recebe sempre cabra, carneiro, pata, mas tudo tem que ser inteiramente branco.

Gosta também de apeterê.

Obá, uma das mulheres de Xangô, que por amor perdeu sua orelha, pede alapatá, acarajé, cabra vermelha, e fica feliz para depois dançar com seu escudo e espada, pois é uma orixá guerreira. Salve Obá, iabá guerreira, com seu escudo de cobre e sua força. *Saravá Joa-*





O Candomblé de Caboclo aceita a incorporação do Egum. Os caboclos trabalham mais ou menos como no ritual do CABULA. Uma curiosidade é a cerimônia de purificação chamada "os malembes", onde os caboclos fazem o mea culpa. Na foto incorporação de SULTÃO DAS MATAS, caboclo de Nação, girando na nação queto. Sultão das Matas só incorpora em homens e é uma variação de Oxosse.

na d'Arc, guerreira de luz e fogo, protetora das causas justas, e dos fracos.. Obá come ainda galinha, abará e conquém.

Ossãe... a amiga da folhagem gosta de receber como obrigação o fumo, a cachaça, mel, bode, frango e milho-lho branco. Nos candomblés do Rio quase não vi a incorporação deste Orixá. Na Bahia ela vem vestida de chitão verde e rosa. Ela é a encarnação do mato.

Oxumaré pede que seus filhos lhe ofereçam aberém, gele, água de açaí, mel, bode, frango e milho-lho branco.

galo, cagado e carneiro. Na Bahia veste-se de branco, com enfeites de búzio e contas amarelas. Traz um tridente na mão. No Rio é diferente apresenta-se as iaôs de Oxumaré com uma cobra enrolada na cabeça, e afirma-se que Oxumaré é o "homem do dinheiro". Ele recebe sua comida com algumas moedas, para que em troca de a seus filhos muito dinheiro.

Irokô, a gameleira branca, que no Rio não existe mais, só é cultuada na Bahia, recebe como obrigação de seus filhos qualquer oferenda de Orixá. Lá, acreditam os negros, é a morada dos Orixás, por isso colocam na gameleira as obrigações e os presentes de seus Senhores Irradiantes. Na Bahia Irokô aparece dançando de joelhos, coberto de palhas da Costa.

Todas as iaôs e ebomins conhecem as comidas e obrigações de seus Orixás, pois deixar de fazer estas oferendas significa má sorte, doenças, e até a morte.

As matanças são feitas pelos agoxuns, hoje chamados axoguns. É ele, o Axogum, que faz toda a matança destinada aos deuses. É o *mão de faca*. Com certa punhalada ele degola, estripa e prepara as partes dos exus, e dos orixás.

O Corpo do Pai-de-Santo no Ritmo da Morte

"Pai Alaké morreu — Os Orixás afastaram-se do Candomblé!"

A notícia correu de boca em boca pelo Recôncavo baiano. Os atabaques tocavam doidamente acordando as povoações. Todos os filhos e iniciados do santé estavam preocupados.

Noite alta, o corpo nu de Alaké desce para a esteira de palha, no chão duro de tijolos. Já o tinham lavado com água de *cananga* e agora vão prepará-lo para a viagem sagrada. A proporção que o envolvem em algodão em ouri, vestem-no, ou melhor, enfaixam-no numa peça inteira de fazenda branca, deixando-lhe de fora o rosto negro.

O corpo de Alaké aparece todo em ouro, lembrando um sol, que ele foi em terra para seus filhos e filhas. Levam-no para o leito rico de toalhas bordadas dos Orixás, imóveis, (dizem as iaôs,) enquanto seu cadáver estiver insepulto.

O mais interessante é que ninguém está chorando. Todos estão apreensivos, mas alegres. Por que?

A mulher de Alaké chega. Vem cheirando a arruda e capim santo e deita-se ao lado do cadáver. Vai co-

meçar a cerimônia da *cu-bandama*. É um ritual mágico, erótico e pouco conhecido. A *ialé* entra e apaga as velas crepitantes. Estas velas foram feitas de cera e animais minúsculos. São *as velas da morte*. A *ialé* sai e deixa a esposa de Alaké só na sala fechada.

Enquanto isto, lá fora, os negros estão em atividade. Fazem o sacrifício do Exu para que este não venha perturbar o enterro de Alaké. As panelas fervem com as comidas sacras e um cheiro de "menga" (*) envolve o ar.

Exu foi servido e já é sol alto quando a mulher do chefe morto sai da casa fechada. As iaôs andam de um lado para o outro excitadas. A mulher de Alaké é chamada pelo nome de *abilicó*, dentro deste ritual de enterro e seu marido é conhecido agora como *ocó*, para que saiba fazer seu caminho ao cemitério. Ela pergunta: "Exu foi servido? E uma ialê respondeu: "Sim, as encruzilhadas estão cheias de padês para Exu."

Os *equedis-orixás* chegam para visitar o corpo de Alaké. Fecham-se e cantam: o orin-orixá-lá rompe o silêncio. Elegem, enfim, para tranqüilidade de todos, o continuador, o substituto de Alaké. É um jovem, forte e belo em sua cor mulata. Ele tomou o nome de ELERÊ por lhe caberem o ofício do santo e tudo que era do finado.

OS OLORINS e a CUMBÃ

Meio-dia. Hora do banquete de carne do *mutumbi* de Alaké. Os olorins cantam e as sambas fervem à chegada da viúva no terreiro. Ela vem coberta de sedas, com

(*) Sangue dos animais sacrificados.

contas de Oxum e um pano da Costa em seus cabelos. Sua roupa é uma cumbã. As Sambas, ricas, vem dançando. Porque eles não choram?

Perguntei a uma iaô o porque da alegria num enterro e ela me respondeu:

— “Alaké vai viver de novo”.

Fiquei interessada no que iria ocorrer. E aceitei uma comida de santo que as iabás estavam servindo. Mãe Dada, viúva de Alaké falou-me. — “Coma, e ficará livre de todas as mazelas, dona moça.” Depois disto foi servido o marufo ou marafo. “Beba, moça Helena, é o “sangue vivo” do homem que apenas dorme.” Aí é que fiquei mais interessada e curiosa. Nenhum elemento de fora já viu esta cerimonia, leitores. Ela já quase não existe nos candomblés. Ela é rara. Talvez outra escritora não tenha tido oportunidade. Bem, vamos continuar.

O BANGUÊ e o MUTUMBI

O banguê é levado em procissão, do terreiro para a casa de Alaké. Os olofrins vão cantando. E só os equedis-orixás entram com a padiola coberta de palmas e de colchas verdes. Carregam o mutumbi para a tumba, dessa hora em diante ninguém pode mais tocá-lo, se não o agbô, símbolo sagrado da TRINDADE DOS GRANDES DEUSES NAGÔS — OBATALÁ, XANGÔ e IFÁ, não será bem sacrificado.

O AGBÔ é simplesmente um carneiro. Ele será entregue para a vida de Alaké. Elerê vem vestido de branco. A procissão vai a passos de dança, devagar, mas com muita alegria. O suor escorre dos rostos.

A procissão é formada por nações. Primeiro vem os bantos, depois os sudaneses e por fim os tocadores de ganzás, dos agogôs, dos axexês.

Chegam ao cemitério, um pobre cemitério da Bahia. O caixão é trazido. Não tem borlas, nem enfeites. Mas, para a surpresa da repórter, quem entrar no caixão é ELERÊ. Quero fotografar a cena. Não deixam. O meu fotógrafo é afastado do local e sua máquina é guardada. Ele retorna e ficamos, sérios, observando.

Elerê entra no caixão e imita os extertores da morte. Então todos choram, gritando. Tudo no candomblé se faz em passes de dança. Os Orixás ao chegar no candomblé, no ponto alto da festa, o fazem com suas danças características. Oxalá dança "quebrando o corpo", com uma flexão dos joelhos. Xangô dança com as mãos para cima, os braços em ângulo reto. Iansã afastando alguma coisa de si (dizem que afasta os eguns). Omulu vem como um velho, alquebrado, o corpo curvado. Ogum lutando espadas, como um esgrimista. Oxosse imitando um atirador ou soltando uma flecha. Iemanjá curvada para a frente, como que puxando a água para junto de si. Nanã embalando uma criança, e Ossãe pulando num pé só como Caipora. Obá dança protegendo sua orelha esquerda e segurando um escudo. Oxum sacode seu leque e às vezes maneja a espada. Assim, o candomblé é uma dança sagrada, com matanças e obrigações rituais.

Os atabaques soam. As ialês gritam: — "Alaké é morto."

Alaké estava ainda no mesmo local, mas ELERÊ estava fingindo-se de morto, e de repente ressuscita. Todos gritam e riem ao mesmo tempo! Alaké ressuscitou". É Elerê que sai da tumba e finge ser Alaké...

O corpo de Alaké é então enterrado, e todos abraçam Elerê, como o novo chefe, que retornou do Reino dos Orixás...

Os agoxuns pegam um carneiro e sacrificam-no. E a procissão retorna, alegre, dançando, para a festa de Elerê...

Torno a frisar. Estas cerimônias são raríssimas. Uma delas foi presenciada por Souza Carneiro, na Bahia. A maioria dos candomblés fazem, hoje, uma festa ritualística de finados, mas bem diferente chamada AXEXÊ. A palavra tem origem no instrumento de igual nome. É uma cerimônia feita antes de completar sete dias depois do enterro. Varre-se nesta ocasião os passos do EGUM. O Axexê termina com o clarear do dia. Mas, este rito que acabei de descrever do mutumbi de pai Alaké verdadeiro, e pouco usado, pois a vida moderna modificou os costumes negros. Quem desejar maiores conhecimentos sobre o assunto consulte o livro de Souza Carneiro, responsável pela primeira divulgação deste tema.

NOTA DA AUTORA — Quando falo sobre a Trindade dos Orixás, sei que acarreto reações. Muitos não aceitaram esta concepção, pois acham que Iemanjá deve estar na Trindade dos Orixás, como Mãe semelhante às Trindades das Religiões Antigas: onde Ísis, Astartéia, Vênus, são consideradas a segunda ou a terceira pessoa da Trindade. Mas, se observarmos estudos antigos sobre a Trindade dos Orixás encontraremos:

OLORUM — O ente supremo, o Rei dos Orixás

OBATALÁ — rei da pureza e da fecundidade

XANGÔ — Deus das nuvens, das tempestades e dos trovões

IFA — O revelador de tudo que é oculto ou perdido.

O Vocabulário dos Candomblés

Para os não iniciados torna-se difícil conversar com os filhos do candomblé. Isto porque os rituais afro-brasileiros têm um vocabulário próprio, nascido da língua ioruba em harmonia com o dialeto gêge e do Quimbundo.

Apesar do Quimbundo ser a principal das línguas bantas da LÍNGUA GERAL AFRICANA, chamada geralmente LÍNGUA DA ESCRAVIDÃO e repercutir em muitas centenas de palavras, na maioria corruptas e alteradas, ou desviadas das pronúncias primitivas e apesar do Quimbundo ser das línguas afro-negras a que mais concorreu para formar termos afro-brasileiros, no candomblé o vocabulário é quase todo de origem nagô.

O nagô ou iorubês é conhecido como língua ioruba. Em harmonia com o dialeto gêge deu a nomenclatura dos candomblés. Assim, todos os fetiches, todas as comidas, todos os nomes dos Orixás enfim, a terminologia dos candomblés encontra nas línguas nago e gêge a sua origem.

No entanto, há termos de origem quimbunda ou banta, mas em menor escala.

Vejam os um pequeno vocabulário de palavras usadas nos candomblés, xangôs, e batuques brasileiros. A maioria das palavras são carruptelas e pouco são os zeladores de santo que realmente têm conhecimento do iorubá ou do quimbundo. No Rio poucos chefes ou pais

e mães de candomblés sabem falar as línguas negras. Cristovão de Amaralina, Didi de Iansã, Waldomiro de Xangô, Dila de Omulu, Elsa do Engenho Velho, radicados no Rio de Janeiro conhecem bem o vocabulário nagô. Já na Bahia os babalaôs e ialorixás falam bem o nagô, o Gêge. Famosos por seu conhecimento dos segredos e vocabulário africanos foram: Tia Massi, mãe do Engenho, Sabina, do candomblé nas Quintas da Barra, Senhora, do Opô Afonjá, Manuel Falefá, do Poço Betá, Paim, do Estrela de Jerusalém, João da Goméia, Felipe Xangô de Ouro, Adetá, uma das fundadoras do Engenho Velho, Dionísia do Alakéto, Ciríaco do Tumba Junçara, Bambuxê e atualmente, a famosa Menininha do Gantois. No Rio Odé Coiaci, baiano, filho de negro com índio, fala bem os dialetos africanos, mas é pouco conhecido, assim como Ilce do Tempo.

Para melhor entender o vocabulário dos candomblés, vamos ver um resumo das línguas faladas na África:

Línguas puramente africanas

a) línguas negras

1 — Bantas puras — (principalmente faladas no Congo, Angola, Moçambique)

2 — sudanesas (nagô ou ioruba)

3 — nuba-fulah ou pul

b) línguas bácia

1 — khoïn-khoïn

2 — san

3 — dos pigmeus

c) línguas hamíticas

1 — egípcia

2 — líbica ou berbérica

3 — etiópica

Línguas extra-africanas

- a) línguas semíticas
- b) línguas maláicas
- c) línguas arianas

Nos candomblés os vocábulos são oriundos das línguas bantas e sudanesas, pois foram deste grupo os que vieram para o Brasil.

A língua principal de Angola é o KIMBUDU, que escrevemos Quimbundo. Nossa linguagem popular é rica de termos desta língua.

A língua sudanesa mais corrente na Bahia é o NAGÔ, africanamente chamada IORUBA. Os nagos perderam seu território e foram trazidos em grande escala pelos conquistadores para a Costa dos Escravos, e vendidos aos gêges, viviam entre os rios Volta e Ioruba. Suas tribos principais vieram para o Brasil e muito contribuíram para a formação étnica do Brasil e também para a riqueza de nosso vocabulário. Muitos termos do candomblé são oriundos do vocabulário gêge. Porém, como afirmam os pesquisadores a maior influência é a do nagô. Souza Carneiro não concorda. Acha que a maior influência é a do Quimbundo. A palavra Umbanda, por exemplo, significa 'arte de curar' e tem sua origem no dialeto quimbundo.

VOCABULÁRIO DE TERMOS USADOS NOS CANDOMBLÉS, DE VÁRIAS PROCEDÊNCIAS, INCLUINDO CORRUPTELAS.

Abará — bolo de feijão fradinho, camarão, temperado com pimenta e cebola, cozido em água e envolto em

Abebe — leque de Oxum, feito de latão. Quando de Iemanjá é pintado de branco.

Abiã — noviça no candomblé.

Acará — pedaços de algodão molhados em azeite de dendê que se usa para obrigar o Orixá a confirmar sua presença.

Acarajé — bolo de feijão fradinho frito em azeite de dendê.

Adarrum — toque de atabaque para provocar a chegada do santo. Há três modalidades deste toque. Atabaque é o instrumento musical sagrado do candomblé. Vem de A-tablak, termo persa, que quer dizer tambor pequeno.

Adé — capacete de Oxum, no ritual Angola.

Aãjá — sineta que a ialorixá usa para provocar a chegada do santo.

Afefê — o vento. Divindade dos ventos

Afcmã — outro nome de Abaluaê

Afoxê — dança profana, rancho. Oriunda do nagô.

Aganju — filho de Obatalá (o céu) e Odudua (a terra). Hoje, uma modalidade de Xangô.

Agô — licença, perdão.

Agbô — carneiro, oriundo de agbo, termo nagô.

Agodô — nome dado a uma modalidade de Xangô.

Aguê — instrumento musical

Agurê — toque de atabaque, em ritmo vagaroso para chamar Iansã.

Ailá — oração dos negros malês, feita diariamente.

Alá — pálio, usado nos cerimônias de candomblé.

Alabá — lenço usado pelos músicos de candomblé

ou então, chefe dos ogãs.

Alaré — guardador do Axé

Alujá — toque de atabaque para Xangó

Apajá — cágado (comida de Xangó)

142

Aldeia — candomblé, em termo caboclo.

Aliachê — camarinha, local onde fica a filha de santo para a iniciação.

Aluá — Do árabe, haluah, bebida feita com cascas de abacaxi, gengibre e rapadura.

Amaci — lavagem da cabeça com ervas, lavagem sagrada da cabeça.

Arimbá — pote grande para azeite de dendê.

Atôtô — saudação de Omulu.

Atarê — pimenta da costa, usada em jogos de Ifá e muitas outras aplicações.

Axé — alicerces mágicos da casa do candomblé, objeto sagrado que possui força espiritual.

Axêxê-rito funerário de origem nagô. Inicia-se antes de completar sete dias depois do enterro.

Axogum — sacrificador de animais

Babá — pai de santo.

Babalaô — sacerdote de Ifá, (a divindade da adivinhação). Hoje confunde-se com o Babalorixá, que é o sacerdote dos Orixás.

Babalaxé — chefe do candomblé gegê.

Bacuro — filho de fé, mas, nos cultos bantos significa o mesmo que Orixá.

Balé — casa dos mortos

Bambará — arco ou bodoque, origem do quimbundo.

Bamberê — zoadá, do quimbundo.

Bamba — forte, chefe, respeitado.

Bambalê — desordem, briga

Bamguete — desordem, briga

Bamgulê — dança

Bará — o mesmo que Exu. Usa-se também BARABÔ e por corruptela Marabô.

Barca de Iaôs — saída das filhas-de-santo — da camarinha

Batucajé — dança ritualística nos candomblés.

143

Beijis — corruptela de Ibejis.

Bori — cerimônia em que se sacrificam animais para o dono da cabeça da pessoa.

Bozó — feitiço

Bombó — mandioca fermentada, Serve para acompanhar o camarão ou o peixe. Comida ritual

Búzios — pequenas conchas usadas para advinhar o futuro. Hoje, substituem o *Opêlé* de Ifá.

Cabaça — cabaça rendada com contas de Santa Maria usada como instrumento musical.

Caboclo — entidade que é a representação do indígena brasileiro. Surgiu nos candomblés do caboclo".

Cacarucai — pessoa idosa, corruptela.

Calunga — Calunga grande é o mar; pequena é o cemitério.

Camarinha — quarto onde ficam as iniciadas ou iaôs.

Cambonda — do quimbundo, amante, amigo.

Cambondo — tocador de atabaque (segundo E. Carneiro) ou então auxiliar que atende às entidades incorporadas.

Condoblé — *candombe*, em quimbundo, significa "dança sagrada". Mas, a palavra candomblé passou na Bahia a designar o local em que se realizam as danças religiosas.

Candomblé de caboclo — candomblé onde se pratica

c caboclo, isto é o egum, para trabalhar.

Cangerê — feitiçaria.

Canjira — local onde se realizam danças ritualistas.

Canzuá — casa, moradia, ou local onde se realizam cultos africanos (segundo C. Bandeira)

Cazumbi — alma

Catimbó — ritual de feitiçaria característico do nordeste.

144

Caxixi — saquinho de palha que contém sementes de bananeira do mato, usado como instrumento musical.

Cocá — galinha da Angola.

Compadre — Exu

Conga — invenção, descoberta. Origem congoleza.

Cora — instrumento de cordas feito com uma cabaça. Origem dos negros mandigas.

Corica — calvo

Cubata — choupana, oriundo dos árabes.

Cubabá — bater palmas, origem no quimbundo.

Curiar — comer. Origem no quimbundo, kuria. Usa-se também para designar o verbo beber.

Dã — serpente sagrada, o mesmo que Arco-íris.

Dadá — Orixá dos vegetais

Dagã — filha de santo encarregada do despacho de Exu.

Dandá — espécie de capim usado em banhos e defumadores.

Darrum — do iorubá, significa segredo do ritual.

Decá — deveres dos chefes de terreiro. No omolocô é um amuleto.

Delogum — o mesmo que jogo de búzios.

Diamba — maconha.

Dicanja — chocalho de bordão (segundo J.A.O.)

Dilomba — uma das ferramentas de Ogum.

Dissaquela — sessão de espíritos

Dobale — saudação também conhecida como Adu-balê. Para E. Carneiro era “saudação particular das pessoas que têm Orixas femininos”

Dona Janaína — outro nome de Iemanjá.

Doburu — pipocas, comida de Omulu.

Dumba — mulher, segundo A. A. Teixeira Neto.

Dumbe — instrumento de mediunidade, xinguila-dor.

145

Ebame — filha-de-santo. Corruptela de Ebomim.

Ebi — ferramenta de Xangô, junto com seu machado alado. É uma serpente de ferro retorcido.

Ebiú — ferramenta de Nanã Burucu.

Ebó — despacho.

Ebomim — filha de santo com mais de sete anos na seita.

Eché — golpe mortal aplicado ao animal que se destina ao sacrifício dos Orixás.

Ecu — dança das filhas-de-santo em alguns candomblés.

Efó — comida ritualística feita de folha de taioba, azeite de dendê e camarão. Em nagô efó significa espinafre ou por generalização legumes.

Efifá — termo nagô. É o pó de besouros, chamado pó de Ifá — serve para revelar segredos.

Efum — em iorubá é farinha. Mas, é mais usado para indicar a cerimônia que consiste em pintar a cabeça da iniciada com círculos de várias cores.

Egum — as almas dos mortos; a palavra nagô é *egun*, quer dizer esqueleto.

Êtru — rabo de boi usado na incorporação de Oxossi (candomblé baiano) usada também por Iansã (no Rio de Janeiro)

Eparrei — saudação de Iansã

Equedi — auxiliar feminina da mãe pequena.

Eluô — ledor do futuro, quiromante, feiticeiro

Elegbará — o mesmo que legbá ou Exu.

Encantado — o mesmo que Orixá, nos Candomblés de Caboclo.

Erê — entidade infantil, o mesmo que Ibejé

Erequê — entidade sincretizada com Santo Antônio.

Eró — segredos do ritual de candomblé.

146

Eruexim — instrumento de Iansã feito de rabo de cavalo preso num encaixe de cobre.

Esteira de Ifá — esteira pequena usada pelos que consultam Ifá. A esteira, é movimentada de um lado para o outro, ajudando a interpretar o futuro do consulente.

Êtu — feitiço preparado com terra de cemitério (Calunga Pequena)

Eburô — iniciando masculino do Candomblé.

Exê — talismã. Patuá.

Exés — parte dos animais sacrificados aos Orixás.

Exu — mensageiro dos Orixás. Povo do chão. Empregado dos Orixás. Erradamente sincretizado com o mito demoníaco, devido às concepções católicas.

Feita — filha-de-santo que completou a sua iniciação.

Feitura de santo — processo de iniciação.

Filá — capuz de palha da Costa de Omulu (candomblé nagô, segundo E. Carneiro). No Rio é um gorro

ritualístico. Pai Jerônimo e Tata de Inkice Tancredo o usam constantemente.

Flecha — símbolo de Oxossi, usada nos pontos riscados dos caboclos dos candomblés de caboclo.

Fundanga — pólvora. Usada para deslocar fluidos negativos, nos trabalhos de Magia. Descarrego.

Furabulé — reverência, ou saudação. Poucos usam este termo atualmente.

Gã — instrumento musical, semelhante ao agogó. Mas, apresenta uma campânula de ferro.

Ganga — sacerdote, ocultista, chefe poderoso.

Ganga-Zumbá — o chefe dos Palmares

Ganzá — chocalho.

Ganzuá — casa de candomblé, casa. Corruptela de Gantois, um dos mais famosos candomblés.

147

Ginja-Zambe — o mesmo que ialorixá, nos candomblés bantos.

Gongá — significa atualmente altar. Mas, seu verdadeiro significado é: apetrecho do ocultista.

Gonzemo — santuário nos cultos de origem angolana.

Guzunga — espécie de atabaque.

Haboi — gameleira branca, considerada, sagrada para os filhos do candomblé.

Hefioso — divindade do trovão, vodum, semelhante ao orixá Xangô

Homem da rua — nome dado a Exu. Usa-se também da Encruza, Compadre.

Hora Grande — nome dado à meia-noite.

Homulucum — comida de Oxum.

Iabá — cozinheira que prepara a comida de santo, ou amalá.

Ialorixá — sacerdotisa de orixá

Ialaxe — zeladora do axé.

Ialorixá — chefe do candomblé ou do terreiro, o mesmo que mãe-de-santo ou zeladora.

Iansã — Orixá dos ventos, mulher de Xangô.

Iaô — inicianda, O termo nagô é yawô.

Iaiá — moça. Vocábulo haussá.

Iatebexé — espécie de ogã.

Ibeji — Orixás gêmeos sincretizados com S. Cosme e S. Damião.

Idá — campainha usada nos candomblés.

Iemanjá — Orixá feminino. Deusa das águas. Sereia.

Ifá — oráculo. Divindade intermediária entre os Orixás.

Igbin — catassol, considerado "boi de Oxalá" (segundo E. Carneiro)

Ilu — termo nagô, significa atabaque.

148

Ilê — casa, termo nagô.

Inaê — o mesmo que sereia, Iemanjá, ou Mucunã.

Inquice — Orixá, nos candomblés de Angola e do Congo.

Itá — fetiche, pedra dedicada ou representativa de um Orixá.

Iyabá — Orixá feminino.

Jacutá — vodum lançador de pedras. Atualmente a palavra significa o mesmo que gongá.

Jimbo — búzio bem pequeno, usado nos rituais de candomblés. Antigamente valia como moeda no reino do Congo.

Jurema — pé da Jurema, árvore onde mora o caboclo juremeiro. Atualmente significa entidade importantíssima nos candomblés de caboclo e na Umbanda. Ju-

rema também é usada significando mata, macaia, local onde moram todos os caboclos de Oxóssi.

Kaô — dijina de Xangô. Um dos nomes de Xangô. Ou ainda Xangô Velho.

Kalofê — termo correto é Oga-Kalofê — e significa padrinho escolhido pelos Orixás, ou personalidade ilustre, protetor material do terreiro.

Karôké — pedido de licença para falar à iniciada durante o período em que ela fica reclusa no candomblé.

Kelé — espécie de pulseira que as iniciadas trazem no braço.

Kelé — gente atoa, gente baixa, termo grunçe.

Kuriar — ou então curiar, significa comer.

Kêto — subdivisão do nagô. Os candomblés mais famosos da Bahia são desta nação.

Kitungo — morte, também se escreve quitungo.

Kimbanda — sacerdote, mago, também se usa quimbanda. Hoje o vocabulo tem outro significado, pois é usado para designar Magia Negra.

Kiumba — espírito atrasadíssimo. A de Alva e Bitencourt estudaram estes espíritos primitivos. Para Bitencourt a Kiumbanda está aos poucos se organizando. (*)

Laguidibá ou Lagdibá — amuleto feito de contas negras e de chifre. Usado pelos filhos de Abaluaê.

Lé — tambor pequeno.

Legbá — outro nome de Exu.

Lemba — deusa da procriação

Linha de Caboclo — linha de Oxosse, ritual dos candomblés de caboclo.

Mabaças — gêmeos. Do quimbundo babaças

Macaia — fumo, tabaco, fumo estragado. Hoje sig-

nifica floresta, mata.

Maionga — cerimônia de banhos rituais, durante a feitura de santo.

Malafa — cachaça, bebida alcoólica. Hoje usa-se marafo ou marafa. (E. Carneiro)

Malufá — chapéu ritualístico, Termo haussá.

Maculos — espíritos de anciãos, antepassados.

Marufo — vinho ou bebida. Termo congolês. Hoje substituído por marafo.

Malungos — espíritos simpatizantes (seg. J.A.O., em Magias da Umbanda)

Macuto — mentira

Macanha — tabaco

Malê — negro islamizado (nagô, haussás, tapas)

Malembe — pedido de perdão; cântico de misericórdia. Atualmente usa-se *maleme*.

Mameto de Inkice — mãe-de-santo, nos rituais de Angola e Congo.

Mandinga — feitiço, coisa feita.

(*) Segundo os livros "No Reino dos Exus", e "O Livro dos Exus".

Mina — nome dado aos escravos procedentes do Castelo de Mina (mandês, gás, txis)

Mironga — contrariedades. Atualmente significa segredo, feitiço oculto.

Muamba — Na África, segundo O. Ribas, significa guisado de galinha, adibado com água de dendê

Mixinga — chicote (quimbondo)

Muamba — Atualmente significa coisa feita, ebó, despacho, trabalho para o mal.

Muloji — Feiticeiro, bruxo.

Mungunzá — bolo ou sopa de milho branco e leite

de coco.

Muzambo — adivinhação por meio de magia.

Muana — negrinho

Muzenza — no candomblé de Angola é o mesmo que filha de santo.

Nação — tribo africana.

Nanã Burucu ou Buruquê — Orixá africana; a mais velha das iyabás. Mãe de Abaluaê.

Nironga — significa segredo, origem do quimbundo.

Naninha — iniciadora dos candomblés do caboclo; pertencia ao Moínho do Gantois.

Obá — mulher de Xangô, que por ele cortou sua própria orelha. Identificada com S. Joana d'Arc. Orixá guerreira.

Obás de Xangô — ministros de Xangô. Segundo E. Carneiro são: seis que se sentam a sua direita — *Abo-dun, Onikoyi, Aressa, Onanxokum, Telá, Olugbã* e seis que estão sentados à sua esquerda: *Aré, Otum, Otum Onanxokum, Ekó, Kabá Nfô e Ôssi Onikôyi*.

OBI — nós de cola, usado em obrigações no candomblé.

Ogã — antigamente protetor civil do candomblé. Hoje tirador de curimbas, cantador.

Ojá — ornamento usado pelas filhas-de-santo. É um pano branco usado à tiracolo.

Olubajé — comida preparada numa cerimônia especial para Omulu. A cantiga comum à esta cerimônia é:

Olubajé

Ajé um bó (bis)

Araê ajé um bó

Olubajé

Ajé um bó.

Olu — o chefe.

Omalá — comida de Xangô. Por corruptela usa-se *amalá*, significando comida de Santo em geral. Ajeum é comida que todos podem comer, não é tabu.

Olorum — Deus.

Omulucum — comida de santo, feita de feijão e ovos.

Opanijé — música especial para Abaluaê ou Omulu.

Opelê Ifá — rosário usado pelo Ifá e que servia para o babalaô ler o futuro. Hoje está substituído pelos búzios.

Orixá — divindade, Do nagô *Orisa*, que quer dizer imagem e por extensão divindade. Orixá é a personificação e divinização das forças da natureza, que é comumente chamada de *santo*.

Onilé — uma das mulheres de Xangô. Está em franco processo de desaparecimento.

Odó — barriga, vocábulo gêge.

Ori — do nagô, significa cabeça.

Oiá — outro nome de Iansã.

Obatalá — o céu, princípio masculino.

Odudua- — a terra, princípio feminino.

Orugã — intermediário entre o céu e a terra. Nasceu do casamento entre Iemanjá e Aganju.

Orobó — fruto africano usado em jogos de adivinhação pelo Babalaô, e também em sacrifícios religiosos.

Ogum — Orixá que ensinou aos homens o uso das ferramentas, do arado, Orixá dos caminhos e atualmente da guerra, das demandas.

Orunko — dia em que os Orixás das iniciadas dizem o nome ou *diginas*.